

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

INQUERITO LITERARIO SUL-AMERICANO	193
TRAGEDIA DE UM CAPÃO DE PINTOS	Monteiro Lobato. 206
ULTIMO ESCRIPTO DE TOLSTOI	Francisco B. Cordeiro . . . 215
A ESPECULAÇÃO DA SAÚDE PUBLICA	Heitor Maurano 217
TRIBUTOS INSANOS	Luiz Gonzaga Fleury . . . 221
MOVIMENTO EDITORIAL	229
A TOPONYMIA GEOGRAPHICA INDIGENA EM MINAS GERAES	Nelson de Senna 231
CAPITULO DOS SAPATOS	Paulo de Freitas 239
ONÇA VERSUS MARUÁ	Francisco Mondino. 243
A MEDIANOPHOBIA DE MOLIÈRE	Mucio da Paixão 250

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUISAS — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO - 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA

Teleph.

Cidade,

6278

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA,,"

Largo de S. Ephigenia, 8 - SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rede telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamnte escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a aquisição de uma boa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondencia para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. Paulo

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

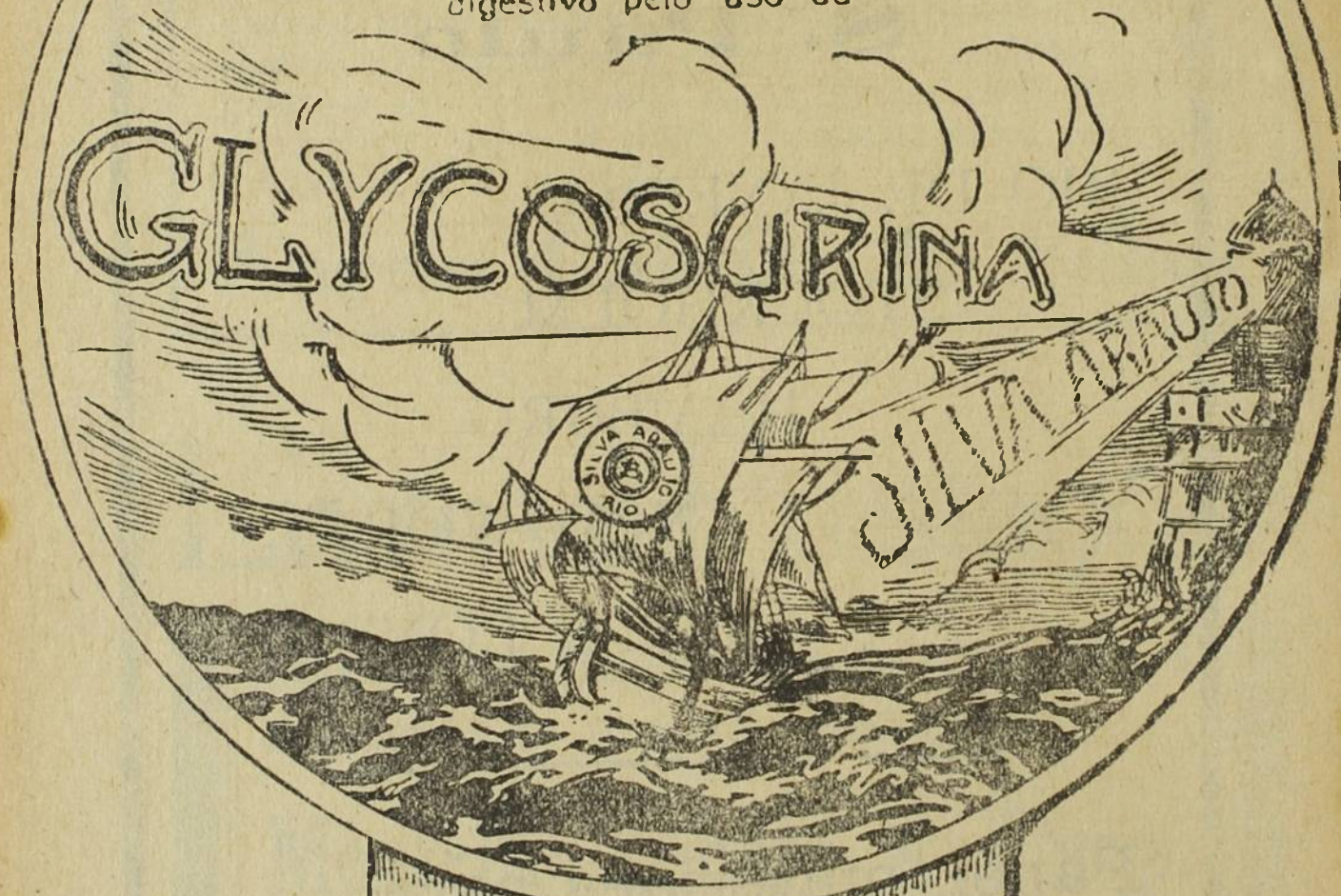
E LONDRES

Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestivo pelo uso da

GLYCOSURINA



herolico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

COMPREM TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario : AGGRIPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica ineditos. Traz a rese-
nha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar
de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Sexta - feira

13 DE JULHO

30:000\$000

POR 2\$700

Os bilhetes já estão á
venda em toda a parte.

O maior Sucesso Esportivo

“DICCIONARIO DO FUTEBOL”

Por GUY-GAY

diz “O ESTADO DE S. PAULO : “Cremos que não existe outro melhor trabalho
no genero em lingua portugueza : está destinado a ser o companheiro
indispensavel de todos os futebolistas”.

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. — Rua dos Gusmões, 70 — São Paulo

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

MUNDO DA LUA, de Monteiro Lobato	4\$000
NEGRINHA, de Monteiro Lobato	4\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	4\$000
BABEL, estudos de Mario Rodrigues	3\$500
A FELONIA DE VERSALHES, de Mario Pinto Serva	3\$500
14 MEZES NA PASTA DA MARINHA, de Veiga Miranda	10\$000
O ARARA, de Caliban	3\$500
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes.	3\$000
TROVAS DE HESPANHA, de Affonso Celso	4\$000
SONETAÇOS, de Antonio Lavrador	3\$000
MASCARAS, poema de Menotti Del Picchia	3\$000
ORPHEU, poema de Homero Prates	4\$000
NOITES DE PLANTÃO, de Amando Caiuby	4\$000
CORAÇÃO ENCANTADO, de Cleómenes Campos	3\$500
MORENINHAS, de Cesidio Ambrogi	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL; de Oliveira Vianna	12\$000
OS SERÕES DE DONA BRANCA, contos de Paulo de Freitas	4\$000
PEDRA D'ARMAS, contos de Pedro Calmon.	3\$500
TARANTULA, contos de Carlos Rubens.	3\$000
DUAS ALMAS, do conego Manfredo Leite.	4\$000

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

INQUERITO LITERARIO SUL-AMERICANO

B. SANCHEZ-SAEZ, dedicado amigo da "Revista do Brasil" e seu representante em Buenos-Aires, espirito inquieto, meigo e carinhoso, humilde embora infatigavel obreiro do idealismo, promoveu uma "encuesta" entre personalidades literarias de destaque na grande republica platina e em outras republicas irmãs, sobre o estado das relações mentaes entre o Brasil e os povos que o rodeiam. Fel-o de si proprio, sem suggestões de ninguem, movido apenas da altissima idéa de que é do reciproco desconhecimento dos povos que sobrevêm todos os males — e de que cada passo no sentido da approximação mental é um passo a mais no caminho fecundo da fraternidade.

Conhecimento traz comprehensão; comprehensão traz amor ou, no minimo, indulgencia generosa. E o conhecimento reciproco dos povos só ha de vir pelo intercambio de idéas e sentimentos expressos pela arte. Não nos approximam dos povos vizinhos os tratados, nem os salamaleques diplomaticos, nem as missões officiaes pomposas. Cousas são estas que, no commum, servem apenas para acirrar vaidades, apropositar remoques ironicos e dar ensanchas a que vomitem venenos as folhas que banho-mariam o odio na panella chôvinista.

Só approxima a arte. E' ella que faz da velha Grecia um povo sempre presente. Eschylo, Aristophanes, Phidias, Homero — são elles, os artistas, o segredo da eterna mocidade hellenica. Supprimam-nos e a Grecia virará uma remota expressão historica que nada mais nos dirá. França: qual o segredo da universal sympathia pela França, tamanha que nos tira olhos para lhe ver seus crimes? O eterno segredo, sua arte — a acção dos seus poetas, dos seus novellistas, dos Mussets, dos Maupassants, dos Barbusse. Atravez delles o pensamento francez revôa e, fixado em livros, vae pelo mundo inteiro conversar com os espiritos estranhos e florir-lhes as horas de estudo e meditação. Eliminem-se de França estas andorinhas que emigram e vêm pousar em nossos cerebros, e a França passará a méra expressão geographica, muda e cruel, antipathica e hostil.

Assim nós, sul-americanos. Se nos arrepiamos como gatos uns deante dos outros, e nos difamamos, e nos insultamos, é que nos desconhecemos, é que nossas andorinhas não saem dos beirões de origem, não revoam, não emigram, não vão pousar nos cerebros de além fronteiras.

Não levam para longe a graça do pensamento e os amavios da arte que uma só coisa, em todos os tempos, ensina: somos humanos; fronteiras existem para o que se arrasta; não as vê quem vò.

Machado de Assis, essa nossa suprema floração de esthesia, fadado a ser universal como Sterne ou Anatole — quem o conhece por lá? No entanto, que numero incalculavel de espiritos sua arte poria a commungar connosco se seus livros frequentassem as estantes platinas como os de France? Sarmiento, Alberdi, Rodó, se fossem familiares a nós outros, quanto operariam na diluição do estúpido antipathismo que o "chauvin" criminosamente vem alimentando!

O caminho é um só: interpenetração literaria reciproca; e faz obra, mais que de patriotismo, de humanidade, quem nella coopera na medida das suas forças.

Esta "encuesta" vem revelar o completo alheimento em que vivemos e como profundamente nos ignoramos de parte a parte. Nada mais logico, pois, que nos julgarmos tão mal, e que nos armemos uns contra os outros, ferozes e suspicazes.

A retracção literaria chega a ser criminosa. Mente ao destino da arte e deixa campo livre á acção do incomprehensivismo chovinista. No entanto, só a arte salva, só ella contrabate a obra do odio, só ella irmana, approxima. Contra-veneno efficacissimo, para que produza effeito é mister que deixe os beirões nativos e, andorinha da paz, revôe para longe, a florir almas e cerebros, a

ensinar a verdade das verdades: somos o instante humano do pó, com um dever apenas, imposto pela nossa infinita pequenez — amarmo-nos...

Sanchez-Saez formulou na sua "encuesta" as seguintes perguntas: 1.^a) *Que conheceis da literatura, classica ou moderna, do Brasil?* — 2.^a) *Que manifestação artistica ou espiritual do Brasil conheceis?* — 3.^a) *Que julgaes necessario para uma intelligencia mais ampla entre os dois paizes?* — 4.^a) *De que forma podereis cooperar para essa cruzada?*

As respostas, numerosas, são as que iremos consignando, cada qual precedida de uma apreciação de Sanchez-Saez sobre a individualidade do manifestante.

JUAN PABLO ECHAGUE

Juan Pablo Echague é um critico de alto valor, subtil e comprehensivo, que muito honra á moderna Argentina. Seus ensaios e estudos de critica e esthetica acham-se reunidos em cinco ou seis preciosos volumes, aos quaes ha de recorrer quem quizer inteirar-se do movimento artistico do seu paiz.

1.^a — Que conheço da literatura classica ou moderna do Brasil? Conheço particularmente a que esta "encuesta" chama classica, tendo começado a estudal-a na "Historia da Literatura Brasileira", de Silvio Romero, obra que me parece singularmente util para bem comprehender-se a evolução do espirito artistico e literario daquelle povo. Conheço a obra de Tobias Barreto, José Verissimo, Escragnole Taunay; no terreno da critica estou ao par das produções de Araripe Junior e Joaquim Nabuco e admiro a vasta e polyforme construcção de Ruy Barbosa. Vindo ás letras modernas, citarei em primeiro Olavo Bilac, de quem fui amigo, e em seguida Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Coelho Netto, Machado de Assis, J. C. Rodrigues, Aluizio de Azevedo, Oliveira Lima.

Dos ainda mais modernos, li com deleite Paulo Barreto, mas confesso meu pequeno conhecimento dos autores contemporaneos. Sem embargo, me é familiar o brilhante grupo de intellectuaes que collaboram na "Revista do Brasil", sob a direcção desses porta-estandartes do pensamento da geração mais moça, que se chamam Monteiro Lobato, Ronald de Carvalho e Brenno Ferraz. Mencionei ainda os nomes de Fabio Barros e Oscar Lopes, por cujo talento tenho viva sympathia.

2.^a — Que manifestação artistica ou espiritual é por mim co-

nhecida? Fóra a literaria, conheço apenas um ou outro cantor ou musico brasileiro de renome.

3.^a — Que julgo necessario para um entendimento mais amplo entre os dois paizes? Em primeiro lugar, a reciproca interpenetração literaria. Sou dos que creem que a literatura é o agente mais efficaz de propaganda e sympathia que um paiz pode ter no exterior. Exemplo: França. A interpenetração se fará por obra do intercambio intellectual e intensificará a sympathia entre os dois povos.

4.^a — De que forma posso cooperar para essa tarefa? Dentro da minha modesta esphera venho ha annos me esforçando para isso. Sempre que se me apresenta ensejo de falar de livros brasileiros que me chegam ás mãos, faço-o com enthusiasmo. Do meu lado, remetto meus proprios livros a escriptores brasileiros, dos quaes tenho merecido juizos que muito me honram. Na ordem internacional, como na social, amizade crêa a estima, o affecto e, frequentemente, a admiração. Brasil e Argentina podem e devem influir-se reciprocamente no campo da arte e das idéas. O genio nacional de ambos os povos pode e deve fecundar-se pelo contacto espiritual.

EDUARDO BARRIOS

Poucos escriptores americanos ascenderam tanto como Eduardo Barrios. Suas obras, quer em Hespanha quer nos paizes sul-americanos de lingua hespanhola, são lidas com admiração e respeito. "Un perdido", estudo da vida social chilena, recebeu os melhores encomios dos criticos mais exigentes. "O menino que enlouqueceu de amor" pintura magistral do coração humano, figura na collecção mundial das grandes novellas romanticas. E, como remate á obra construida até aqui, ha que citar sua obra prima — "O irmão Asno", digna dum fino artista da Renascença. E' ainda tido no Chile como columna fortissima do theatro nacional.

1.^a — Ignoro a literatura classica do Brasil. Da moderna li contos magistraes de Monteiro Lobato, a quem me proponho traduzir, e uma bôa novella de Mario Sette; "Chanaan", de Graça Aranha, esse livro cheio de poesia e idéas, e tão eloquente como expressão do paiz; alguns versos do glorioso Bilac, além de referencias ou opiniões que me hão despertado interesse por Machado de Assis, Coelho Netto, Afranio Peixoto, Oliveira Vianna, Amadeu Amaral e Menotti Del Picchia. Mais nada. Não quero mentir, justamente porque meu interesse é grande.

2.^a — Como manifestação artistica não conheço outra além da acima expressa. Em outra ordem espiritual venero Rio Branco e Ruy Barbosa.

3.^o — A intelligencia ampla entre nossos paizes deve ter por base o conhecimento mutuo dos respectivos homens de pensamento e coração, ricos de sympathia humana. E', porém, indispensavel para isso, já que possuímos idiomas differentes, uma traducção profusa de obras significativas. Nós, hispano-americanos, temonos descuidado do estudo do portuguez. Lemos algo neste idioma, graças á nossa inquietação, e sempre vamos mais por adivinhação do que pela posse da lingua. Se estabelecessemos um intercambio de professores e de obras traduzidas, começariamos a lançar os silhares efficientes, e o demais viria por si.

4.^a — Já disse que para cooperar na cruzada que a "Revista do Brasil" inicia, em tão bom momento, me ponho a traduzir os contos de Monteiro Lobato. E também escolherei alguns artigos de muita significação dentre os da "Onda Verde".

Como consequencia desta politica resultará o desaparecimento da interrogação que hoje se alça ante nossos olhos cegos, e sobrevirá o regosijo de irmãos que se ignoram, com grande beneficio da familia, unida e engrandecida.

"La Nacion", de Buenos Aires, começou a publicar collaboração de brasileiros. Magnifica idéa! Li alguns dos artigos mais representativos que me foram enviados e os farei transcrever aqui. Será um passo a mais nesta cruzada benemerita.

MANUEL GALVEZ

Manuel Galvez, sem duvida alguma, é hoje e sel-o-á pelo futuro adeante um dos primeiros prosadores da America. Como é de ver, neste circulo tão estreito de intellectuaes sinceros, uma figura de tão alta cultura tem de ser commentada, mais para mal que para bêm, a despeito do cunho da sua forte individualidade.

Suas ultimas obras "La tragedia de un hombre fuerte" e "Historia de Arrabal" obtiveram o mais caloroso exito. São formosos, perfeitos capitulos da vida no seu amplo sentido. Em que pese a opinião dos despeitados de camarilhas, a mão que traçou "El solar de la raza" e "Nacha Regules", é uma das affirmações gloriosas, fortemente positivas, que marcaram a nova geração americana.

Conhece bastante as letras brasileiras, e deixa-se seduzir pela serenidade do seu apostolado de bellezas.

1.^a — Creio que estou bastante ao par da moderna literatura brasileira. Minha iniciação começa com Gonçalves Dias, em verso, e com Machado de Assis, em prosa. Li trechos esparsos de quasi todos os bons poetas, e tenho algumas tinturas de novellas e obras de critica. Entre os escriptores da hora presente, tenho uma particular estima por Coelho Netto (que julgo a primeira figura das letras ibero-americanas), por Graça Aranha, por Afranio Pei-

xoto, por Monteiro Lobato por Mario Sette, por Gustavo Barroso, por Goulart de Andrade, por Claudio de Souza, por Vicente de Carvalho, por Léo Vaz, por Godofredo Rangel e pelos criticos Tristão de Athayde e Mucio Leão.

2.^a — Fóra da literatura, não conheço outra manifestação artistica ou espiritual do Brasil.

3.^a — E' demasiado vasta esta pergunta. Se nos limitarmos á literatura responder-lhe-ei que o unico e efficaz é a diffusão do livro. Não attribuo a menor importancia ao facto de nós, os escriptores, não permutarmos as nossas obras. Estou convencido de que nem os brasileiros lêem os nossos livros, nem nós os delles. O importante é que o publico conheça os escriptores. Mas isto não quer dizer que devam ser traduzidos todos os plumitivos de ambos os paizes. A literatura argentina não tem (com exclusão dos poetas, por não poderem ser traduzidos), mais de meia duzia de escriptores dignos de ser lidos no estrangeiro e de despertar interesse. Os que lá interessam serão os mesmos que interessam aqui. Quanto á literatura brasileira, talvez disponha de mais alguns nomes que a nossa. Os que interessam lá serão tambem os que interessam aqui.

4.^a — Contribui com meu grão de areia fundando a Bibliotheca de Novellistas Americanos. Nella figuram dois livros brasileiros; "Urupês", de Monteiro Lobato, e "Pater", de Claudio de Souza. Ambas as traducções são de Benjamin Garay, que tanto tem feito pela união dos escriptores dos dois paizes. Pensava eu editar em seguida "Rei Negro", de Coelho Netto, uma obra-prima; "Os sertões", de Euclides da Cunha; "O professor Jeremias", de Léo Vaz (um delicioso livro humoristico), e alguma coisa mais. Mas o publico não demonstrou interesse pela Bibliotheca. Agora pertence á Agencia da Livraria, conservando eu a direcção artistica. Se o publico auxiliasse, ainda se poderiam realisar grandes coisas. Mas neste paiz admiravel os que se preocupam com livros não passam de meia duzia de caturras...

Não creio que se faça nada de efficaz. A respeito destes assumptos sou de um fatalismo lamentavel.

PEDRO HERREROS

As modernas correntes da belleza abriram á poesia numerosos caminhos, dando o triumpho, em qualquer delles, aos poetas sinceros. Herreros, em seu estranho livro "Buenos Aires y otros poemas grotescos", é antes que um estranho poeta, um delicado sentimental que procura disfarçar seu somnambulismo. Todos os seus admiradores lhe perdoamos seus actos impensados, em attenção ao seu amor á arte e á vida. E assim o fazemos porque estamos plenamente seguros de que

Herreros é um poeta que de vez em quando, movido de certas ingratidões... faz farça e não belleza. "Las trompas de Falopio", seu proximo livro, dirá o grande e o agudo que é Herreros na prosa satyrica.

Parece-me excellente a iniciativa da "Revista do Brasil", promovendo entre os escriptores de lingua castelhana a "encuesta" a que vou responder.

1.^a — Não só ignoro a literatura classica do Brasil como até ignoro a existencia della. Jamais me chegou ao conhecimento o nome de nenhum escriptor classico que pudesse despertar-me a curiosidade. O que significa que devem estar muito occultos ou esquecidos, ao menos para nós, estrangeiros. Dos escriptores modernos pude ler aqui, na Bibliotheca Nacional, as "Poesias", de Olavo Bilac, "Sonetos e Poemas", de Alberto de Oliveira, e "Opalas", de Fontoura Xavier. Depois me occorrem os nomes de Ronald de Carvalho, Monteiro Lobato, Roberto Gomes, Arizonas e outros, conhecidos através de traducções de B. de Garay e Sanchez-Sáez.

2.^a — Não tenho noticia de que se haja feito aqui alguma exposição de arte brasileira. Tampouco sei de nenhuma revista de arte que reflecta o movimento artistico do Brasil.

Assim, pois, é-nos difficil fazer idéa do movimento artistico do Brasil. De artistas argentinos sei de alguns que foram expor no Rio. Lembro-me do nome de um — Guinquêla Martin. E creio que se sahiu muito bem. Não poderiam fazer o mesmo os artistas brasileiros? e virem até Buenos Aires?

Claro que o embaraço estará sempre na questão economica, a qual, como todas as questões, sempre com geito se resolve. Guimarães Novaes veio — e inda perdura entre nós a grata recordação dessa fina artista.

3.^a — Intercambio, intercambio e intercambio. Que os livros brasileiros se traduzam em hespanhol e vice-versa. Assim, pois, faz-se mister a cooperação do escriptor, do traductor e do editor, do livro e da imprensa.

Juntas todas estas forças, poder-se-á fazer muito. Porque motivo conhecemos mais aos poetas e prosadores portuguezes do que aos brasileiros? Porque os temos traduzidos por Valle-Inclán, Marquina, Gonzalez-Blanco etc., e porque vieram até nosso mercado, por intermedio de Mancci e outros editores. O livro brasileiro, conservando-se na lingua original, só será lido no Brasil, não sei se ainda em Portugal; porém, em Hespanha, aqui e nas outras republicas da America, muito poucos serão os que por elles se interessem ou possam lel-os. O mesmo podemos dizer do livro hespanhol ou hispano-americano em relação ao Brasil.

4.^a — Creio que esta pergunta já está respondida, e quanto a mim, posso cooperar e cooperarei na medida das minhas forças.

MANUEL MARIA OLIVER

Educador e novellista, coisas aliás synonymas, este americano possui um elevado senso da belleza e jamais em seus escriptos variou de perspectiva. Neste nosso trafico mercantilista as individualidades hão que se retezar como muralhas de pedra batidas pelo mar. "El cotillon de la Muerte", novella curta porem substanciosa, dá excellente medida da sua forte obra novellistica. Como sociologo e como critico, tanto na tribuna do seu reitorado de professor normal como na chronica para os periodicos, revela sempre a força da sua ideologia e da sua logica.

Até agora os escriptores sul-americanos não tiveram oportunidade de conhecerem-se uns aos outros e permanecem estranhos dentro do continente, emquanto a diplomacia, o militarismo e os interesses dos capitalistas pugnam pela separação dos povos, semeando prevenções e rivalidades fementidas. A essa politica nefasta e hypocrita, mal denominada americanista, devemos o andarmos a atijar defeitos no silencio das fronteiras fechadas, desacreditando-nos uns aos outros, como se as virtudes e os vícios não fossem communs a todos.

Contra este estado psychico e moral, morbido e misogenista, que ha a fazer? Uma approximação dos espiritos, verdadeira e ampla, não á maneira artificial das fraternidades de occasião, mas de modo permanente, logica e sem interrupções.

O melhor agente renovador será o homem de letras, o novelista, o romancista que com sua intuição esthetica retrata a alma das collectividades, dotando-as de vida em seu tom real e em seu fulgor pleno.

Que seria a Grecia sem Aristophanes, Tucydides ou Herodoto? Roma sem Plutarcho? Quem fez mais pela Argentina: as centenas de diplomatas que teve ella ou Sarmento com o seu "Facundo"?

Stendhal já disse que um livro é mensageiro eterno na communhão dos seculos. O diplomata ou o commerciante não são os verdadeiros embaixadores de uma nação, porque obedecem ao imperativo de interesses unilateraes e immediatos, que emergem de coisas ou aspirações objectivas.

A influencia delles não é permanente, nem profunda retardando a meudo com seus fins subalternos a solução dos problemas ethnicos e ethicos. Já o escriptor, que plasma a physionomia de uma multidão, projecta-se no espaço e no tempo e offerece o prisma das suas imagens como espelho fiel. A França tem saturado o mundo com a sua literatura; a Inglaterra reina por meio de seus

poetas e pensadores; Allemanha e Italia subjugam com a philosophia e com o prestigio da arte.

Brasil e Argentina não se conhecem de maneira intima, em gráo que os colloque em plano de amizade e sympathia. Nascidos da mesma fonte, são estranhos em seus movimentos psychicos, apesar das tentativas espasmodicas dos fazedores de tratados, que procuram a fraternidade com a isca dos protocolos e não com a da emoção enthusiastica do humanismo claro e franco.

Apesar dalguma critica que minhas palavras provoquem, não me creio equivocado dizendo, como ora digo, que o Brasil não nos é familiar, e que o ignoramos tanto quanto elle nos ignora. E está nisto a raiz de certas hostilidades latentes e instinctivas, que sempre rebrotam na imprensa e na tribuna chôvinista. Sabem o que me fez começar a admirar o engenho do povo brasileiro? A magnifica penna de Monteiro Lobato, alada como uma abelha de ouro!

A tarefa deve orientar-se pelo caminho da diffusão das letras nacionaes de ambos os paizes, sem que para ellas existam entraves, nem alfandegas, nem leis restrictivas; que venham do Rio a Buenos Aires, e vice-versa, livros e revistas, e que cada mensageiro perfume as almas com a sua ideologia e o pittoresco do seu estylo.

Não emittirei aqui um juizo sobre o Brasil intellectual, porque me escasseia a documentação respectiva; porém, do que li, me veio a convicção de que lá existe a emoção hellenica e a classica sabedoria, honra e prenda da concordia americana. Da minha parte estou disposto a cooperar no galhardo proposito da "Revista do Brasil". O methodo que se adopte é para mim indifferente e em minha opinião o que urge é que escriptores de lá e de cá se unam em uma só força, mais poderosa que as esquadras cheias de canhões e os exercitos com *tanks* mortiferos.

ADOLFO MARCHESCHI VANNINI

Não conheço nenhuma obra de Vannini, mas seu nome me é gratissimo. Infinitude de estudos de natureza esthetica encontro a miudo nos jornaes mais importantes. Seus commentarios sobre theatro são tidos em alta conta e tambem execrados, já se vê, pelos mercadores de Thalia. Profundo conhecedor da arte scenica, suas palavras são sempre serenas e elevadas. Como escriptor theatral, algumas das suas peças e especialmente "La Princesa Dorotea", são de um refinado gosto esthetico. Asseguro que, ao cabo de alguns annos, esta figura venha a occupar, no nosso theatro e no nosso periodismo, o logar que de direito lhe pertence, mercê do alto valor que representa.

Envio com prazer ao sr. Sánchez-Sáez os meus pontos de vista a proposito do questionario que, por seu intermedio, foi submettido aos escriptores e estudiosos argentinos pela valiosa pu-

blicação brasileira "Revista do Brasil". A' primeira pergunta: "Que conhece da literatura classica e moderna do Brasil", devo responder, com a sinceridade que caracteriza todos os meus actos, que da literatura brasileira só conheço alguns contos e fragmentos que de vez em quando vêm publicados na "Nacion" e em alguns outros diarios e revistas, de Monteiro Lobato, Coelho Netto, Mario Sette, Ronald de Carvalho e de outros notaveis escriptores que me fez conhecer especialmente Sánchez-Sáez, este Quixote a quem se deve, em grande parte, a actividade para a fraternidade argentino-brasileira.

Como se vê, são poucos os conhecimentos de que disponho para me desembaraçar, com segurança e galhardia, da tarefa de dizer algo da literatura brasileira, e seria uma imperdoavel pedanteria se tal fizesse. Posso dizer apenas que o pouco que li da moderna literatura do Brasil me agrada sobremaneira pelo flexivel da prosa, desenho e caracteres e galas do estylo, como em Coelho Netto e Lobato. A influencia da terra exuberante, rica de dons naturaes, faz-se sentir nesses escriptores, eximindo-os do doloroso esforço que imporia um solo esteril. Da minha ignorancia a respeito da literatura do Brasil, não me cabe plena culpa, visto que ha uma ou outra obra traduzida em castelhano e, si bem que a lingua portugueza não seja impenetravel a um latino, exige sempre um accentuado esforço para a boa apprehensão dos matizes e das subtilezas literarias. Por essa razão é mister intensificar o intercambio e a traducção reciproca das boas obras.

Quanto ao terceiro quesito, é ponto este que possui para mim muita transcendencia historica, social e internacional. Historica, porque ambos os paizes possuem intimas affinidades de formação; porque no desenvolvimento de ambos nunca houve guerras de conquistas exigidas pela natureza das cousas, resultando disso que motivos não ha para suspeitas e rancores.

Internacional, porque não havendo razões historicas e sociaes de hostilidades, são rebuscadas e artificiaes todas as intrigas de certa politica bellicosa que, por venalidade, procura envenenar a cordialidade argentino-brasileira. D'ahi a generosidade desta cruzada de intercambio literario e artistico, que revelará a ambos os povos os meritos respectivos e dissipará o negro fanatismo que, tenha este ou aquelle nome, é sempre filho da ignorancia e inimigo da verdade e da razão.

Quanto ao ultimo ponto, acho que o caminho pratico está na traducção e diffusão reciproca de boas obras de lá e de cá, não devendo os artistas desprezar para isso nenhum meio de publicidade.

MARIANO ANTONIO BARRENECHEA

Este desassombrado pensador parece feito de aço. Seus livros "Ensayo sobre Federico Nietzsche", "El idealismo estetico", e "El escepticismo contemporaneo", constituem os mais concretos estudos de critica philosophica apparecidos neste pais.

Entretanto, muito pouco se falará deste extranho escriptor nos cenaculos intellectuaes porque elle vive encerrado dentro do seu reducto brutesco. Além de ser um grande critico musical, é um infatigavel homem de trabalho. Mergulhado em seus ideaes scientificos, dá-me elle idéa de um asceta do Renascimento.

Suas obras mereceram o applauso da critica estrangeira, e "El ensayo sobre Federico Nietzsche" figura na Bibliotheca Americana, dirigida pelo sr. Rufino Blanco Fombona, em Madrid.

1.^a — Nada conheço da litteratura do Brasil.

2.^a — Devo responder da mesma forma que a anterior.

3.^a — Seria necessario que os diarios e revistas do Brasil convidassem a collaborar em suas paginas os escriptores argentinos e que os periodicos argentinos fizessem o mesmo com os escriptores brasileiros. Deveriam ser traduzidas tambem obras argentinas no Brasil, e reciprocamente, sempre as mais caracterizadas.

4.^a — Estaria disposto a ceder meus direitos de autor a quem quizesse publicar em portuguez as minhas obras ou parte dellas.

FAUSTO BURGOS

Podemos dizer sem receio de erro que as correntes e formações literarias nestes paizes da America não pertencem a decadas ou a lustros, sequer; o passado e o presente confundem suas entradas e sahidas. Tão prompto surge um escriptor de tendencias ultra-modernistas, como apparece um irmão de Lamartine, resultando o modernismo ou o romantismo fructos naturaes do tempo. O que sae bom, pôde servir de modelo a escriptores europeus, como é o caso de Fausto Burgos. Suas obras são uma successão continua de novellas, as quaes, como disse Torrendall da "De Tucuman..." revelam no autor um mestre do idioma, da vida e da arte. Depois desta sentença, inutil qualquer commentario da minha parte.

1.^a — Li apenas o formoso livro "Urupês", de Monteiro Lobato. "Urupês" é verdadeira obra prima no seu genero.

3.^a — Creio que se poderia formar uma cooperativa que editasse obras argentinas em portuguez e brasileiras em castelhano. Poderiam ser accionistas quantos escriptores o quizessem, elegendo-se para a direcção os já consagrados. Como havemos de conhecer obras da literatura brasileira se não apparecem cá nenhuma, e menos ainda traduzidas?

CONCLUSÃO

A “encuesta” de Sanchez-Sáez esclarece muito bem a questão. Somos desconhecidos dos nossos vizinhos e pessimamente os conhecemos. O caminho, entretanto, está traçado e é um só: intercambio. Havemos que nos colligar todos os interessados — autores, editores, livreiros e jornalistas. E’ da acção entrozada de todos estes elementos que ha de vir a solução do problema. Aos homens de alto pensamento e aos artistas impõe-se o dever de annular a obra malsã dos envenenadores da cordialidade, mesquinha gente, irmã do percevejo, quando não gente alugada á industria européa de canhões. Até aqui, um ou outro abnegado tem mettido hombros á tarefa. Um Garay, um Sanchez-Sáez, um Bustamante, um Sotto y Calvo.

D. Quixotes da fraternidade, apesar da nenhuma ajuda e da nenhuma recompensa advinda, proseguem na generosa cruzada — e a elles devemos o terreno já conquistado. Na Argentina, Manuel Galvez ideou e realizou em parte o magnifico programma da “Bibliotheca de Novellistas Americanos”. Não proseguiu, mas o que fez está feito e é passo a passo que grandes cousas se realizam.

Entre os jornaes, cumpre destacar “La Nacion”, cuja tradição de amizade pelo Brasil não se limita a palavras vãs. Já publicou em rodapé “O Guarany”, “Chanaan” e outros livros nossos, editou-os em volume e hoje enche as suas paginas de copiosa collaboração brasileira, num gesto que muito nos lisonjeia. Nenhum grande jornal brasileiro a acompanha nesse programma, e é pena, embora isso se explique pela pessima situação economica em que se encontram, graças ao nosso maravilhoso descalabro financeiro expresso em cambio a 5.

Esperamos, todavia, que tal situação não se eternize, e que tenhamos ainda por cá um movimento de reciprocidade, fecundo como está sendo o de “La Nacion”.

A casa Monteiro Lobato & Cia. vae tambem cooperar na tarefa. Lançará a “Bibliotheca Sul-Americana”, abrindo-a com o “Facundo”, de Sarmiento, obra de genio, que está para a Argentina como “Sertões”, de Euclides, estão para nós.

Dará em seguida obras de Galvez, Ingenieros, Quiroga, Eduardo Barrios, Cancela, Capdevilla, Hugo West, Salaverri e tantos outros, além dos livros capitaes de cada uma das republicas irmãs, a começar do Mexico.

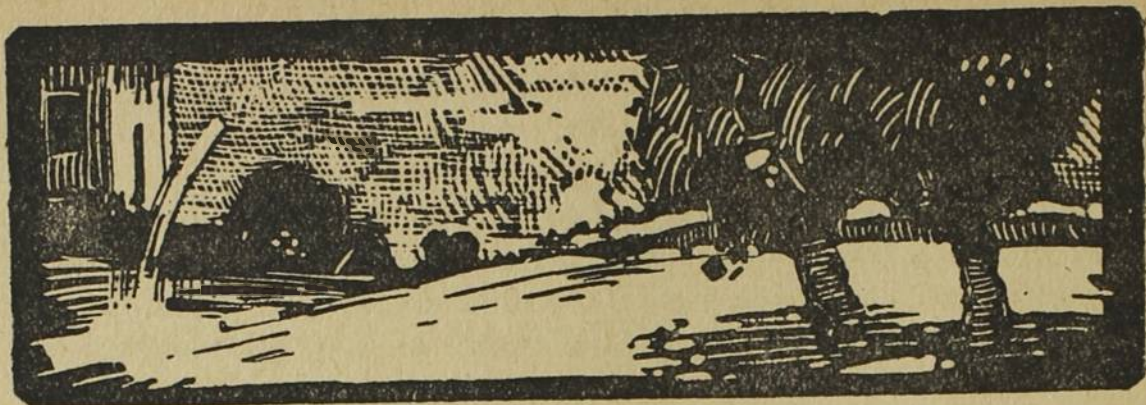
Todas as republicas sul-americanas possuem a sua “Innocencia”, o seu “Guarany”, o seu “Sertões”, isto é, uma ou duas obras primas de profundissimo cunho nacional, e nosso publico não pode,

como até hoje, viver no absoluto desconhecimento dessas supremas florações da mentalidade sul-americana.

Muito temos pregado o intercambio, dissertado sobre elle. Isso não basta, nem altera de uma linha o estado de cousas. E' necessario pôr de lado a parolagem vã e metter hombros á realização. Benjamin de Garay, com algumas traducções, fez mais pelo Brasil na Argentina do que todos os discursadores que "estigmatizam", "urgem" e... só.

Fechando esta noticia, cumpre-nos agradecer a Sanchez-Sáez o seu generoso commettimento, do qual, esperamos, muitos frutos havemos de colher, e tambem aos illustres homens de letras que com tamanha gentileza acudiram ao seu appello.





TRAGEDIA DE UM CAPÃO DE PINTOS

NASCERAM na mesma semana um pinto, um perúzinho e um marreco.

Até aqui, nada. Todos os dias veem ao mundo marrecos, perús e pintos sem que isso ponha comichões na penna dos novellistas. O estranho do caso foi que nasceram irmãos, contra todos os preceitos das sciencias biologicas.

Explica-se. Tio Pio, preto cambaio a quem incumbia a faina do gallinheiro, teve a idéa de reunir sob certa gallinha que chocava apenas cinco ovos, mais tres de perúa e dois de marreca, salvos de ninhadas infelizes, conseguindo assim dar vida áquella estranha irmandade de nova especie.

Dos nove ovos só vingaram tres, e lá estavam os productos, já crescidotes, sob a guarda solícita do Péva-de-raça, capão de pintos posto a pageal-os para que dona gallinha não perdesse tempo com tão pífia ninhada.

Triste sorte na fazenda a dos gallos cotós de pernas! Tio Pio os punha de parte para capões de pintos, transformando os bellicosos "clarins da aurora" em tristes eunuchos, bichos metade gallo, metade gallinha, senhores de crista, espora e cauda flamante não mais destinadas a seduzir frangas, senão a divertir pintinhos.

Péva-de-raça tinha este nome pelas razões que o nome indica. Mas vá lição para os leitores da cidade, gente que de gallo e gallinha só conhece o da torre das igrejas e as que apparecem ao jantar, em molho pardo. *Péva*: perna curta; *de raça*: raça estrangeira.

— A mó' que Plimú, explicava Pio aos interpellantes.

Excellentes sujeito o Péva! Tomara os orphãos no primeiro dia, sem nenhuma reluctancia, e dera com elles criados á custa de infinitos de pachorra.

Muitos dissabores soffreu. O marrequinho sobretudo causou-lhe sérios aborrecimentos. Havia na fazenda um tanque bordado de tabôas esveltas, rico de trahiras e sapinhos de cauda. Esse tanque era a mania do lindo *pon-pon* d'arminho amarello. Quantas vezes não ficou o Péva á beira d'agua, seguindo de olhos afflictos as evoluções do mimoso palmipede, que nella penetrava, e nadava, e mergulhava com louca affoiteza, inconcebível para o velho capão!

Já os outros não o affligiam tanto. Divertiam-no até. O capão gostava de ver o peruzinho em caça ás moscas. Margricela e tonto, como sabia marcar a presa, chegar-se com extrema lentidão e, de repente — *pâ!* — uma bicada certa!

O pinto, esse era mestre em travessuras. Subia-lhe ás costas, tenteando-se nas asinhas, e trepava-lhe pelo pescoço até alcançar a crista, cujas carunculas bicava.

Era muito cauteloso, o Péva. Se vinha chuva, punha-se logo de agacho, para abrigo dos guryrs — de dois apenas, que o terceiro, o marreco, nenhum caso fazia da agua, antes pellava-se por chuva, só recolhendo ao sentir-se entanguido.

E era muito methodico. Mal a tarde fechava a carranca annunciativa da noite, lá ia elle de rumo ao terreiro, aninhar-se rente ao muro, sempre no mesmo lugar. Escarrapachava-se alli, ao geito das gallinhas e esperava que os orphãos, depois d'umas derradeiras voltas por perto, viessem chegando e se mettessem dentro da plumosa casa viva. Entrava primeiro o Perú, um friorento de marca; depois o pinto; o marreco por ultimo.

E o Péva cochilava, transfeito em exquisito animal de quatro cabeças: a sua, grande, cristuda e mais tres cabecinhas curiosas, que abriam setteiras na plumagem e espiavam o mysterio do mundo a envolver-se nas sombras da noite...

Aquella singularidade deu nome e renome aos tres bichinhos. Quantos pintos, Perú e marreco houvesse na fazenda eram todos conhecidos por pinto, Perú e marreco, genericamente. Só elles se personalizavam. Eram o Pinto Sura, o Peruzinho do Capão e o Réco-Réco. Seres privilegiados, libertos da disciplina commum do gallinheiro, tornaram-se logo as creaturinhas mais populares daquelle pequeno mundo. Viviam soltos, sem lei nem grei, como bohemios errantes, encontradiços por toda a parte — nos chiqueiros, nos pastos, ao pé das tulhas, á porta das cozinhas, onde quer que houvesse fartura de milho, siriris e quiréras.

Havia na fazenda outros animaes populares. Havia a Russa, mulinha de carroça bastante velha e proxima da aposentadoria. Só trabalhava em serviços leves de terreiro, puxando a "carrocinha de dentro". Pertencera á tropa, transportára muito café para a cidade, sempre com carga de oito arrobas; hoje, coitada! trazia o pêlo roído e não aguentaria nem tres.

Entre as vaccas era a Princeza a mais popular. Vacca de estimação. Enriquecera a fazenda de numerosos filhos, entre os quaes o possante Beethoven, agora pastor do rebanho. Déra ainda a Rosita, vacca de truz, fiel á estirpe e certa nas doze garrafas. E quantas outras crias que já andavam por sua vez de bezerrinho novo, ou na canga, a puxar carros! Em virtude disso gosava a Princeza de certas regalias. Vivia ás soltas, livre de cercas, sempre no pasto dos porcos, occupando o tempo em mascar babosamente boas palhas de milho.

Quem mais? Sim, o Vinagre — fiel guardião da "casa grande", veadeiro de fama outróra, hoje um dorminhoco que o que fazia era cochilar ao sol, de focinho entre as patas e olhos lacrimejantes.

Todo elle era passado. Durante as somnecas vinham agital-o pesadelos, nos quaes reviviam as scenas violentas das caçadas de antanho. E o glorioso veterano acuava a dormir.

Os homens nunca prestam grande attenção aos animaes que os rodeiam.

Brutinhos, dizem, e desprezam-nos. Mas a verdade é que a esses nossos manos o que os inferioriza é não possuirem o dom da fala, pelo menos de fala intelligivel para nós, visto como pensam e superiormente raciocinam. Todo o movimento da fazenda é por elles acompanhado e observado lá do ponto de vista de cada um, donde o possuirem sobre os homens e as cousas idéas terrivelmente logicas.

Alli na fazenda eram todos concordes num ponto: a supremacia de Tio Pio sobre os demais seres humanos. Era Ti'Pio a providencia que nada esquece, a justiça que dá e pune, o amor que comprehende, o deus que cura, a ordem que tudo simplifica.

Para o trio do Péva era Ti'Pio o Recolhe-ovos, o Deita-ninhadas, o Mata-Piolho, o Varre-gallinheiro, o Péga-frango, o Arrumatinho, o Traz-quiréra, o Rebenta-cupim, o Espanta-cachorro, modalidades varias d'um alto espirito de providencia.

Para a Princeza era o Traz-milho, o Tira-leite, o Prende-bezerro, o Esvurma-berne, o Fécha-porteira, o Bóta-no-pasto.

Para a mulinha, era o Põe-carroça, o Arruma-arreios, o Escóva-pêlo, o Dá-ração.

Para o Vinagre, era o Lava-cachorro, o Traz-angú, o Atiça, o Prêga-pontapés.

Só elle, entre tantos homens da fazenda, revelava-se, apesar de preto, claro de intenções e comprehensivel; só elle não podia desaparecer sem grave damno geral. Lembravam-se de como todos padeceram uma vez que Ti' Pio cahiu de cama.

Houve desordem grossa. Pintos morreram de fome, Vinagre emmagreceu, a Princeza viu-se privada de palha, o Péva dormiu fóra do terreiro pela primeira vez. Ao cabo de dez dias, quando o preto resurgiu, recém-sarado, foi como se repontasse o sol em seguida a longo estirão de chuvas. Que alegria!

As demais creaturas humanas afiguravam-se-lhes mysteriosas e sobretudo illogicas. Impossivel a Vinagre entender o patrão. Já de cara alegre, já de cara amarrada, recebia-o alternativamente com carinho ou ponta-pés. E o velho cachorro philosophava: como é que um mesmo acto meu, sempre gesto de afago e submissão, ora recebe premio, ora castigo? Não o entendia...

E muito menos o entendiam o Péva, a Princeza e a Russa.

Mandava em tudo, aquelle homem. Inspirava terror. Sua presença no curral ou no pasto era signal certo de calamidade — morte, prisão, tortura. “Mate aquelle boi”, “pégue aquelle frango”, “arreie aquelle cavallo”, “cápe aquelle porco”. Mate, pégue, arreie, cápe, venda, esfole — não se lhe ouviam outras palavras. E toda gente corria pressurosa a executar-lhe as ordens, por mais tyrannicas que fossem.

Egualmente incomprehensíveis os filhotes de homem. Que creaturinhas variaveis, irrequietas, crueis! Sempre de vara na mão, perseguiam abelhas e borboletas, esmagavam os sapos, atropelavam as gallinhas. Ao vel-os, Vinagre disfarçadamente sahia para longe e o Péva bandeava-se com os orphãos para o outro lado dalgum vêdo. Só a Princeza nenhum caso delles fazia, certa do terror que lhes inspiravam os seus longos chifres.

Já a Dona, mulher do Senhor, não infundia medo senão ás aves. Terrível inimiga do gallinheiro! Depredava os ovos, e condemnava á morte justamente os mais bellos frangos e as mais respeitaveis matronas de penna — “gallinhas velhas”, como dizia a ingrata.

Para os outros animaes a Dona significava apenas ignorancia. Era a “Perguntativa” e a “Muda-côr”. Hoje de côr de rosa, amanhã de azul, não usava côr fixa. E vivia interrogando:

— Pio, que burro é esse?

— Não é burro, Sinhá, é a mulinha russa.

Perguntava sempre. Que *caroços* eram aquelles na vacca? Que *boi* estava rinchando no pasto? Que *trepadeira* andavam a tirar das laranjeiras?

Viera duma cidade grande, havia pouco tempo, cheia de gritinhos e medo aos bichos. Ignorava tudo, fóra pilhar ninhós. *Papa-ovo*, appellidou-a o Péva, como já havia appellidado o tio Pio de *E'-hora*, e aos demais camaradas da fazenda de *Sim-Senhores*, porque *Sim-Senhor* era o estribilho com que habitualmente retrucavam a todas as ordens do Dono.

Por uma tarde igual ás outras recolhia-se Péva ao pouso do costume, seguido dos tres orphãos, já marmanjões.

No céu, a caraça vermelha do sol escondia-se detrás do morro, e na terra os primeiros grillos ensaiavam as asas cricrilantes.

Rente á porteira, a mulinha, solta no pasto minutos antes, espojava-se regalada.

— Boa tarde! saudou o Péva. Cançadinha, hein?

A mula interrompeu a cabriola e abanou as orelhas, como quem diz: é verdade. Depois, falou:

— Acho prudente que v. tome cuidado com seus filhos. A Perguntativa anda interessada por elles e isso é máu signal. Vi-a em conversa com *E'-hora* e pilhei do que diziam este pedacinho: “O marreco do capão está no ponto.” Não sei que quer dizer isso, mas bôa coisa não será.

O Péva enrugou a testa, apprehensivo. Jamais a Perguntativa se referira a alguma ave sem que logo sobreviesse desgraça — “Está no ponto” — que quereria dizer aquillo?

A mulinha ignorava-o. Sabia de algumas palavras triviaes, conhecia o pégue, prenda, mate — mas o “está no ponto” era-lhe coisa nova.

— Quem ha-de saber disto é o Vinagre. Móra na casa grande e entende a lingua dos homens melhor do que nenhum outro animal. Consulte-o e não deixe tambem de consultar a Princeza, cuja experiencia da vida é grande.

Péva se foi á Princeza, que encontrou mascando as palhas do costume.

— “Está no ponto” — poderá dizer-me, senhora Princeza, que coisa significa na lingua dos homens?

A vacca interrompeu a mascação e disse:

— Já ouvi essa palavra applicada ao meu filho segundo, o Barroso. Tinha elle dois annos e meio. O Dono passava em companhia de um Sim-senhor. Avistou-o de longe, no pasto e ordenou:

— Aquelle boizinho está no ponto. Carro com elle!

No dia seguinte laçaram-no, metteram-no na canga e o pobre do meu garrote muito que padeceu a puxar um carro pesadissimo. Deste incidente concluo que “estar no ponto” quer dizer carro.

Péva, um tanto curto de idéas, tremeu ante aquella revelação. Horror, metterem no carro ao seu querido marrequinho! Em se-

guida duvidou. Andar no carro era coisa que só vira fazer a bois. Não podia ser. A vacca errára.

— Resta-me consultar Vinagre, reflectiu, e todo pé-pé, com ruguinhas de apprehensão na crista, foi ter com o velho cachorro.

Vinagre não resolveu o enigma, embora respondesse como o mais sabio dos oráculos:

— Póde ser mil coisas. A linguagem dos homens varia, ora quer dizer isto, ora aquillo. Mas que não é coisa bôa, affirmo-te.

Nesse dia o capão, seguido dos orphãos, recolheu-se ao pouso habitual sem a despreocupação de outróra. Custou a conciliar o somno. Não lhe sahiam da cabeça as palavras mysteriosas. Por fim, dormiu e sonhou. Sonhou que ao lado do Barroso jungiam ao carro o pobre marrequinho. O sonho virou pesadelo e Péva soffreu horrores ante o quadro do filho adoptivo a debater-se sob a monstruosa canga.

No dia seguinte, no momento da ração de milho, E'-hora, de um bóte, agarrou o marreco pelas pernas e se foi com elle a debater-se rumo da Cozinha.

Afflictissimo, tomado de immenso desespero, Péva inda alimentou esperanças de vel-o voltar. Mas a noite veio e com ella a primeira desillusão da sua vida. Nada de marreco. Pela manhã, nada. Meio dia, nada.

A' hora do jantar encontrou Vinagre roendo uns ossos no terreiro.

— Que é isso, amigo?

— Ossos de marreco.

— De marreco! exclamou Péva surpreso.

— Sim. Que admiras? Que os marrecos tenham ossos? Têm-nos, e excellentes...

Péva estarreceu. Comprehendia, afinal, o tremendo sentido das palavras mysteriosas. "Está no ponto" significava condemnação á morte. Horror!

Guardou consigo, entretanto, aquella magua. Nada disse ao peruzinho, nem ao frango, prevendo para os dois uma sorte identica.

— Bem triste a vida sob o dominio cruel do homem! Nada de bom vem delles... philosophou.

Nessa mesma tarde Péva cruzou-se com a Princeza e disse-lhe:

— Erraste, Princeza. "Está no ponto" quer dizer morte.

A vacca parou a mastigação da palha e sorriu da ingenuidade do Péva. Ella tinha tanta certeza que queria dizer carro...

O tempo correu.

A vida na fazenda rolava na mesmice de sempre. Tudo continuava. A Ruça a puxar a carrocinha, a Princeza a mascar palhas, o Vinagre a acuar em sonhos.

Só na tribu do Péva a alegria não era a mesma. Saudades do marreco. Varias vezes indagou o Sura do destino de Réco-Réco, forçando o capão a mentir. "Anda de viagem, uma longa viagem... Um dia volta." Mas com que tristeza punha os olhos no tanque ou nas poças de enxurro que se formavam em dias de aguaceiro!

Nunca mais...

O tempo corre, as estações se succedem e a primavera se annunciou nos mil botões que arredondavam nas laranjeiras. Os orphãos do capão já eram mais companheiros de ciscagem do que filhotes pipilantes. Já dispensavam sua assistencia solícita. O peruzinho, grandalhudo e bem empennado, fez-se independente. O frango punha crista, com as esporas abotoadinhas. Mudára de genio, e se via alguma franga, ia-lhe arrastar a asa até que algum gallo o escorraçasse.

Certa manhã a Perguntativa veio assistir á milhagem das aves. Fez varias perguntas e deu varias ordens ao Pio, concluindo, de dedo apontado para o frango:

— Está a pedir panella, aquelle!

— Qual, Sinhá? O Sura?

— Sura quer dizer sem rabo? E'. E' elle mesmo.

Péva, que ouvira a conversa, engasgou-se com o grão de milho que tinha no bico, perdeu a fome e incontinenti retirou-se do bando. Embora não comprehendesse o sentido daquellas palavras, previu que "bôa coisa não seria", como philosophava o Vinagre.

E acertou. O frango, no dia immediato, desappareceu do terreiro mysteriosamente. Péva procurou-o por todos os cantos e, desconfiado, foi rondar os fundos da cozinha, na esperança de ouvil-o piar lá dentro. Não ouviu pio nenhum, mas encontrou pennas suspeitas no monte de lixo...

Adquirida a certeza do novo desastre, fez-se inda mais tristonha a vida do pobre capão. A Cozinha! Era nas goélas daquelle horrendo Moloch que successivamente iam desapparecendo os seus queridos orphãos. Engulira o marreco, engulira o frango... Euguliria tambem o peruzinho, porque não?

Velho e desalentado, com o coração sempre saudoso dos travessos garotinhos que creára, o capão tornou-se macambuzio. Inda passeava com o peru', apesar da cada vez maior independencia deste. Notou Péva que era elle, Péva, quem o acompanhava agora. Notou-o, mas procurou illudir-se e simulava amadrinhal-o...

Pela força do habito inda dormiam juntos, no antigo pouso ao pé do muro. Mas logo o peru', que é amigo de poleiro, elegeu um, commodo, em certa escada velha, e o capão teve de acompanhá-lo na mudança. Havia seu pico na scena: o filho Perú duas

vezes maior que seu pae capão, juntinhos e encorujados no mesmo degrão da escada.

Assim viveram até a chegada do Anno Bom.

Na vespera a Perguntativa appareceu no momento da milhagem e disse ao Pio:

— Olhe, amanhã temos o Perú. Não esqueça de comprar pinga.

Desta feita Péva não vacillou sobre o sentido da expressão. “Está no ponto”, “pedir panella”, “temos o Perú” deviam ser phrases equivalentes. Estava pois condemnado a entrar para a Cozinha o seu derradeiro filho...

Cheio de resignação — e com a alma em transe, Péva passou o dia num canto, jururú, remoendo recordações de outróra. Ao cahir da noite recolheu-se. Empoleirou-se na velha escada e achou muito natural que o Perú não o comparecesse.

Dormiu tarde, mas dormiu, embora o seu somno agitado fosse interrompido de estremeções de angustia.

No dia seguinte notou movimento fóra do commum na casa grande.

Vinha gente de fóra, mulheres de trole, homens a cavallo. Vinagre, esquecido da somneca do costume, entrava e sahia, abandonando a cauda, como se fosse um cachorro novo.

Num destes vae-e-vens Péva o deteve.

— Que ha na casa grande? Tanta gente...

— Ha Perú, respondeu o cão. Quando ha Perú os homens se assanham, vestem roupas novas, brincam e dançam. Tenho notado que a presença do Perú á mesa provoca nos homens uma especie de delirio, como entre as gallinhas a queda dos içás.

Esta observação do cachorro, embora muito lisonjeira para a raça dos Perús, não consolou nada ao nosso Péva, que se sentiu ganho, menos de tristeza que de morna indiferença pela vida. O successivo sacrificio dos filhotes callejara-lhe por partes o coração. No dia do marreco a dôr que sentiu foi verdadeira dôr de pae; em seguida, pela morte do frango, a sua dôr foi dôr de pae adoptivo; agora, ao perder o Perú, a dôr era calma e resignada. Dôr de philosopho. Péva comprehendia, afinal, que a vida foi, e é assim, e não melhora...

Os capões inspiram desprezo aos gallos e talvez piedade ironica ás senhoras gallinhas. Deste modo Péva, em sua triste solidão, deambulava pelo terreiro como creatura sem lugar na vida. As lindas frangas, as viçosas poedeiras e até as velhas gallinhas aposentadas, tinham pela sua honesta companhia um profundo desdem. E como nem os frangotes o procuravam, o isolamento do triste eunucho era completo.

Foi quando Pio lembrou-se de pô-lo a criar nova ninhada.

— Anda atôa aqui, este diabo... Espera que te arrumo.

Agarrou-o, levou-o ao galinheiro, esfregou-lhe ortiga no abdômen e deitou-o sobre uma ninhada de dez pintos nascidos na vespera.

Não offereceu Péva a menor resistencia. Deixou fazer. Agachou-se como outróra, e cobriu lindamente os gentis recém-nascidos.

Altas horas, porem, ergueu-se e tomou rumo do poleiro, abandonando aos frios da noite a roda de pintinhos pipilantes.

Não mais queria exercer a profissão de mãe. Para que?

— Se teem de morrer na Cozinha, morram agora, emquanto lhes não tenho amor.

Assim foi. Os pintos amanheceram mortos, entanguidos de frio, com grande escandalo do preto, que esbravejou:

— Cachorro! Você fez, mas paga!

Houve um corre-corre. A gallinhada assustadiça debandou e os marrecos se metteram no tanque.

Cotô de pernas, frouxo de asas, Péva pouco resistiu á perseguição do negro. Rendeu-se e, seguro pelas patas, de cabeça para baixo, com as idéas perturbadas pela congestão do cerebro, por sua vez transpoz a soleira da Cozinha insaciavel de vidas, odioso tumulto de Réco-Réco, do Sura, do Perú e agora do veneravel tutor da estranha irmandade.

Quem, na manhã do dia seguinte, passasse pelo fundo da horta veria no monte de lixo um punhado de pennas escaldadas, murchas, sem côr, sujas de cinza. E veria duas pernas rugosas, de longas espóras recurvas. E veria ainda uma dolorosa cabeça de crista violacea, com olhos semi-abertos, em cujas pupilas de vidro varias formiguinhas se miravam.

Horriveis aquelles despojos?

Um urubú pousado na taipa não pensava assim...

MONTEIRO LOBATO

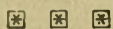




ULTIMO ESCRIPTO DE TOLSTOI

O celebre escriptor russo, na sua hegira do lar, quasi seguida da sua morte, despertou, no mundo inteiro, vivissimo interesse.

Houve, evidentemente, nos ultimos actos do octogenario de Yasnaiia-Poliana, um caso de consciencia, que o mesmo preludiou em famoso artigo, escripto pouco tempo antes da sua morte e que, por achal-o interessante e pouco conhecido, procurei traduzir litteralmente, dando-o a revêr a um russo, que o conhecia do original.



MINHA ULTIMA PHASE

“Sinto, de modo bem claro, enfraquecer-se em mim o interesse, não só pela minha propria personalidade, minhas tristezas e alegrias (felizmente já ha muito sepultadas completamente), como tambem pela felicidade do meu povo e pelo bem da humanidade.

“Já não posso, com o arrojo de outras épocas, entregar-me á defeza da causa publica, encomiando a necessidade da instrucção, da sobriedade, da extincção da pobreza, etc.

“O que se me demonstra cada vez mais é a minha crescente indifferença pelo bem publico e pela averiguação de ser possivel ou não, a realização do reinado de Deus entre nós.

“Depois de censurar-me por essa mudança operada em meu espirito, reflecti sobre a causa que a poderia ter determinado, e cheguei á conclusão de que todos os homens atravessam tres phases em seu desenvolvimento intellectual, e eu percebo que me encontro na ultima.

“Durante a primeira, o homem só vive para si, ao impulso de suas paixões bestiaes, pensando sómente em comer, beber, divertir-se, accumular honras e glorias. Sua existencia é summamente variada e cheia de satisfações. Foi esta a minha existencia até aos trinta annos, o que vale dizer, até á primeira ruga. Ha todavia quem saia deste periodo mais cedo do que eu.

“Ao terminar tal éra comeei a sonhar com a felicidade dos outros, e

com a felicidade da humanidade inteira. Assignalou-se em mim este novo estado por uma actividade incansavel, applicada á creação de escolas publicas, sendo verdade que já se me havia manifestado tal tendencia anteriormente, pelo afan de procurar a felicidade dos homens, descobrindo o caminho que conduzia ao reino do Senhor na terra. Esta aspiração cresceu em minh'alma com tal pujança, que acabou por alienar todo o meu ser, como o avassalára a anterior, que me guiára durante a phase egoista da minha existencia.

"Hoje, porém, sinto-a esmorecer. Já não me absorve, nem me leva a perscrutar até que ponto resulta bôa e generosa a actividade empregada em auxiliar os homens em suas luctas contra a intemperança, as superstições e os preconceitos.

"Depois de reflectir ácerca do meu novo estado de espirito, cheguei á conclusão de que descança sobre uma nova base, destinada a supplantar as anteriores, porque emana de uma aspiração ao bem geral de toda a humanidade, englobado agora com o meu bem pessoal. Já não se trata de uma constante aspiração á perfeição moral, mas de outra cousa um tanto differente: trata-se da aspiração á pureza divina.

"Esse novo principio de vida exige a conservação, em toda a sua integridade, do bem que Deus nos confiou; exige uma vida toda nova, mantendo a força desse bem; a mira posta em uma vida melhor, para cujo transito devemos estar sempre preparados.

"Sinto-me, cada vez mais, dominado por esta aspiração, que, substituindo todas as outras, dá á minha existencia tanta variedade e plenitude, como durante as minhas phases anteriores.

"Talvez não consiga exprimir com a necessaria clareza O QUE SINTO tão claramente. Ao perder o interesse pela minha vida individual, antes de sé haver despertado em mim o sentimento religioso, ou, antes, o interesse pelo bem publico, senti-me aterrado. Tranquilei-me, todavia, desde que esse sentimento se definiu, por haver então encontrado, na satisfação intima, a felicidade individual.

"Um facto parecido se renôva hoje, quanto ao apaixonado anelo de tornar feliz e ditosa a humanidade, que se embóta em mim a ponto de invadir-me um pavor, como se me encontrasse á entrada de immenso deserto.

"Era a aspiração que tinha, de uma nova vida, e o meu esforço para preparar-me a consegui-la, substituiu o meu antigo estado espirital; esta aspiração e este esforço procedem directamente d'aquelle anelo, e nelle encontro plena satisfação, como individuo, e como membro da collectividade humana.

"Ao preparar-me para uma vida nova, parece-me attender ao mesmo tempo ao meu antigo objectivo: o bem da humanidade; mas desta vez com maior certeza do que naquelles tempos, em que era essa a minha exclusiva preocupação.

"Procurando unir-me a Deus, encerrando em mim mesmo o principio divino, realizo, do modo mais seguro, não só o bem universal, como a minha propria felicidade.

"E isso se faz sem agitação mas sem desfallecimentos, com a consciencia tranquillada e o coração cheio de goso.

"Que Deus me assista!

Leão Tolstoi."

■ ■ ■

Esse formoso artigo do celebre escriptor russo, foi talvez o seu ultimo trabalho. Constitue uma confissão cabal e sincera da evolução da sua consciencia e vem derramar nova luz sobre os ultimos acontecimentos, anteriores á grande revolução bolchevista.

FRANCISCA B. CORDEIRO.



A ESPECULAÇÃO DA SAUDE PUBLICA

EMQUANTO a Therapeutica hodierna se volve principalmente para as providencias hygienicas e para a physiotherapia, tornando-se cada vez mais sobria no emprego dos remedios pharmacochimicos, nem por isso, nos jornaes e nos cartazes tendem a diminuir os reclamos de panacéas destinadas á cura infallivel desta ou daquella molestia ou de todas ellas juntas. Se, ás vezes, esses annuncios vêm acompanhados de recommendações de medicos ou de profanos, illustrações suggestivas e até de photographias de pretensos curados para o effeito da suggestão no animo dos leitores, outras occasiões ha em que o fabricante chega ao despudor de lançar publicamente um desafio aos pobres doentes, promettendo o pagamento de uma avultada quantia a quem provar que não tenha experimentado melhoras com o uso de seu producto.

Nestas condições, é obvio dizer que a lucta entre o medico consciencioso e o charlatão não cessa e nem manifesta tendencia a cessar. Se, por um lado, o medico, no interesse da sciencia e do bom nome da classe, exgota a sua paciencia para convencer o doente da necessidade de um tratamento radiotherapico ou cirurgico, por outro, o charlatão, que, pela ambição do lucro, está habituado a considerar a saúde e a vida dos proprios semelhantes como uma mercadoria com a qual seja licito negociar, não se cança em se insinuar manhosamente em todos os lares, mesmo nos mais elevados, para condemnar as indicações therapeuticas do clinico como armas de dois gumes e offerecer um elixir inocuo ou um calix de agua receitado pelos "medicos do espaço", para cura dos males.

E como quasi sempre o publico, principalmente o nosso que tem, segundo é corrente, oitenta por cento de analphabetos, por inconsciencia ou por ignorancia, costuma acolher essas medicações suaves com mais sympathia do que os rigores de um tratamento intravenoso ou electrotherapico, é natural que a opinião do charlatão prevaleça sobre a do facultativo. De facto, é de admirar que na vida de um seculo tão civilisado como este exista ainda tanta superstição como em plena idade média.

E' preciso ser medico para ouvir dos labios tremulos dos doentes as suas confidencias e poder verificar de perto o sem numero de desastres que

poderia ter evitado a tempo, se elles não houvessem prestado fé nas promessas dos especuladores da saúde alheia.

Acabamos neste momento de recusar a um nosso ex-cliente um attestado de obito de sua filhinha victimada por pleuresia purulenta. E porque? Fôramos, ha uma semana, chamados urgentemente para soccorrel-a. A existencia de uma enorme colecção de pús na cavidade pleural fizera com que indicassemos a operação immediata como unico recurso de salvamento daquella vida. Entretanto, um charlatão, após haver, em nossa ausencia, incriminado como martyrisante e perigosa a punccão exploradora que haviamos feito, discordára da intervenção suggerida, garantindo a cura da pequena enferma mediante a applicação de um vesicatorio no peito e um sinapismo nas pernas.

E assim, quantos medicos não têm sido diffamados e quantos doentes não têm entregue a sua bolsa e a sua saúde a esses especuladores, sem que uma lei do Codigo Penal tenha dado, até hoje, o devido castigo aos seus crimes!

O que, porém, mais entristece é vêr que o campo da especulação da saúde alheia não é sómente disputado pelos curadores, que, no mais das vezes, não passam de maniacos ou néscios. Parece incrível que haja, entre nós, pharmaceuticos diplomados, indignos desse titulo, que, ao invés de collaborarem com o medico na cura dos enfermos, esqueçam os seus estudos e os laboratorios e, pondo de lado a moralidade e o decôro profissional, recebam o humilhante encargo de intermediarios entre o cliente e o fabricante de drogas, attendendo unicamente aos lucros que elles pôdem auferir. Não ha muitos dias, um nosso cliente affectado de uma syphilis grave, desistiu de fazer o tratamento mercurial que lhe prescreveramos, para tomar um depurativo do sangue que um pharmaceutico lhe offerecera sob a allegação inconsciente queo mercurio lhe damnificaria os dentes, ao passo que o seu preparado era a base vegetal, como se os mais violentos venenos para o organismo humano não fossem procedentes das plantas.

A falta de decoro de certos pharmaceuticos eguala á dos charlatães.

O que é curioso é que não poucos delles, talvez opprimidos pela concorrência dos collegas ou pelo desejo de conseguir mais rapidamente fortuna, se transformam tambem, da noite para o dia, em fabricantes de especialidades. Aproveitando-se habilmente do temor que o publico consagra a esta ou aquella molestia, improvisam um preparado secreto, cuja fórmula, que nada tem de util ou original, foram colher nalgum formulario ou lhes foi suggerida por algum medico benevolente, confeccionam-no com elegancia, baptisam-no com um nome arrevezado e lançam-no no mercado, como se fôra um vidro de confeitos a desafiar a gulodice das crianças.

Forçoso é, porém, que se diga que cabe tambem aos medicos uma grande parcella de culpa nesse fluxo de panacéas. E' com a maior facilidade que alguns, ou por amizade ao fabricante ou por méra benevolencia ou mesmo a troco de uma boa remuneração, dão o seu beneplacito a este ou áquelle preparado sem jamais o haverem experimentado.

O que resulta dahi é facil de imaginar: os doentes, notadamente os maniacos das novas medicações, confiados nas opiniões dos profissionaes, não olham a despesas para adquirir a nova especialidade pharmaceutica annunciada, e os fabricantes, á sua parte, confiados na facilidade de obtenção de elogios, sentem-se com mais estimulo para perseverar na sua industria altamente lucrativa.

O facto é que o medico, com o dar seus attestados a esses remedios — omnibus, além de desacreditar a allopathia perante os sectarios de outros methodos therapeuticos, qual seja o homœopathico, prejudica-se a si pro-

prio, ao pharmaceutico e ao doente: a si proprio, porque dá a entender ao cliente intelligente ou a outro collega que teme escrever fórmulas magistraes pelo receio de incorrer em algum erro de dóse ou incompatibilidade e, ao mesmo tempo, que desconhece que a receita deve ser o fructo acurado do exame clinico e não pôde e não deve crystallisar-se em uma fórmula unica, ao pharmaceutico honesto, porque fica implicitamente considerado incapaz de aviar uma preparação galenica, e ao doente, porque nullos e mesmo contraproducentes serão os resultados que colherá com o uso do preparado que, a despeito de ter sido analysado e approvedo officialmente, pecca quasi sempre pela impureza e mesmo inexistencia dos seus principaes elementos.

Autopsiadas como foram as panacéas, não é assumpto extranho á questão da especulação da saúde o relativo á falta de escriptas pelo medico, o que principalmente, redundando em prejuizo não só do bom nome profissional deste como da saúde do enfermo. Custa crêr que haja boticarios que assim procedam. Uns, por ignorancia das mais comensinhas noções de hygiene, bacteriologia, pharmacologia e toxicologia, não lavam e muito menos esterilizam os recipientes e os vidros destinados á manipulação e ao acondicionamento dos medicamentos, donde os casos communs de intoxicacões e mesmo infecções dos que tiveram a desventura de os ingerir, outros, por imprudencia e ocio, confiam as receitas medicas, mesmo as mais delicadas, a empregados irresponsaveis, outros ainda não vacillam em adulterar as fórmulas prescriptas, já empregando medicamentos da mais infima qualidade, já substituindo saes e alcaloides por succedaneos mais baratos.

Felizmente, nem todos os doentes estão perdidos. Embora em numero limitado, existem pharmaceuticos probos que muito se esforçam em trabalhar de accôrdo com as normas da Pharmacopéa. Esses mesmos, porém, quantas vezes não incidem em erro por confiarem demais nas garantias offerecidas pela fabrica dos productos que adquirem, os quaes, muitas vezes, embora tenham os caracteres organolepticos e algumas das reacções prescriptas, não possuem, entretanto, nem a pureza nem a desejada actividade. E' o que acontece com quasi todos os preparados galenicos, como as tinturas, os extractos, as aguas distilladas, os xaropes e os elixires. Não são poucos os medicos que se queixam de ter tido as maiores desillusões com as preparações ordinarias de digitalis, que, como é sabido até pelo profano, é o medicamento heroico da therapeutica cardiaca e de cujo effeito depende ás vezes a vida de um doente.

A explicação do seu insuccesso é facil. De duas amostras de tintura de digitalis, obtidas de diferentes fabricantes, uma pôde ser activa e satisfactoria, emquanto a outra é inerte e ao mesmo tempo prejudicial porque soe determinar nauseas e vomitos e outros effeitos desagradaveis, que vão piorar ainda mais a dyspnéa do cardiaco. Nestas condições, o medico tem que ir de Herodes a Pilatos, recorrendo a varios pharmaceuticos até encontrar uma tintura que sirva, quando não se decida ou não queira prescrever a solução officinal de digitalina crystallizada do Codex Francez, que, infelizmente tambem nem sempre se tem á mão.

Cremos, portanto, que já é tempo para que uma lei severa venha pôr cobro a este estado de cousas, já submettendo as preparações galenicas e os medicamentos ao contrôlê official, já permittindo uma fiscalisação mais activa e constante dos laboratorios pharmaceuticos, já prohibindo os reclamos de especialidades pharmaceuticas, em beneficio não só da classe medica como e principalmente da saúde publica.

Pouco importa que as taes especialidades tenham sido approvedas e licenciadas officialmente por competentes, porquanto o facto dos chimi-

cos as terem considerado como não nocivas á saúde ou mesmo com virtudes therapeuticas, não justifica de fórma alguma o seu commercio com o fito de explorar a credulidade publica.

Só ao medico, cujos programmas curativos devem inspirar-se, em cada caso, nos conceitos da morphologia clinica, caberá prescrevel-as, se as julgar uteis e necessarias.

A applicação das medidas acima apontadas é o unico meio, a nosso vêr, para cohibir o mais immoral e deshumano dos commercios, que é a especulação da saúde publica e permittir que a Medicina possa, sem obstaculos e sem hypocrisia, realisar a sua grande obra de altruismo, educando a humanidade na hygiene e indicando-lhe, para a conservação da saúde e a cura dos males o rumo da natureza.

HEITOR MAURANO





TRIBUTO INSANO

OS seus primeiros vagidos soltára-os o sr. Juventino Pedro á margem direita do “Taquarussú”, debaixo do sapé de uma casinhola de paredes de ripas e barro de sopapo, através de cujas fissuras a rutilancia hialina daquela manhan de março indiscretamente coava estrias hilares de luz, salpicando de rodellas de ouro o piso de terra nua e batida do compartimento penumbroso, como a augurar fortuna ao recém-nascido, ao pimpolho da arvore genealogica obscura dos Góes, que sempre brotára galharia ruricola e mofina de espirito.

Desde esse dia natal, Juventino, que, não se levando em conta o patrimonio desvalorizado do cognome, ainda era um ser anepigrapho, começou de medrar que era um gosto para os paes. Rechonchudo, pernizes morenos, rosqueados, inquietos no ar, mamava em tresdobro, guaiando por mais, a vomitar, como sanguessuga na salmoura, excessos grumosos do copioso leite de “nha” Dicta.

E “nha” Dicta, todo o largo rosto em satisfação ridente, com o rebentão sadio dos seus flancos no regaço, fazendo-lhe cocegas na covinha do queixo, que se lhe afundava e sumia entre as bochechas e o refego porcino da papadinha, ás gaifonas e figurarias, estalos de lingua e demais enternecidos gracejos maternos, — a peitorrama esgotada e flacida esquecida por cima do decote da camisa, tatibitate palrava: — Inda té mais? Gentes! Coitadinho delle... Não tem, nêgo faminto.

O futuro Juventino Pedro de Góes — Juventino em memoria do avó, Pedro em honra do padrinho — afinal entremostrava as gengivas côr-de-rosa, sob os beicinhos grossos, distensas num sorriso e beijos estalejavam-lhe pela cara, pelas costas, por todas as rotundidades enxundiosas do seu corpo.

Ao cabo do decimo mez já dizia e pedia — tostão.

“Pai”, “mãi”, “lête”, “tetéia”, isso desde o setimo ou sexto.

— Este promette! Vae espantar a Goesada! — expandia-se, em frouxos de riso, o orgulho paterno.

Nem bem entrára pelos sete mezes, já engatinhava, nusinho e sujo, lembrando um leitão gordo e “rabicó”; ao decimo primeiro andava, tuc...

tuc... tuc, pela casinhola e por fóra della, ainda como um bácaro anafado, sem rabo e em pé, afuroando os mais esconsos recantos, não raro patinhando e até se rebolando no lameiro negro-esverdinhado da margem do Taquarussú.

— Já se viu que menino! O que é o mau exemplo... E' por vêr a leitoadá!

Era preciso a mãe dar-lhe um banho em regra, a apertar o nariz, fungando ao máu-cheiro, entre zumbidos de moscas, na tina de ensaboar roupas, escura e reluzente de limo.

Depois que lhe principiram a despontar os mais remorados dentes e os "tutús" a serem-lhe ministrados, Juventino, baptisado e chrismado já, enrijou de vez "para o resto da vida e mais seis mezes", passando pelo sarampo e pela tosse comprida de vereda", como assegurára, com notável previsão confirmada pelos factos, o padrinho, que achava o afilhado ladino como rato.



Razão tinha elle tambem neste ponto. Foi mesmo a primeira victima, a primeira pedra de toque a provar o quilate ratoneiro da esperteza do afilhado, que já então desempenava pelos sete annos, iniciando a escalada dos outros tantos peccados.

Sumira-lhe ao homem uma faquinha tauxiada de prata.

Aonde teria ido parar? Sómente dias depois é que elle fôra topar com o pirralho desprevenido, no campo, com a faquinha á mão, comendo araticum.

—Donde você tirou isso?

— Eu? Achei, padrinho, na estrada, faz tempo.

— Não tirou lá de casa, hein, rapazinho?

— Eu não! — respondeu o menino sem titubear.

— Mas então como é que essa faca teria ido parar na estrada, menino?

— Achei... perto do bambusal...

"Safadinho!" — pensava entre si o homem, segurando o queixo: — "Como me vê sempre por lá cortando bambús para jacás..."

— Pois olha, dê-me cá a faca; é minha.

Juventino escancellou a boca num berreiro.

— Vou contar p'ra pae que o senhor quer tomar a faca que eu achei... que está dizendo que eu roubei...

O homem sentiu-se interdito, philosophando, com os seus botões, que a amizade sem sombras dos visinhos, demais a mais compadres, valia bem uma faquinha tauxiada de prata e que, portanto, não pagava a pena de expôr-se a um malentendido com os visinhos e compadres, para os quaes o ponto mais sensível da alma era naturalmente o que estava reservado ao diabrete do filho.

Acalmou o menino:

— Não é preciso chorar, meu bem. Que bobinho! Eu estava brincando com você... Se achou a faca, ella é sua. Não é preciso dizer nada ao seu pae, ouviu? Ou, por outra, emendou, numa esperança de assim reaver a faca; diga lá ao seu pae que eu lhe dei a faca, ouviu? E'. Que você achou muito bonita, pediu-m'a e eu dei, está entendendo? Pois é. Que você achou muito bonita a faca, por causa dos enfeites de prata. Ouviu? De prata.

Mas a emenda esperançosa, feita embora muito a tempo, falhou,

como semente chocha em terra sáfara: nunca mais elle sequer reviu a sua faquinha tauxiada.

E quantas vezes, saudoso della, segurando o queixo com a mão direita, e o cotovelo com a esquerda, a abanar a cabeça, o homem não reflectia: — Que pestinha! Ladino como elle só, o diabo do gorducho. Fui muito besta! Passou-me a perna. Vae varar a vida... Se vae! Mas por quem teria puxado o malandro de uma figa? — perguntava-se, esquadrinhando mentalmente a genealogia do afilhado. — Não sei... Todos gente séria, burra. O avô materno até era meio babão, hôca-molle...

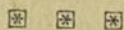
E um dia em que, chupando uns limões doces, fizêra de repente uma careta a um gommo acido:

— Ah! decerto algum parentesco com algum limão gallego... Ha de ser isso!

Referia-se englobadamente ao limão-doce e, por alusão analogica, ao afilhado e a uma paixão espuria que, diziam, alimentára em remoto tempo, a mulher do "babão" com certo portuguez, que, nesses tempos idos, era commerciante na cidade e costumava vir frequentemente ao bairro a negocios...

— Coisas tão velhas! Nem me lembraria já disso se não fosse o gommo azedo do limão doce.... E' p'ra ver só como são as coisas neste mundo! A prova depois de tantos annos!... E eu que nunca acreditei nos "diz-que-diz-ques"...

Só assim mesmo é que um Góes havia de sahir ladino... Valeu a pena!



Na escola municipal do bairro que o Taquarussú baptisava com suas escassas aguas torcicollosas e com seu nome, Juventino, em tres annos, apesar do mestre, fez progressos de embashacar os paes e o proprio mestre Mariano, sujeito de cabellos espetados, que lhe invadiam intonsamente os dois dedos estrictos de testa, sob o morno lume dos olhinhos asymetricos.

Aprendeu as contas e a taboada com galhardia, sabendo-as a ponto de levar, não raro, as lampadas ao Mariano, principalmente em problemas de trocos, pesos e medidas.

"Comprei isto mais aquillo a tanto o litro disto e a tanto o daquillo; vendi os tantos alqueires disto e os tantos daquillo por anno; qual o lucro?"

Mestre Mariano, embrulhando-se, tartamudeando, achava o lucro.

— Não é, seu mestre; está errado. O negocio foi mal feito, não deu lucro nenhum... deu prejuizo!

Mestre Mariano, enfiado, queixo-cahido, babava.

O pae de Juventino soube-o. Percebeu dentro em si que Mariano era uma cavalgadura bipede, municipalmente arvorado, como tal, em mestre-escola do campo e que o menino, como não era nenhum poldrinho, fazia jus a professor estadual citadino. Chamou a mulher:

— Vista ahi o filho. Vae p'ra escola na cidade.

— Pois se elle vae indo tão bem ahi com o Mariano... porque, agora, trocar de escola?

— Qual! O Mariano é uma besta, com crina até o nariz.

— Ué... Só se é agora...

— Agora, porque? Sempre. Vista o Juventino. Roupa nova.

— Elle que se vista, uai! Tamanho tatusão...

— Elle não sabe dar o tope da gravata. Mande que elle ponha roupa nova. Arranje o tal bem direito. Botina, meia, lenço, tudo! Chapeu, o novo. Não quero que elle faça figura triste.

Foi assim que Juventino conseguiu aprender regra de tres e juro. Caligraphia bellissima. No que só não alcançava grandes cousas era em historia e geographia decoradas, analyses grammaticaes e rezas.

— Mas, que diabo! Juventino; por que é que você não estuda essas materias? O mestre se queixou. E' preciso...

— Ara, papae... Por mais que eu pense, não descubro o que é que hei de fazer com a historia desenxabida de Thomé de Sousa ou com um adjectivo....

O pae esgazeou os olhos, ouvindo, deslumbrado, a sonoridade brilhante do adjectivo na bôca do menino:

— Sempre é uma boniteza! — disse, com inveja.

— Mas isso é p'ra quem vae ser doutor. Eu o que quero é ser dono de uma casa de negocios bem sortida, já disse muitas vezes.

O pae ria. — Isso era bom de dizer; mas e o dinheiro?

— Ora, a gente arranja...

— O que é a idade! — exclamou o homem, não acabando mais de rir áquella ingenuidade do filho.

O caso da faca surripiada e outros analogos nunca tivêra noticia delles. Nem mesmo lhe passára pela cabeça, porque nunca lhe lobrigára o fundo de malicia, o facto de, certa vez, em que entregára dinheiro, vinte mil réis, ao rapaz, então já nos treze annos, para um pagamento na cidade, voltar elle diluido em lagrimas abundantes, como um desesperado, encolhido, lamentando-se, porque tinha perdido o dinheiro e se cansára de procural-o por toda a estrada, baldadamente...

O pae zangára-se, ameaçando-o com "rabo-de-tatú", mas a mãe: "que tambem elle mesmo é que tivera a culpa, pois onde já se vira entregar dinheiro em mãos de uma criança?"

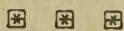
— Está bom... está bom... Perdeu, perdeu... acabou-se!

Pois então para que servia um pae senão para ir pagando, pagando o peccado de Adão? Elle havia, de facto, muito Adão que peccava sem pagar; mas porisso mesmo é que era muitissimo justo que alguns pagassem e repagassem por si e pelos outros.

A tirada de ironico conformismo do marido afigurou-se a "nha" Dicta demasiado herege por tão pouco dinheiro:

— Ainda se fôsse ahi uns cem mil réis... ou uns oitenta... ou uns trinta mesmo... Mas vinte!

— Ave Maria! — disse, benzendo-se com a mão canhota.



Mais de trinta translações e para além de onze mil rotações já tinha feito o mundo sobre esse incidente, que se deu pelas immediações posteriores á proclamação da republica no paiz, continuando o paiz e o mundo sensivelmente no mesmo, apesar da republica e da grande guerra. Juventino, porém, mudou muitissimo. Metamorphose progressiva tal a sua, no que diz respeito ao seu estado financeiro, que só é comparavel á dos superhomens que dirigem o mundo e as republicas: tornára-se um dos maiores negociantes — e então ha quantos annos! — na mesma cidade onde aprendera a regra de tres e os calculos de juro, calculos que continuamente vinha usando pela vida em fóra, enquanto que ainda mais continuamente vinha recebendo os juro de seus capitaes. Conseguira, pois, arranjar o dinheiro sonhado pela sua ingenuidade de infancia, da qual tanto se rira o pae — fallecido agora, coitado! — e, como sonhára a sua ingenuidade, estava estabelecido com um grande armazem de seccos e molhados finos,

ao qual se aggregavam secções de fazendas, armarinhos, louças, ferragens, etc., etc., que equivaliam a outros tantos estabelecimentos.

Acerca de como logrou alcançar e até ultrapassar o seu ideal congenito, sempre, á bocca pequena, teceu e entreteceu mil commentos escorchantes a cidade em peso; mas nem porque assim procedia deixou de elegel-o e até reiteral-o duas vezes vereador.

Primeiro do que mais nada, o sr. Juventino, além da essencial habilidade, entremostrada na meninice, para chamar a si o alheio, além de um instincto prodigioso, de um "faro" para descobrir dinheiro, como nem mesmo as formigas o têm com que se orientar para o assucar, era um grande volume, ornado com excellente par de bigodeiras em aspas de caracú, que lhe communicáva ao rosto risonho envolvente sympathia, debaixo da auréola prestigiosa de uma careca reverberante e avassaladora e acima da grave proeminencia ostentosa de um ventre que era um mundozinho e equatorialmente atravessado pela ostentação fulva e plutocratica da pesada corrente do Patek. Assim, é obvio, quando assomava a uma das quinze portas da sua casa commercial — como um prestigio engastado noutro prestigio — todo de ponto em branco e de sapatos inglezes amarellos, com a papada derrubada sobre o collarinho — impressionava, impondo irresistivelmente curvaturas de espinhas e desbarretamentos, em rasgadas zumbaias.

Dahi a fascinadora influencia politica, mau grado o sorrelfo despregio moral que determinava as murmurações.

Segundo se boquejava, começára a vida muito jovem ainda, depois de ter feito um noviciado como simples empregadinho de balcão. Do balcão alheio passou-se para um balcãozinho proprio, em vendóla sita em bom ponto, á sahida da cidade, á beira da estrada que rumava para o Taquarussú. Toucinho, cereaes, rapaduras, meia duzia de garrafas de aguardente. A principio mesmo, só bebidas ordinarias e muita aguardente. Mas festa religiosa ou profana e espectaculo no circo não havia na cidade que o não attrahisse logo com uma barraquinha, uma correnteza de garrafas, "gengibirra", "quentão". E era de vêr-se a arte insidiosa com que armava a barraca, com as bebidas numa provocadora exposição de rotulos vistosos, monopolizando a freguezia ás barbas do despeito das barracas concorrentes. Um anno depois dava um conto de réis sobre a hypotheca da casa de uma viuva. Vencido o praso do contracto, não se contando os juros onzenarios, Juventino ficou com a casa e a viuva na rua, como uma gallinha enxotada do ninho, ninho que valia perto de tres contos. Feitos alguns reparos nella, Juventino encontrou um tolo a quem o impingiu por seis e estabeleceu-se urbanamente em frente do mercado, como um manso e nédio bichano de compridos bigodes junto a um côcho aonde costuma affluir a passarinhada do matto. A crêr no que andava na lingua popular, na crença sem discrepancia de toda gente, explorou então á larga a simplicidade timida dos matutos, comprando-lhes boas e baratas e vendendo-lhes más e caras mercadorias, fazendo barganhas, imaginando e executando mil e uma transacções de largos lucros seguros, não recuando diante da ousadia do dinheiro falso, prosperando dia a dia.

Aliciou um socio. Poucos mezes depois o socio adoecia e fallecia deixando a familia em miseria negra.

Por esse tempo Juventino tinha trinta e pouco annos, resplendor de calvie já respeitavel, muito vulto, muita barriga e não poucos pares de contos de reis, quasi todos empregados em esplendidas hypothecas, cujo remate fatal era a ruina dos devedores insolvaveis e o accrescimo das numerosas propriedades immoveis do prestamista. A edilidade notou-o, incluiu-o na chapa eleitoral dos candidatos officiaes e elle subiu á vereança. A camara era uma camarilha de negociistas. Vivia em "deficit" irremediavel e inexplicavel aos ingenuos, com os pagamentos aos tristes empregados,

sempre em atraso de varios mezes, substituidos por ordens de fornecimento que Juventino aceitava pela metade ou terça parte do valor e trocava pontualmente por todo o valor, nos cofres municipaes, em bom dinheiro de contado.

E os seus capitaes, com essas e outras mil achegas cresciam e com elles a sua casa commercial, que se transferiu para o coração da cidade.

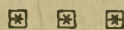
Juventino começou a permittir-se grandes luxos. Rodava o corpanzil em um "Fiat" proprio, fumava "S. Felix" e vivia entre reposteiros com "nha" Dicta e familia. Quando sahia a passeio no "Fiat", "nha" Dicta, agora D. Benedicta de Góes, acolchetada apopleticamente em sêda preta, perfumosa, de leque e luvas, quasi não acreditava na realidade do "Fiat" e tinha um vago receio de accorder de repente na casinhola do Taquarussú, que, aliás, já não existia, transformada havia muito em "chalet", com pomar de fructas nacionaes e estrangeiras, e com o nome pomposo de "Villa Baroneza", muito ao sabor dos gostos do sr. Juventino, que se morria por cousas de nobiliarchia.

Nesse entretanto, mestre Mariano, velhinho e alquebrado, procurou S. Sa., o Sr. Juventino Pedro de Góes, humillimo, de chapéu na mão. Estava apertado com dividas, tinha um "sitiozinho" e não queria perdê-lo. Por isso se dirigia a S. Sa. Valia o sitio quatro contos, de olhos fechados. Precisava de 1:200\$000 apenas.

— Pois não! Ponha o chapéu "seu" Marianno. Faça-lhe o emprestimo. E até, em signal de reconhecimento do tempo em que me ensinou a lêr, a hypotheca será sem juros.

Mariano, contente, risonho, recebeu o conto e pico beijando a estofada mão do ex-alumno. Dahi a algum tempo estava sem o "sitio".

— Negocios são negocios, "seu" Mariano! Fiz o que pude. E o pobre velho, já em caduquice franca, despedido havia annos da escola, passou a pedir esmola pelas ruas, recebendo da generosidade reconhecida do antigo discipulo a quantia mensal de dez tostões...



Com o volver dos tempos, deu-se uma revira-volta completa na politica local. O partido situacionista cahiu, levando de roldão comsigo o Sr. Juventino. Vieram a publico, provadas insophismavelmente, as ladroceiras do partido desbancado. Os politicalhos cahidos acharam prudente ausentar-se, ás hostilidades geraes do ambiente, inclusivé o Sr. Juventino, que deu uma fugida aos Estados Unidos em villegiatura de recreio.

De torna viagem, mezes depois, veio escanhoado, "yankeesado", de "bonnet" de lã e polainas, para impressionar. E impressionou, de facto, tanto, que descambou para o ridiculo, tanto mais quando o jornal da terra estampou uma "secção livre", assignada "Ferrete anonymo", deste estylo:

"Ao Exmo. Sr. Barão de Taquarussú.

De volta da Extranja, é justo que o saudemos em nome das "viuvinhas depenadas", dos empregados da passada camara explorados, e de varias sepulturas, onde, sob a frialdade da terra, repousam os restos aproveitaveis de numerosas victimas de transações sem entranhas etc., etc."

Juventino urrou. A sua calva tingiu-se de rubro. Esmurrou o ar, como se esmurrasse visões. Cahiu para o fundo de uma poltrona, abatido. E ali deixou-se ficar largo quarto d'hora, mudo. Que fazer? O que estava fazendo: — continuar mudo! O silencio, a fingida superioridade da indifferença era o que convinha. Tremia, agora pallido. O seu nome não apparecia na "secção livre". Manifestar-se de qualquer forma era enterrar até as ore-

lhas a carapuça, offerecer de si mesmo a sua pelle em publico ao ferrete do "titulo". Calou-se.

Mas o povo, "da arraia miuda á graúda, gostou do "titulo", que lembrava origens e grossura. E mesmo com a superioridade do silencio, da sua indiferença exterior, Juventino virou a seu pesar, irremediavelmente, "barão de Taquarussú".

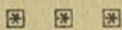
Parecia que lhe haviam esquecido o nome. Era sempre, por toda parte, em todas as bôças da cidade, o "barão de Taquarussú". Em todas as bocas e em todos os pannos de muros brancos. Nem mesmo as paredes de sua casa commercial repeitaram, o odio e a inveja que despertava, e que, accumulados em annos, agora explodiam, numa atmospherica politica propicia.

Era demais. Juventino não se poudo conter um dia e esbofeteou, quasi matou um pobre negrinho que innocentemente perguntára ao balcão "se era ali o armazem do "barão de Taquarussú". Depois, para que o escandalo tivesse o minimo de repercussão possivel, comprou, por intermedio de um amigo, o silencio dos paes miseraveis do moleque e o do jornal.

Mas cahiu num fundo aborrecimento, desesperado; começou a emmagrecer, a amarellar, a esverdear.

Vagamente pensava em mudar-se, quando foi obrigado a ir para a cama, gravemente enfermo.

Os dois medicos chamados, nada conseguiram fazer por elle. Fizeram então por si, constituindo-se seus herdeiros poucos dias após a sua morte, motivada por um "colapso cardiaco", segundo attestaram.



Quasi dois mezes transcorridos.

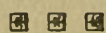
Como insensivel á chuva que cahia, um vulto errava pelo cemiterio deserto. Dir-se-ia um cadaver ambulante, de emmaranhadas barbas brancas, que, resurto da sua sepultura, vagueava por entre a nudez alvadia dos tumulos e pelo meio das cruces negras, semelhantes a negros phantasmas estaticos, de braços espectantemente abertos para abraços mortaes. Através das cordas d'agua que, de viez, riscavam brancamente o ar, vagas silhuetas esguias e escuras, de cyprestes, debuxavam-se espectraes, balançando as altas extremidades em cône, como farricosos gigantes meneando os capuzes.

Junto a um dos mais esplendidos jazigos, deteve-se o vulto, beijando o marmore. Persignou-se depois, e, com as mãos postas diante das barbas, que escorriam agua, com as vestes rôtas encharcadas de lama, collantes ao descarnado de suas formas, de joelhos na lama, orou longamente. Tomou a persignar-se, erguendo-se, e contemplou o sepulcro, sobre o qual, em attitude abandonada de funda angustia, a figura em marmore branco de uma mulher chorava um pranto eterno e mudo.

Após, todo acurvado attenta no epitaphio e recua, sacudindo os braços, erguidos ambos no ar, como um protesto, illuminado pelos clarões flexiveis dos relampagos, ao estrondar das descargas atmosphericas. Relanceia a vista em torno; aproxima-se de outro tumulo ennegrecido de *alfarra*, já meio arruinado; desprende uma velhissima corôa de vidrilhos, que pende á face dianteira do alto pedestal da cruz e abandona-a sobre o corpo da campã; com esforços tenazes, servindo-se de um calhão como de um martello, arranca o prego enorme que a supportava e retorna ao primeiro mausoléo. Subido nelle, de joelhos, vergado para a frente, manejando o prego como a um escopro e o calhão como a um maço, poz a ferir a lousa. A chuva continuava obstinada. Coriscos rabiscavam o plumbeo céu, como nervos em braza. A terra vibrava ao ribombar dos trovões. E o extranho velho obstinadamente proseguia na sua obra.

Interrompe-a um segundo, como fatigado. Mas, já, todo curvado, eil-o

que a recomeça e continúa, constante, absorto, indifferente ás bategas d'agua, indifferente á colera dos estrondos electricos, indifferente a tudo em redor, como um penitente obsecado.



Assim foi por mais de uma hora, até que o temporal cessasse. Um pávido silencio ficou pesando então no cemiterio, entrecortado apenas pelo "tac-tac" rythmado do calhão batendo o prego. Aquelles ruidos seccos, insolitos, que não descontinuavam senão para logo recomeçarem, feriram a attenção dos coveiros, que deixavam a capella, onde tinham estado abrigados.

— Que seria? — entreolhando-se, inqueriram-se.

Foram verificar. Lá estava o velho, as barbas estillando chuva ainda, as roupas ensopadas moldando-lhe a magreza do corpo, o prego na mão esquerda, a pedra na direita, a alguns passos em frente do sepulcro, admirando a sua obra, rindo-se alvarmente, contente della.

Era o mestre Mariano!

Ultimamente manifestára-se louco, ainda que inoffensivo. Percebendo os coveiros, chamou-os: — Viessem vêr; reparei a injustiça!

Os homens fitavam-se os olhos, perplexos, vagamente assombrados.

Mestre Mariano continuava:

— Era tão bom, o pobre! Em menino foi meu discipulo. Era meu protector... Dava-me dinheiro, dez tostões todos os mezes para a minha fome. Agora sim! Agora, sim, paguei o meu tributo. Reparei a injustiça! Vejam... leiam...

E ria-se, tiritando de frio, as barbas ao vento, a indicar o epitaphio.

— Tinham-se esquecido do titulo. Reparei a injustiça. Elle era nobre!

Os coveiros achegaram-se ao tumulo e leram:

"Aqui jáz

Juventino Pedro de Góes — BARÃO DE TACUARUÇU"

.....

— Diabo deste maluco do inferno! — bradou um delles.

E falando em responsabilidade, furiosos, atiraram-se ao mestre Mariano como cães, esmurrando-o, insultando-o e foram-no levando de rojo pela lama, através das enxurradas, com o nariz a pingar sangue, os olhinhos emmalhados de vermelho revolvendo-se no fundo das orbitas asymetricas, esperneante e a gritar estentoricamente:

— Deixem-me... deixem... Preciso acabar de pagar... pagar bem o meu tributo... Falta o accento do "u". Elle era barão... barão... de Taquarussú... Deixem...

Por entre os quedos cyprestes o éco repetia como se fôra uma voz doutro mundo... —rão de Taquarussú...deixem...

LUIZ GONZAGA FLEURY.



MOVIMENTO EDITORIAL

E' muito significativo o movimento editorial de um paiz, pois que lhe revela o grão de cultura como nenhum outro indice. No Brasil é pequena a produção de livros, se a comparamos com a dos grandes paizes cultos, mas já representa alguma se voltamos os olhos para o passado. Apesar da carestia do livro, consequente á desvalorização da nossa moeda e alto preço do papel e das machinas, a sahida cresce de anno para anno. Dos Srs. Monteiro Lobato & Cia., obtivemos algumas notas relativas á produção da casa no decurso deste semestre e dellas se vê que foi auspicioso o movimento. Esses editores lançaram no mercado, apesar da grêve dos graphicos que os trouxe paralyzados mais de um mez, um total de 208 mil volumes, ou sejam 78 milheiros a mais que durante todo o anno de 922. As obras lançadas foram as seguintes:

Monteiro Lobato — *Urupês*, 9.^a edição; *Negrinha*, 3.^a ed.; *Cidades Mortas*, 4.^a ed.; *Onda Verde*, 2.^a ed.; *Marquez de Rabicó*, *Mundo da Lua*, *A menina do narizinho arrebitado*, 2.^a edição. Oliveira Vianna — *Populações Meridionaes*, 2.^a edição. Caliban — *O Arára*, romance humoristico. Lucilo Varejão — *De que morreu João Feital*, romance. Raul Polillo — *Dança do fogo*, romance. R. Theophilo — *Reino de Kiato*, romance. Mario Rodrigues — *Babel*, ensaios. Mario Pinto Serva — *A felonía de Versalhes*, critica sociologica. Veiga Miranda — *Quatorze mezes na pasta da Marinha*, estudos. Visconde de Taunay — *Visão do Sertão*, viagens. A. Seabra — *A alma e o sub-consciente e Problemas Sul-Americanos*. João Ribeiro — *Colmeia*, estudos. Octacilio Gomes — *Os filhos da Candinha*, versos humoristicos. O. Orico — *Dança dos Pyrilampos*, versos. Pedro Saturnino — *Grupiaras*, versos. Serafim França — *Cantos da linda terra dos Pinheiros*. Oscar Cunha — *Seára*, versos. A. Lavrador — *Sonetaços*, satyra. Antonio Ferro — *A idade do "jazz-band"*, conferencia. Sampaio Doria — *A questão social, Como se aprende a lingua, Como se ensina*. Assis Cintra — *Brasil de Outrora*. Léo Vaz — *Ritinha*, contos. Menotti — *Mascaras*, poema, e *Nariz de Cleopatra*, chronicas. Paulo de Freitas — *Serões de D. Branca*, contos. Alvaro Moreyra — *Um sorriso para*

tudo... Pedro Calmon — *Pedra d'Armas*, novellas historicas. Carlos Rubens — *Tarantula*, contos. Ribeiro Couto — *Crime do estudante Baptista*, contos. Waldemar Ferreira — *Manual do Comerciante*. Nilo Cairo — *Veterinaria Homoeopathica*. Euclides de Andrade — *Linguinhas de Prata*, contos. Otto Prazeres — *Casamento a prestações*. P. Manfredo Leite — *Duas almas*. Ed. Carlos Pereira — *Grammatica expositiva*, 23.^a edição; *Grammatica Historica*, 4.^a ed. Othoniel Motta — *Lições de Portuguez*, 4.^a ed. Leonardo Pinto — *Locuções adverbias francezas*. Almeida Junior — *Cartilha de Hygiene*. B. Tolosa — *Cartilha de Alphetização*. Fausto Lex — *A pesca*. Edgard Vieira — *Factoração algebrica*.

Ao todo 45 edições, num total, como já dissemos, de 208 milheiros.

Este movimento muito lisongeia os arrojados editores, que apesar de serem dos ultimos apparecidos, já pesam na balança livresca, e cada vez mais, alem de terem organizado uma coisa nova no paiz: venda de livros em todas as localidades do interior.

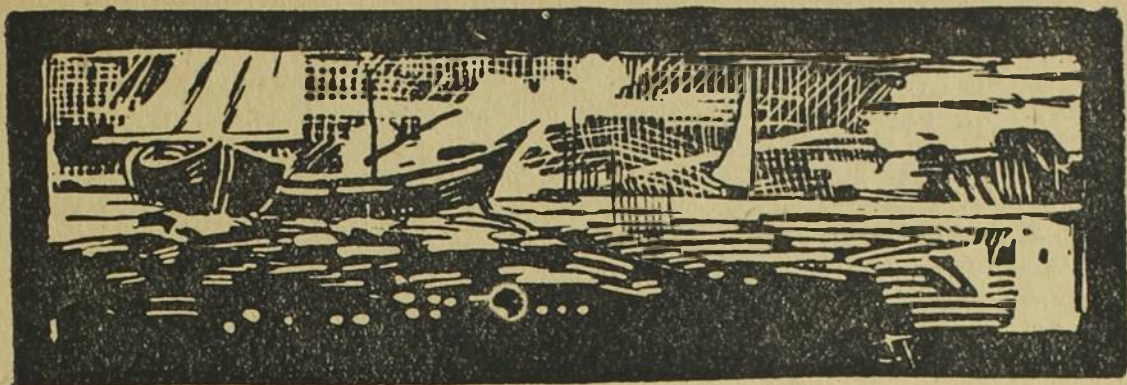
As novidades que a casa edita não ficam nas capitaes, como acontecia antigamente, mas infiltram-se pelo paiz inteiro e vão procurar os leitores onde quer que elles se encontrem. Duas cousas, infelizmente, prejudicam esta expansão: a baixa do cambio, que põe o livro por um preço muito alto para um paiz pobre como o nosso, e o abuso de certos revendedores que ainda elevam o preço das obras, criminosamente.

PEDRO AZZI

Entre os intellectuaes estrangeiros que têm traduzido para outros idiomas obras da nossa literatura, vem formar um novo, o sr. Pedro Azzi, director do uma revista italiana que se publica em São Paulo — *Varietas*. Já traduziu para o italiano a *Chanaan*, de Graça Aranha, *Inverno em flor*, de Coelho Netto e *Minha Filha*, de Affonso Celso, traducções estas que estão em vias de ser publicadas.

Além dessas obras o sr. Azzi verterá ainda para o italiano varios contos nossos e actualmente trabalha na traducção dos *Urupês*, de Monteiro Lobato. Em attenção á sua operosidade e aos serviços que vem prestando aos dois paizes, Italia e Brasil, a "Academia Italiana de Sciencias e Letras", de Genova, velhissima instituição que data de 1600, acaba de elege-lo seu socio honorario. Apresentando-lhe nossos parabens pela merecida homenagem, fazemos votos para que o sr. Azzi prosiga na tarefa, de tão alta monta para as letras patrias.





A TOPONYMIA GEOGRAPHICA INDIGENA EM MINAS GERAES

ARAXANA — nome dado por HERM. e RUD. VON IHERING a uma das tres provincias zoogeographicas, em que dividiram o Brasil; e, segundo elles — a *Araxâna*, que abrange todo o Nordeste Brasileiro e nosso interior sertanejo, alcançando e ultrapassando mesmo a linha do Paraguay-Paraná, subdivide-se em duas secções: *Araxâna Septentrional* (Nordeste e bacia do São Francisco) e *Araxâna Meridional* (zona dos campos ou bacia do Prata), (Vide DELGADO DE CARVALHO, na sua excellente *Geographia do Brasil*, tomo I, pag. 69).

O nome é um neologismo scientifico de formação brasileira e derivado do thema tupi *Araxá*, adeante estudado neste Vocabulario.

ARAXA — E' assim chamada uma povoação do municipio de rio Preto (no districto de Santa Barbara do Monte Verde). E' o termo indigena *Araxá*, no nosso plural portuguez, com a terminação em *s*.

Araxás (definio COUTO DE MAGALHÃES) "são os altos chapadões formados pelas nossas grandes cordilheiras" (vide cit. obra *O Selvagem*).

— Os "Araxás" (Indios assim chamados da região occidental mineira) eram os selvagens que habitavam de preferencia os terrenos elevados das nossas chapadas, no valle do Parnahyba e além das Serras da Canastra e Matta da Corda. Esses planaltos ou tabolêiros de regiões descampadas, em elevada altitude, ficaram com o nome generico de *araxás*, na nomenclatura geographica do Brasil-Central. E' commum dizer-se: os *araxás* de Goyaz; os *araxás* do Desembóque, etc. Nos montes e ribeiros da região dos *Araxás*, Thomaz Freire Pires levantou a Matriz de São Domingos, depois de 1770, dando assim inicio ao arraial, depois villa e hoje cidade do ARAXÁ, cujo territorio ficou mais tarde sob a jurisdicção temporaria de Goyaz (até 1816, quando de novo se reincorporou a Minas Geraes). Ahi, são celebres as fontes de aguas thermaes alcalino-sulphurosas do "Barreiro do Araxá", tão ricas em radioactividade e poder curativo, e distantes légoa e tanto da cidade do *Araxá*.

— Já houve quem quizesse attribuir á palavra *Araxá* esta inverosímil origem de fazel-a derivada da expressão portugueza: *Ha-de-achár*, dita em verdadeiro *cassânge* pela bôcca de um negro africano, conforme a etymologia que, no sertão, impingiram ao naturalista AUG. DE SAINT-HILAIRE: — *Lá-hare-achá* ou *Hareachá*, e dahi *Araxá*! (Vide *Rev.* do Archivo Publico Mineiro, anno XIII, pag. 272). Mas, segundo o pranteado escriptor mineiro LAFAYETTE DE TOLEDO, designa a palavra *Araxá*: um alto chapadão ou planalto, correspondendo ao platô (*plateau* dos francezes) e ao nosso “tabo-
leiro”. Já o General COUTO DE MAGALHÃES se referia (á pag. 74 do cit. “O Selvagem”) ao *plateau* ou “araxá” central do Brasil”. THEODORO SAMPAIO, outro cientista notavel, repetindo COUTO DE MAGALHÃES, diz que *Araxá* vem a ser “um planalto ou chapadão no mais alto de um systema montanhoso, onde se está em posição de ser o primeiro a vêr e o ultimo a deixar de vêr os raios do sol”. E é essa a opinião preconizada mais tarde por outros indianólogos, conhecedores das cousas brasílicas.

— No Brasil Central, é commum (diz ainda o dr. TH. SAMPAIO) dar-se a denominação de *araxá* aos chapadões que se estendem mais ou menos ondeados entre as bacias fluviaes; e, parecendo a esse autor vocabulo tapuya, o termo *traxá* ou *arachá* vem a ser, portanto, a “região elevada donde primeiramente se vê o dia, ou donde primeiro se observa o despontar do sol”.

— O referido General COUTO DE MAGALHÃES era de parecer que o vocabulo *arachá* vinha do tupy-guaraní, significando: “vêr o dia” e decompondo-se o vocabulo em *ára* — “dia, tempo, luz” — e, por extensão de sentido, o “sol”; e *achá* — palavra *abaneênga*, que quer dizer “avistar, vêr, observar, enxergar”.

Posteriormente, o uso fixou a graphia *Araxá*, hoje oficialmente adoptada.

— FREIRE ALLEMÃO, o naturalista brasileiro, nas suas “Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua geral brasileira” (in-tomo 45 da *Rev.* do Instituto Historico Brasileiro), traduzio *Araxá* por “bom tempo”.

— Para o recém-fallecido conego ULYSSES PENNAFORT (Vide tomo VIII da *Rev.* da Aca. Cearense) o termo *Araxá* se decompõe: em *a* — particula augmentativa; *râ* — “altos e baixos”; *xá* — “campos”; isto é, “campos elevados” (o planalto ou platô, por consequente). Dessas varias interpretações resulta uma perfeita harmonia do sentido, em que se deve tomar o toponymo *Araxá*.

ARCOS — Nome de duas povoações, nos municipios de Formiga e São Gothardo (a Oeste do Estado). E’ o toponymo uma tradição da época colonial, quando os sertanistas se alliavam aos indios, e a estes contavam como soldados ao serviço da conquista e penetração do paiz, relacionando-os pelo numero de “arcos”, para assim conhecerem a força de que dispunham, nas rudes “entradas” para o sertão ignoto e infestado de gentio bravo e de animaes ferozes.

Os regulos e potentados que se atiravam aos sertões de Minas, tinham numerosa tropa de gente branca, escravos prêtos e indios; e a esse aggregado de brancos reinões, mestiços — mamelucos, bastardos e carijós — e de homens de côr, de origem africana, é que se chamava, de principio, o “bando das entradas pelo sertão”. Depois, com os chefes paulistas, a partir dos fins do seculo dezeséte, ficou prevalecendo o nome “bandeira”. De tantos mil “arcos” era tal “bandeira”. Escasso o armamento de polvora, chumbo e bala, por serem difficilmente adquiridos os mosquêtes e arcabuzes, a melhor arma vinha a ser o *arco* indigena, com a destreza maravilhosa do selvagem em atirar settas ou flêchas.

— O arco do Indio sempre feito de madeira resistente e flexivel (de *Páo d’Arco*), tem dimensões variaveis, o que torna o alcance do tiro da

flécha ou sétta maior ou menor, pelo alvo e distancia. A corda dos arcos é sempre de fibras de *tucum* ou de *gravatá* (contração de *caráuatá*). O toponymo mineiro recorda, portanto, uma tradição do dominio bandeirante, nessa região occidental mineira, entre o Alto São Francisco e o Paraná.

ARCOVERDE — No municipio de Rio das Velhas existe uma estação férrea de *Arcoverde*, e no municipio de Alto-Rio-Doce ha um logarejo do mesmo nome.

Além de uma certa madeira indigena (a arvore conhecida por *Arco-Verde*), o toponymo recorda o nome de um chefe indio do sec. XVI, que deixou seo nome ligado no Norte do Brasil (Pernambuco) a uma familia, com descendentes ainda hoje; e em honra do 1.º Cardeal Brasileiro, o Sr. Arcebispo Dom JOAQUIM ARCOVERDE, que é da estirpe desse famoso cacique *Japarakira* (em tupi *y-apára-kira*, o "arco-verde"), foi que a estação da *E. de F. Central do Brasil*, entre Mattosinhos a Sete Lagôas, recebeu o nome de *Arcoverde*.

Outras illustres familias brasileiras, do mesmo modo que os Cavalcanti-Arcoverde, tomaram nomes derivados dos seus ascendentes indigenas (por exemplo, os Albuquerque-Maranhão, os Felipe-Camarão em tupi, (*Potiguára*), os Ararigybóia, os Tebyriçá, os Jucá os Jequitinhonha, os Aju-ricaba, etc.

— O já citado toponymo ARCOS — localidade do municipio de Formiga, no Oeste, poderia ser traduzido, literalmente, em JAPARATUBA, em lingua tupi, ou em UIRAPATIBA, no idioma *Cayua* (este ultimo, segundo um Vocabulario de TELEMACHO BÓRBA, sobre a linguagem do gentio *Cayua* do Estado do Paraná).

AREADO — Nome de uma villa, districto e séde de municipio (no Sul de Minas) e de outros logarejos dos municipios de Baependy e Monte Carmello. Desde os tempos coloniaes que os descobridores de Minas chamavam de — *Areádo* — a um lugar plano e arenoso, á beira-rio; ou qualquer terreno espraído onde ha muita areia fina, na baixada dos valles ou na margem de um rio, ribeirão, ou córrego; e, por isso, temos muitos sitios e logares mineiros denominados AREÃO, AREAL, AREADO, AREAS, AREOES, e entre nós conhecidos pela prosodia vulgar mineira de: *Arião*, *Ariál*, *Ariado*, *Arêia*, *Ariões*.

— O termo "arisco", que no Nordeste Brasileiro se dá a logares arenosos, em Minas é apenas usado em muito diversa accepção: como qualificativo de animal vivo, espantadiço, "passarinheiro", (cavallo *arisco* é o cavallo esperto, que se custa a pegar). Outra curiosa expressão se encontra na linguagem caipira: "mulher arenosa" é a que está no periodo da menopáusa (Vide o mesmo sentido nos Vocabularios caipiras, que AMADEU AMARAL e VALDOMIRO SILVEIRA publicaram em São Paulo, ultimamente).

— Existe um toponymo indigena — *Ibicuytiba* (de *Yby* — "terra", *cuí* — "pó fino" e *tiba* — "muito" para corresponder ao nome vernaculo *Areál*; porque para o gentio *cuí* — a "terra fina" — é a mesma *arêia*, formada de grãos de terra mineral. Assim tambem a um lugar denominado em portuguez de "Arcia Branca" — poderemos appellidar de *Ibicuitinga*, na lingua dos naturaes (o idioma dos *tupis-guaranis* ou lingua geral *nheengatú* ou *abaneénga*, a "lingua bôa" ou "lingua de gente", entendida em toda a costa brasileira).

ARÊDES — O dr. BAS. FURTADO cita este nome como derivado de uma tribu de Minas (*Aredes*). Desconhecemos o nome e a tribu. Existe realmente um sitio dos *Arêdes*, valle do Pomba, que á primeira vista não parece palavra indigena; e tambem temos visto empregado o nome, como appellido

de familia (os *Arêdes* e *Arêdos*) e com prosodia diversa de *Arêdês*. Será acaso uma formação primitiva de *airy-ndé* (o "cácho ruim"), dando idéa do coqueiro, que dá cacho mal carregado? A ser assim, o toponymo *Arêdês* será uma corruptéla de *airindé*, em que se teria agglutinado aquella expressão *Arêdecô* (município de S. João do Capivary); e na lingua dos *Borôros* (vide o Vocabulario organizado por BASILIO DE MAGALHÃES, na *Rev. do Inst. Hist. Brasileiro*), esses Indios traduzem "vacca" pela expressão *tapira-arêde*.

ARINOS — Este nome já foi proposto, em projecto da Camara Legislativa de Minas, para um districto do município de Paracatú, em cuja séde nasceo o grande e saudoso escriptor patrio AFFONSO ARINOS, natural da cidade de Paracatú; e, em honra á sua memoria, existe em Bello Horizonte a "Praça Affonso Arinos" (em frente á Faculdade de Direito).

— O nome *Arinos* é indigena (tirado da lingua geral dos *Apicás*, uma antiga tribu matto-grossense) e foi dado a um rio da região entre a Cordilheira dos Parecis e o Alto Paraguay; e esse bello rio *Arinos* unido ao *Juruena* fôrma o volumoso *Tapajós*. — Conseguimos decompôr o nome *Arinos* em *airi-nhú*, interpretando-o como o "campo das palmeiras "irys" (*Astrocaryum Ayri*). Em Goyaz, havia um povo indigena os GUARINOS; e no Imperio houve um diplomata brasileiro com o titulo de Visconde de ARINOS. Da sobredita expressão tupi *Airi-nhú* veio por corruptéla prosodica *Arino*, transformado depois no actual nome brasileiro, com a facil desinencia ou terminação do nosso plural.

AROÊIRAS — Nome de uma antiga lavra de ouro — a Lavra das "Aroêiras" — no município de Ouro Preto (districto de Antonio Pereira). Tambem um lugar do município de Itapacerica, nas divisas com o de Oliveira, é conhecido por "Láge das Aroêiras. — Bem talvez que o termo brasileiro "aroêira" tenha provindo da lingua dos Bororós (estes selvagens dominaram, outróra, o valle do Rio Grande, no Triangulo Mineiro). *Aroêra* (donde teria talvez provindo *aroêra*) — quer dizer a "cousa rija", o esquelêto"; e a arvore que o tupi chamou *arundeúva* (contracção de *airi-unayba*) tem o cérne durissimo, estando, de facto, a resistencia da *aroêira* no esquelêto ou interior do tronco. Forçoso, entretanto, nos é reconhecer que os Bororós tinham uma palavra adequada para designarem a nossa "aroêira": *Djanadi* (Vide o interessante Vocabulario de BASILIO DE MAGALHÃES, no tomo 83.º da Revista do Instituto Historico Brasileiro). — A *aroêira*, que tão abundante é nos "cerrádos" e região campestre de Minas, pertence á familia das Therebinthaceas (no conceito de antigos Botanistas) e é madeira um tanto resinosa, sendo um combustivel excellentes; tanto que — como se dá com a *candêa*, (outra madeira indigena) é a *aroêira* vendida no sertão mineiro como lenha mais cara. Tem ella ainda outras applicações: do tronco da *aroêira* se tiram áchas, estácas e moirões, que são, em Minas, muito empregados principalmente para se fazerem cêrcas e tapumes, tal a sua durabilidade, depois de enterrada no solo.

— Desta conhecida madeira de lei, a que em Hist. Nat. LINNEO classificou de *Schinus aroêira* entre as Therebinthaceas; existem ainda na flôra mineira as variedades: "aroêira da matta", "aroêira do morro" (*Schinus mucromulatos*); "aroêira do campo"; "aroêira da vargem"; "aroêira de capoêira"; e a nossa durissima *Urundeúva* ou "aroêira do sertão" (*Myracrodon uruncúva*, de FREIRE ALLEMÃO, ou *Astronium urum dcúva*), todas ellas da mesma familia botanica já citada.

O naturalista RADDI denominou a nossa "Aroêira" de *Schinus terebinthifolius* e JACQUEMONT lhe deo o nome de *Astronium graveolens*.

— No plural, o toponymo AROËIRAS ocorre, frequentemente, na Geographia Mineira: com esse nome ha um logarejo, no districto de S. Antonio do Gorutuba (município de Grão Mogol); um "Alto das Aroëiras", na Serra do Espinhaço; e os já referidos sitios — "Láge das Aroëiras", (nas divisas dos municípios de Itapeçerica e Oliveira) e a "Lavra das Aroëiras", (no município de Ouro Preto), etc.

AROËIRINHA — Este já é um vocabulo composto na linguagem do nosso povo (diminutivo de "aroëira", com o suffixo vernaculo *inha*). Ha em Minas corregos, fazendas e localidades com essa denominação de "Aroëirinha", sendo tambem assim chamada uma variedade urticante dessa therebinthacea brasileira, que produz o sabido "mal de aroeira", isto é, uma terrivel irritação ou coceira da pelle que essas arvores (*Astronium* e *Schinus*) provocam em quem dellas se approxima. Os nossos cabôclos e roceiros, quando vão cortar a aroëira, usam de curiosas formulas cabalisticas, que a superstição lhes tem conservado, para afugentarem os "effluvios perturbadores do sangue que esse vegetal despede ou lança". No *folk-lore* brasileiro, ha interessantes episodios a esse respeito. (Vide pag. 226 dos *Archivos* do nosso Museo Nacional, vol. XXII, anno de 1919, no curioso estudo do professor jesuita C. TESCHAUER: "Algumas notas sobre Ethnographia e Folk-Lore na Flora e Avi-fauna do Brasil").

— O nome indigena *Urundeúva*, que se dá á arvore e madeira conhecidas sob a denominação brasilica de "aroëira", provém de uma corruptela, si bem nos parece, de *airi-una-yba* (a madeira escura e rija como o *iri*) — sendo *Airy* ou *Iry* uma palmeira de tronco durissimo e com a qual o Indio comparava o resistente páo de "aroëira". Em Minas, o *Ayri* ou *Airi* é palmeira que se confunde com a *Brejahúba* ou "Brejaúva da matta".

— Diz a experiencia dos nossos caipiras que, quanto mais longo tempo enterrada no chão, mais resistente se torna a "roëira" cujos esteios são mais duraveis que os da própria *braúna* e *candêa*.

Em Minas, a "aroëira do sertão" passa por ser a madeira que resiste mais. E' até o symbolo da fortidão moral e physica, quando figuradamente se allude a alguem: "Fulano é duro como aroëira; não cêde nem que rache".

— Ha uma familia de origem ouro-pretana, que conserva o cognome de AROËIRA. Os toponymos AROËIRA, AROËIRAL, AROËIRAS, AROËIRINHA surgiram, certamente, do facto de existirem, nos sitios assim denominados, exemplares desse vegetal dos mais apreciaveis da nossa Flóra.

ARRANCA-TOCO — E' o nome de uma aldeóla (logar de nascimento do fallecido Bispo Dom MODESTO VIEIRA), entre a estação de São Bento e o povoadinho de Brumado, no caminho do Collegio da Serra do Caraça (município de Santa Barbara).

— Em Minas, é expressão figuradamente empregada na linguagem popular, essa de "ranca-tôco": ora, na accepção de caminho muito ruim, cheio de brocotós, tópes e calhãos; ora, no sentido de valentão, "topa-tudo" destemido, atrevidação; individuo que não engeita briga nem engole desafôro; que arranca o porrête e vae mettendo o páo sem dó, em quem lhe faz frente.

— Pelo interior mineiro, mórmente na região accidentada da Cadeia do Espinhaço, são bem communs as terriveis e mal conservadas estradas de "arranca-tôco", onde os viandantes a pé levam "topadas" infernaes, de fazel-os "vêr as estrellas ao meio dia"; e os animaes estrondam e arrebetam os cascos ou perdem as "ferragens", por esses caminhos onde o "Judas perdeo as botas" (segundo a imaginativa da linguagem popular).

— "Arranca-tôco" é locução generalisada pelo Brasil Central (desde Minas até Matto Grosso), bem como as expressões *Brocotó*, *Taréco*, "Arre-

negado", "Quebra-Peito", "Quebra-Cangalhas", etc., para designarem caminhos invios ou intransitaveis (no sentido de percurso muito difficil). Pedéstre e cavalleiros, viandantes escoteiros e comitivas ou tropas muito padecem, "navegando por estes *Geraes*", onde as legoas crescem por estradas que tal nome não merecem, e quaes não raro "caldeirões", atoleiros, abysmos, trilhos incertos fazem o desespero das jornadas de sol a sol...

ARRENEGADO — Nome de uma serra no municipio de Bocayuva e de um sitio no municipio de Abaeté, havendo no municipio de Paracatú o logarejo — *Arrenegados*. Na gíria caipira, os logares de mãos caminhos, cheios de tópes, *brocotós*, buracádas e despenhadeiros; as serras e morros empinados e de difficil ascensão; se denominam vulgarmente "arrenegados", nos sertões mineiros. Aliás, no vernaculo — *arrenegado* — equivale a "amaldiçoado, excommungado, maldicto". O caipira, deante de um caminho aspero, de um obstaculo natural, profere logo o classico: "t'arrenég" — O interior de Minas, onde não existem viação ferrea e estradas de rodagem, modernamente construidas, só possúe caminhos abertos a casco de animal, e que durante a estação chuvosa constituem supplicio tremendo para os nossos heroicos tropeiros e estafêtas de correio, para os quaes não ha feriado nem descanso. Lameiros e tremedaes atoladiços; *vau*s perigosos em ribeirões cheios e sem pontes; trilhos perdidos, nas baixadas e planicies inundadas; morros escorregadiços e serras cheias de "caldeirões" e "tópes", em degrãos mal escorados: — eis o quadro das pessimas estradas, que na quadra das aguas têm de ser percorridas por esse "mundão afóra", no *hinterland* brasileiro...

ARREPIADOS — "Serra dos Arrepiados" (no actual districto de Araponga, do municipio de Viçosa), havendo um pequeno lugar, denominado — "Arrepiado", no municipio de Curvello, perto do Morro da Garça. Indifferente, dizemos em Minas: *Arrepiado* ou *Arripiado*.

— A serra mineira dos "Arripiados", no valle do Chopotó, foi outróra refugio dos celebres Indios tapuias dos cabellos erriçados em tufo para o alto da cabeça (os "Coroados", como eram então chamados); e dahi, por terem a cabelleira em grimpá ou levantada, os descobridores e sertanistas lhes deram tambem o nome de "Arripiados", o qual se passou á Serra e a todo o sertão circumjacente, desde o Chopotó ao Matipoó e Rio Casca. Já no latim, *horripilare* — donde veio o nosso verbo "arrepíar" — significava isso mesmo: encrespar, levantar os cabellos, os pellos; dar-lhes direcção inversa da que costumam ter, naturalmente. O aspecto dos bugres de grenha arripiada era apavorante; e o nosso povo conserva em mente a idéa de pavor do gentio, quando diz que "bicho arripiado é perigoso; mórde ou invêste". Sabe-se que o colono durante seculos acreditou que o selvagem era verdadeira féra, que de humano só tinha a figura.

— Na accepção em que um lexico lusitano (o de CANDIDO FIGUEIREDO) toma o termo *Arrepiado*, não o temos visto usado entre nós: "Diz-se da ave, a que o chumbo do caçador tirou alguma pennas, e que, depois de subir verticalmente, fécha as azas e cae morta".

— A proposito d'esses Indios "arripiados" ou "encabellados", é curioso notar como a nossa gente mestiça de cabôclos e mamelucos liga o maior apreço á grenha espessa da cabelleira em trunfa ou topéte, o que para elles denota bravura e valentia. No sertão norte-mineiro, o nome "Cabelludo" é ainda um appellido de familia. "Cacheado", é na linguagem caipira, uma alcunha dada ao "cangaceiro". No Nordéste Brasileiro, um famanaz, o "Cabelleira", inspirou o conhecido romance de FRANKLIN TAVORA (meados do seculo XIX).

Os ferozes Indios-Encabellados (da Amazonia e de Matto Grosso) foram o terror dos brancos, no periodo colonial. "Ter topéte" equivale ainda

a dizer: "Ser atrevido, avalentado" (expressão usada em todo o Brasil). Desde a tradição bíblica, com SANSÃO, força physica ficou de certo modo ligada á abundancia e crescimento dos cabellos...

ARROSAL — Denominação da séde do districto de S. Sebastião do Alto-Carangola (no povoado do *Arrosal*, dantes chamado "chôro"). Ha outros innumerados sitios e logares de Minas conhecidos por este nome. — Em lingua indigena, "Arrosál" ou "Arrozál" se poderia traduzir por *Abatiiba* ("muito milho miudinho"). *Arrosál* designa o logar onde ha cultura dessa gramminacea alimenticia (a *Oryza sativa*, de LINNEO). Do grão cosido do arrôz, faz o nosso povo um prato de alimento diario, ao lado do feijão. Para doces, manjares, pudins e bôlos entra a farinha, fubá, ou pó de arrôz; e com assucar, leite e especiarias faz-se do arroz cosido o classico "arroz-doce" ou "arrôz de leite" de todas as mesas brasileiras. Das cascas sahidas do arrôz pilado ou limpo tira-se a *quirêra* ou "quiréla" (nome derivado do tupi — *curuêra*) e que é excellente forragem para o gado, misturada com fubá grosso de milho. As variedades do arrôz se conhecem, em Minas, pelos nomes genericos de: Arrôz — *Agulha*, *Bahia*, *Branco*, *Brilhado*, *Carolina*, *Iguape*, *Matão*, *Maruhy*, *Rajádo*, *Rajadinho*, *Vermelho*, etc. Em outros Estados brasileiros, além destas, plantam-se variedades como o Arrôz — *Preto*, o *Macapá*, o *Meruín-Nenên*, o *Meruín-Dôrado*, o *Pachóla*, etc. Ao "arrôz do matto" se dá tambem o nome de "arrozía"; e ainda ha uma planta Crassulacea, o *Sedum Album*, chamado "arrôz-de-rato" e que cresce nos telhados e *gupiáras* de casas velhas, nas povoações e fazendas em ruinas ou abandonadas.

— Os Indios designavam, geralmente, o "arrôz" por *abati-i* ou *auátî-i* (isto é, o "milho miudinho"); e o "arrôz de casca" o selvagem o conhecia por *abati-upê*, traducção literal da dita expressão (isto é, quando o bago do arrôz ainda conserva a *pirêra* ou "casca"). — O nome "arrôz" veio para o portuguez derivado do arabe *Arroz* e deo origem, em nossa lingua, a varias expressões de giria — por exemplo: "chôva arroz" (quivalente a: haja abundancia do necessario); e a differentes nomes de iguarias: "arroz de cuchá" (usado no extremo Norte do Brazil); "arroz de fôrno"; "arroz de funcção"; "arroz de gallinha"; "arroz de diêta"; etc.

ASSUNGA — Nome de uma ladeira ou morro, na Serra do Grão-Mogol (Norte de Minas).

Parece-nos uma variante africana do verbo *cusunga*, "puxar", na lingua angolense (idioma "n'bundo"); e certamente delle se fez, no Brasil, a dupla fôrma: *assugár* e *sungár* — verbos chulos e que exprimem o mesmo que "suspender", puxar para cima, "levantar", etc. Na linguagem caipira, são fôrmas muito empregadas, entre nós: "assungar a carga do animal" (levantar-a até perfeito equilibrio da cangalha no lombo dos muares, que conduzem volumes); "assungar o corpo" (aprumal-o); "assungar os arreios" (endi-reital-os, quando, por desapertados, vão escorregando do lombo para a barriga da cavalgadura); "assungar o baláio" (levantar-o do chão até aos hombros), etc.

ATERRADO — Com este nome existem varios logares e arraiaes em Minas (nos municipios de Além-Parahyba, Dôres-do-Indayá, Cassia e Poulica, no Oeste Mineiro, o districto de Aterrado do Indayá (N. Sra. da Luz do Aterrado), onde é Dom MANOEL N. COELHO o 1.º Bispo já empossado.

Nas margens do Rio Grande, no Sul de Minas, existe tambem um logar — *Aterrado*, diminutivo desse do toponymo *Aterrado*, que é um termo geographico peculiar ao Brasil e derivado do verba *aterrar* (acção de chegar terra, de cobrir de terra ou entupir com terra um brêjo, um terreno em barrocado, uma buraqueira). Entretanto, si essa é a idéa do vocabulo, em

muitos logares, todavia dizemos que, em regra, o que no Brasil Central se denomina de *Aterrado* vem a ser, quasi sempre, o terreno conquistado á beira-rio pela accumulação de sedimentos que a propria corrente fluvial vae depositando em determinados sitios e ahi aos poucos vão aquelles se solidificando na superficie, com o afastamento das aguas do rio. Assim acontece, em Minas, com os logares conhecidos por *Aterrado*, nas margens do Parahyba, do Rio Grande, do Indayá, do Sapucahy, etc. Nos pantanões matto-grossenses, o *Aterrado* é sempre representado pelos nucleos de terra firme em meio ao terreno inundado do pantanal, como se observa nos grandes *aterrados* de levantamento da linha da *E. de F. Noroeste* (no trecho de Tres-Lagoas para Aquidauana), segundo nos informou o dr. ARLINDO LUZ, engenheiro-chefe e director dessa ferro-via brasileira até 1922. Tambem occorre o toponymo, em augmentativo, sob a fórma — *Aterrado*, noutros pontos do paiz.

ATOLEIRO — E' o nome de pequenos logares, sitios nos municipios de Abaeté e João Pinheiro, na região occidental de Minas.

— Este termo geographico brasileiro tirámol-o do verbo castelhano *atolar*, que veio para a lingua portugueza, onde equivale a — atascar, metter-se na lama, afundar no barro, enterrar no lôdo ou *tijúco*.

Os derivados — *atolêiro*, *atoladiço*, *atoládo* — são de muito frequente emprego em nosso paiz. *Atolêiro* é o mesmo que atascál, barreiro, lodaçal, *tijucál* ou *tijuquêira*, pântano, lameira, lameiro, lamaçal... quando designa o terreno mólle, inconsistente, e, ás vezes, tão perigoso como um *tremedal*, um pantanal, ou um *terêrê* (terêrêrê, terreno humido, fôfo e atoladiço).

Durante as estações chuvosas, nos trechos transitados de beiras de rio e nas estradas de terra solta, enchem-se de fundos atoleiros e "caldeirões" os caminhos do interior de Minas, trafegados de tropas e animaes. No sentido figurado, é vulgarmente usado o termo "atolêiro" como indicativo de situação moral ou posição extremamente difficil e cheia de embaraços. A locução "atolado até o pescoço" indica pessoa individada ou muito comprometida em negocios complicados (é expressão usual em todo o Sul do Brasil).

Bello Horizonte — Janeiro 1923.

NELSON DE SENNA.

(Continúa)





CAPITULO DOS SAPATOS

TUDO neste mundo tem historia e nos livros, capitulo. Os poetas dizem que alma: alma tem o oceano, a arvore, a flôr, a poeira, tudo. Não vamos com esses, que a prosa não tolera ao verso. Antes, como a amizade é bôa e os principios, excellentes, acostemo-nos a Mestre Assis, capitulando os sapatos. Ha differença de objecto: o do Mestre — chapéu; o nosso — calçados. Ha desaccordo nos gostos: áquelle tempo dava-se maior vulto aos chapéus, por o que cobriam; hoje, com elles porfiam as botas, por o que resguardam. Mais: em 84 a machina pensante era a cabeça; hodiernamente, pensa-se tambem com os pés. Simples maneira de se recordar o campeonato sul-americano, que não vem ao caso.

Capitulo dos sapatos vai á fiveleta. Si houver quem discorde, poeta ou philosopho, que se demude para historia. Algum futebolista extremado, que lhe queira dar mais amplo sentido, chame-lhe de alma.

E só, que tempo e papel não consentem maior digressão.

* * *

O Ricardo Soares — em familia e entre amigos, o Ricardito — entrou agora mesmo em casa. A não riscar a casa e pôr quarto, republica de estudantes, como se diz, eu faltaria á verdade, e mentiria á amizade si lhe não desse o nome por que, Ricardito e Luiz Mauro, o baptisaram: *Cenaculo*.

Ahi está como, de uma feita, dou-me a conhecer amigo de ambos, e digo que estou no *Cenaculo*, o Luiz Mauro estendido na cama, o Ricardito a vasculhar o aposento em busca de não sei quê. Visitante, occupo-lhes a cadeira, a unica, meio desconjunctada, cambaia, tres pernas, ouvidos ao Luiz Mauro, olhos no Ricardito e attenção na acrobacia.

— Que diabo você procura, Ricardito? — interrompi a narração do Mauro que me falava do pleito do "Gremio 11 de agosto".

Não respondeu palavra. Veio-me ás botas, escandalosamente amarellas, sem gosto, a contrastar com a calça escura, que eu trazia. Dobrou-se á indiana, examinou-as para verificar-lhes a solidez da fôrma, compressou-as fortemente com os dedos ringindo-as.

— Não servem! — concluiu, e foi a identico exame nos sapatos do companheiro.

— O' Ricardito, gritou este, encolhendo as pernas, si você é trapeiro, escusado é o exame, que não os vendo!

— Não é isso, homem, deixe ver.

— Já disse que não vendo.

— Mas eu não quero compral-os. Si estivessem em melhor estado...

— P'ra quê?

— Eu já digo.

Nova inspecção, primeiro na parte superior, depois na sóla. Couclusa, emergiu-lhe do peito um suspiro.

— Que azar!

— Desemperre! — gritou Mauro, pondo-se sentado.

Como Ricardito fizesse menção de nos satisfazer a curiosidade, arrastei a cadeira para perto de ambos, guardadas as cautelas com as tres pernas.

— Que azar! Vejam vocês: hoje, dança-se em casa de Lindinha, anniversario do *velho*, baile *chic*. Inda agora, encontrando-a de sahida de Santa Cecilia, disse-me que não faltasse, que a festa era o *succo*, orchestra do Cruz, o diabo de attracções. A principio, enthiasmado com a patuscada, peguei do convite; depois, devolvi-lh'o...

— Não vai? — interrompeu o Mauro.

— Não posso.

— Por que? — intervi, curioso.

— O raio das botinas! Veja você, Silva: hoje, meio do mez, é que acharam para se romper na sóla.

— Vá ao sapateiro da esquina — aventei.

— Lá estive. Não fia, o ladrão, nem por Santo-Padre.

— Talvez o Luciano...

— Mora longe, nos Pinheiros, e é bem capaz de estar ausente, não ter sapatos pretos, estar enfermo, agonizante...

— O Silva póde emprestar esse horror de amarello e talvez a gente consiga pintal-o de preto.

Acquiesci, de bom grado, ao alvitre de Mauro. Fômos ao sapateiro: não trabalhava aos domingos, mesmo porque era impossivel a operação.

— Acabou-se, não irei! — rematou o Ricardito, com ar de quem recusa um ministerio. Depois, segundo suspiro, desses de apiedarem montanhas de gelo, e labyrinthou-se nos pensamentos que o sarau lhe suggeriu, anda e desanda pelo quarto.

Napoleão, em Waterloo, não conversou tanto a imaginação. Nesses soli-loquios, como é costume, desaparece scenario, palco, espectadores, tudo, e só fica o actor que resume em si toda a peça e ambiente. Mauro, que de soslaio lhe seguia a inambulação, teve uma idéa. Apresentou-a, desenvolveu-a, commentou-a, pesou prós e contras, concluindo:

— Serve?

— Mas, é grande o rompimento: deste tamanho.

E, mão aberta, com o pollegar e indicador fez o *ó* dos surdos-mudos.

— Qu'importa? Cobrimol-o todo, com uma bôa palmilha de papelão.

Ricardito esteve alguns segundos sem resposta. Alfim, decidiu-se:

— Vivam as grandes idéas! — bradou, de um salto alcançando a cama do Mauro.

Tanto susto me causou o feito que — adeus, cautelas! — lá me fui ao chão, no meio de risadas e apupos dos amigos.

* * *

Lá se foram. O Mauro, em recompensa da idéa, da genial idéa, conforme definiu, fez-se companheiro do Ricardito. Mettidos em trajos de gala — fraque preto, reluzente camisa de gomme, gravata, meias, lenço de seda, tudo fino — que o guarda-roupa dos estudantes era principesco — penetraram a casa do dr. Henrique Julião.

Recebeu-os, á porta, Lindinha, a donosa eleita do academico. Esplendidamente decotada, nos labios finissimos eterno e humido sorriso, promessas de encantamento nos olhos azues, no corpo flexivel, que meneiava como si bailasse. Um feitiço, e toda premissas de venturas sem par.

— Lindinha, um collega da Faculdade e do *Cenaculo* — Luiz Mauro de Lima e Horta.

— Criado de V. Excia.

— Muito prazer! Que nome comprido que lhe deram: Luiz Mauro de...

— ... de Lima e Horta, minha senhora.

— Mau gosto, o de seus pais. Melhor iria, por sobre-nome, de Rosa e Jardim.

E despejou uma risada gostosa, arfando o peito e entremostrando a suavidade da curva dos seios.

Riu-se o Ricardito; riu-se o Mauro e — coisa incrível — parece que tambem o chapéu deste, que rolou no assoalho. Abaixou-se a dama para apanhar-o; o namorado, como cumpre a cavalheiro, quiz anteceder-a no acto. De precipitado, deu com a testa na cabeça da bem-amada. Novas risadas, e o Mauro a dizer, nos labios uma pontinha de inveja:

— Por quem é, minha senhora, não se incommode, não se incommode...

— Machucou, Lindinha?

— Não, não foi nada.

Dahi, a entrada. Ricardito, um tanto apprehensivo, poz firmeza em não dançar. De longe em longe, quando pilhava um canto solitario, onde as vistas dos convivas não o lobrigassem, descalçava umas das botinas e punha-se a examinar-lhe a palmilha. Lindinha, que numa dessas inspecções lhe notou a falta, foi procural-o.

— O que você tem, Ricardito?

— Callo, um ladrão de callo, que me põe brasas na planta dos pés.

— Então, prefere ficar por ahi? — disse, num muchocho.

— Não, dancemos, que talvez não me dôa tanto. Quem sabe si o *similia similibus curantur*...

E, mais uma vez passou como grande verdade o proloquio latino, attento que de corpo e alma o estudante se entregou á dança. Valsas, tangos, *fox-trots*, *rig-times*, tudo. Não mais perdeu compasso de musica. Demais, como isto havia de succeder si tão de delicias era o contacto da bem-querida, que de onde em onde lhe comprimia os dedos?

A hora tantas, meia-noite passada, serviu-se o chá em sala contigua. Alguns convivas, de pé, que as mais das cadeiras estavam no salão de danças. Em redor da mesa, enfartada de doces e guloscimas, moças e rapazes, velhos e velhas mituravam risos, conversinhas, reparos, de permeio com a deglutição. Com elles, Ricardito e Lindinha, que se absorviam no seu amor, *ambo unum*, conforme lá disse o padre Vieira.

Cessada a mandibulação, alguém que soubera no academico dotes de promissor tribuno, lembrou-se de um brinde ao anniversariante.

— Tem a palavra o dr. Ricardo Soares, para um *toast* ao dr. Julião.

O moço mandou aos diabos o lembrete e mais 'o indiscreto, não pelo

receio de falar, mas porque ansioso estava por sentir, de novo, os mimosos dedos da trefega moçoila a comprimir os seus. Alvo de todos os olhares, motivo de muitos *psios!*, não teve sinão discursar.

Após o exórdio, declamado com voz quente, timbre agradável, fazendo com que o auditorio estremecesse de prazer no antegoso de uma oração á Ruy, começou:

“Em festas do coração não dizem bem tristezas. Mau grado isso, não sei que para aqui não traga um conceito, passado como grande axioma, e que resumbrá tanto maior pezar quanto synthetiza uma inverdade. Refiro-me ao que disse um sabio, cujo nome não me occorre, pessimista irritante, e que mesmo assim encontra fervorosos proselytos. Asseverou elle: “Meus amigos, não ha amigos”. A mentira do asserto? Vós a tendes aqui, e comprovada por vós mesmos: o accorredes a este sarau intimo, onde a amizade é moeda corrente, de bom soido e cunhada em oiro. Assim, meus amigos...

Não concluiu. Num *ai!* percuciente, acompanhado de indiscriptivel esgar, a bocca, os olhos muito abertos, atirou longe qualquer coisa que se lhe grudara a uma das botinas e centelhara no arremesso. Depois, num salto, alcançou a porta da rua e providencial bonde, que no momento passava.

Como derivante — um estardalhaço dos demonios: chicaras, pratos quebrados; café, chá entornados pela mesa; gritinhos das moças, arrastar de cadeiras tumulto, enfim.

Que foi, que não foi e, antes de voltarem a si da estupefacção que lhes causara a sahida brusca do estudante, Lindinha desmaiava nos braços do pai. Inquiriram o Luiz Mauro, que ficou sem acertada resposta. Aventou uma enfermidade hereditaria, de nome arrevezado, inglez, e abalou, surprezo, sem atinar.

Tão logo o viram pelas costas, deram tréla ás supposições, em que não tomava parte a moça, toda em lagrimas, no quarto. O dr. Julião, perspicaz como poucos, poz-se a o corrente do succedido.

— Eu só o vi pisar um charuto acceso, que minutos antes, por distracção eu deitara perto delle — disse-lhe um dos convivas.

— Não conclua, meu amigo, que já dei com o enigma. Certamente o estudante troxe rôtas as botas, e dahi a brasa do charuto queimar-lhe a planta dos pés.

E riu-se a bom rir, sacudindo-se de goso, enquanto a filha, na crença de que o enamorado enlouquecera, estraçalhava as vestes, mordida o travesseiro, soluçando alto.

* * *

O resto? Pobre academico! Viu-se na contingencia de mudar de terra, transferir-se de escola e até variar o nome, que o dr. Julião e os que lhe assistiram á festa, fizeram anedota do incidente:

— Não sabe, o caso dos sapatos? Pois o Ricardo Soares...

PAULO DE FREITAS.



ONÇA VERSUS MARUÁ

— Sor Roberto! Porque não me conta alguma historia interessante, que lhe tenha acontecido? Acho que não lhe será difficil, porque a quem anda desde muitos annos por estes sertões, não lhe faltarão contos para divertir a gente.

— Já sei o que a senhora quer. Quer ouvir falar de onças, de indios e de roteiros, não é? Pois, ahi vae um conto de que gostará certamente. Trata-se de uma aventura que me aconteceu nos primeiros dias desta viagem, isto é, ha apenas uns dois mezes, mais ou menos. Abra bem os ouvidos e escute.

No dia do acontecimento que vou narrar, montei a cavallo com o sol já um tanto alto porque o morador, em casa do qual tinha passado a noite, não queria largar-me. O Rozilho, naquelle momento, batia um trilhinho que cruzava diagonalmente um bonito campo, e de vez em quando cumprimentava, á moda d'elle, o gado espalhado que encontravamos. Em quanto as minhas mãos, para matar o tempo, faziam um cigarro, o pensamento ia commentando certa conversa do pequeno fazendeiro.

Levanto por acaso, os olhos e vejo, bem no alto, dois urubús que tranquillamente planavam no espaço, para depois, em peritas e soberbas evoluções, fender placidamente os ares com aquelle par de rigidas azas tendidas que me pareceram duas afiadas navalhas.

Quantas vezes, deitado sobre o capim e rodeado daquelle silencio sepulcral que faz mais ainda resaltar a grandiosidade, a imponencia do panorama que se abre á minha vista, quantas vezes, estendido sobre o verde tapete, nessas horas de recolhimento espirital, olhando para dentro de mim, cheio de recordações, de visões e de saudades, nessas horas em que a alma se acha arrastada ás meditações e o pensamento compraz-se em abordar os grandes mysterios da natureza, acompanhei extatico e com uma certa inveja esses senhores do espaço nos seus vôos magistraes, os quaes denotam o absoluto predominio dos ares! Que doce emoção experimento quando os vejo nessas suggestivas evoluções, com aquella apparente immobildade do corpo e com visivel naturalidade, gravemente descrever no longinquo dominio delles, amplos circulos e espiraes com tal suavidade harmoniosa, com tal regularidade de linhas, que só com um gigantesco compasso parece-

ria possível executar! Não sei porque, mas cada vez que se me depara esta scena, a minha attenção fica presa áquelles pontos perdidos na immensidade da abobada celeste, áquelles pontos que desaparecem nas nuvens para logo depois reapparecerem mais longe, vagabundando sempre, por horas e horas, sem descanso. Não sei que admirar mais, se a absoluta segurança, a pericia manifesta nesses magestosos vôos, se aquella despreoccupação, aquella abandono, aquella gozo... Com quanta commiseracão, daquella altura, olharão para nós, orgulhosos vermes condemnados a rastejar toda a vida no chão.

Como desejaria ser eu tambem uma ave para poder fugir ás misérias terrenas, para levantar-me no alto, bem alto, penetrar nas nuvens, confundir-me com ellas, cortal-as, vencel-as, subir ainda mais, mais ainda... E' verdade que a miudo eu sonho voar, mas esses vôos imaginarios são muito embaraçados, muito custosos e os obtenho agitando mãos e pés, com os mesmos penosos movimentos que faz o mergulhador quando quer voltar à tona.

São vôos que não me permitem alcançar grandes alturas: a ponta de alguma arvore, o tope de algum morrinho e nada mais. Mas voltemos aos nossos urubús.

Esses dois bichos que vejo não estão lá sem motivo: a senhora bem sabe que onde ha urubús ha carniça. Existe entre o povo a prevenção que seja um crime abater um desses individuos por ser elle um grande devorador de immundicies e por isso desempenhar o cargo de varredor publico. De facto: nas abandonadas aldeias sertanejas, onde é completamente desconhecido o serviço de limpeza publica, o urubú é um verdadeiro funcionario municipal, mas o povo, que de bacteriologia nada entende, não sabe que elle é tambem um poderoso vehiculo de microbios. Acho, pois, que os lucros que elle dá á humanidade, não correspondem aos prejuizos que lhe traz. Mas, deste assumpto que se occupem os srs. doutores, que estão á frente do Serviço Sanitario.

A deducção que fiz pouco antes a respeito da carniça, leva-me á conclusão que deve tratar-se de algum boieco da fazendinha, onde tinha passado aquella noite. Este facto, porém, não me affectava, por isso não lhe liguei a menor importancia: mas quando, mais adiante um pouco, um enorme rastro de onça, entrando no meu trilho, chamou a minha attenção, lembrei-me então do que dizia o fazendeiro na vespera, isto é, que de quatro bezeros, só um chega a criar-se porque dos outros, dois acabam nas presas das onças e um morre de doença, ás vezes provocada por demora no tratamento da bicheira.

Tinha até então percorrido umas tres leguas apenas e um extenso cerrado claro abria-se agora á minha frente em terreno meio ondulado; o Rozilho avançava já meio cauteloso e desconfiando, talvez devido ao vento lhe ter levado a catinga da onça, quando de repente de um capãozinho á nossa direita, sahem roucos e desesperados berros, seguidos immediatamente pelo caracteristico barulho que faz uma rez, abrindo o caminho em louca corrida pelo matto.

Instantaneamente detenho-me para dar-me conta do que acontecia, e uns minutos depois, vem cruzar a poucas braças de mim uma vacca espantada, ensanguentada, seguida por um bezorro, ambos a correr e a berrear.

Adivinhei logo que ella sahia de um ataque de alguma onça, e por isso, segurando mais fortemente a carabina, espio logo com anciosa attenção ao meu redor, prevendo de um momento para outro encontrar-me com a fera em perseguição da victima. A minha supposição demora em averiguar-se e já tinha perdido toda esperanza de augmentar a collecção de mais uma pelle, quando feriram os meus ouvidos tremendos berros e vigorosos urros fundidos entre si por serem iguaes em força e em tonalidade.

No primeiro momento julguei que a onça tivesse escolhido outra vítima, e com o intuito de aproveitar a ocasião para enviar uma certa bala na fera, approximei-me cuidadosamente do campo de batalha, guiado por aquella musica espantosa. Ao redor de mim, naquelle momento, não se ouvia mais o menor rumor porque, sem duvida, o medo tinha invadido o animo dos habitantes daquelle sertão. Até os passaros se tinham emudecido.

Ao cabo de uns cinco minutos, por fim, se me deparou á vista, com não pouca emoção a scena que se desenrolava num recanto limpo do capão, quasi á beira d'elle. Um spectaculo indescritivel, um duello em toda a sua magestade, em toda a sua belleza, em todo seu terror entre os dois mais arrojados, mais formidaveis moradores do sertão: o touro e a onça. O touro, um valente maruá, que devia ter acudido immediatamente em auxilio da vacca fugitiva, logo que esta soltou o primeiro berro de espanto, estava lá enfrentando uma colossal onça pintada; um filhote desta, urrando tambem, mas a respeitosa distancia dos chifres, acompanhava as differentes phases da lucta, agitando-se, dando pulos ora á direita, ora á esquerda, entre uma arvore e outra, seguindo acompanhando nestes saltos os movimentos, as deslocações da mãe combatente.

O outro, bufando com raiva, sacudia a cabeça e raspava nervosamente o terreno, jogando-o por muitas braças longe de si. Quanto mais o seu furor augmentava, seus olhos adquiriam sempre mais ferocidade. Avanchava contra a fera, obrigando-a a retroceder com cautela; espiava os movimentos della para atacal-a no momento opportuno e, ao mesmo tempo, para desviar as suas acommettidas. Pelo pescoço e pelos quartos trazeiros já lhe corria sangue, pelo que vim a concluir que antes de minha chegada, os dois já tinham tido uns instantes de lucta corpo a corpo. Berrava o bicho ensanguentado, mas berrava não pela dôr das carnes dilaceradas, porque os valentes morrem sem conhecer a dôr, morrem sem sabel-o, mas sim pela ira, pela raiva, pelo furor de não poder subjugar o adversario, por vel-o sempre fugir aos seus ataques. Esses maruás, nascidos e criados em pleno sertão, e levando no sangue os ferozes instinctos de muitas gerações, criados elles tambem como as feras, são os animaes mais brutaes que se possa imaginar, porque nada temem, não recuam nunca, não avaliam as suas forças pelas do adversario, considerações instinctivas que quasi todos os outros animaes fazem; elles não conhecem retirada, mas sómente o ataque, e atacam tambem sem ser molestados. Como a onça é a rainha da matta, assim o touro é o rei do campo, e pelo odio mortal existente entre os dois soberanos, da matta e do campo, é facil deduzir que terrivel duello era aquelle.

Via-se que ambos punham em jogo toda a astucia, toda a força, toda a agilidade que possuiam. O duello em certos instantes tomava um caracter interessantissimo, até que por fim, num dado momento, não podendo a onça retroceder mais por ter recuado já até á beira do furado, trepou numa pequena arvore, á qual se tinha encostado. O maruá, sem hesitação alguma, avança contra a arvore e trata de derrubal-a. A fera que, por sua vez, desde os primeiros golpes que aquelle dá ao debil tronco, deve ter comprehendido a inefficacia do refugio, está anciosa por abandonal-o e attentamente espia os movimentos do adversario para, no momento opportuno, pular no chão, mas, como o touro tinha concentrado toda a sua raiva na arvore e não percebia que o seu corpo estava descoberto, a onça, aproveitando-se dessas condições favoraveis, pula no lombo do maruá; infelizmente para o felino, uma mais violenta sacudidela á arvore no instante mesmo em que se encolhia para fixar-se depois do salto, fez com que não pudesse segurar-se ao sitio preestabelecido e escorregou.

Os duellistas estão agora novamente no meio do furado, mas por pouco tempo só, porque a onça, vendo as difficuldades de vencer o adver-

sario numa lucta leal, num combate em campo aberto, trata de attrahir-o para o matto, para o reino della, para vencel-o pela traição.

O compo de batalha vae, pois, deslocando-se e transporta-se para o capão. O matto, por essa banda, era claro, muito limpo, de modo que permittia aos duellistas mexer-se, se não livremente como antes, porém sufficientemente. Eu acompanho com grande interesse todos os movimentos, porque estou presentindo que alguma novidade se vae dar, que alguma surpresa desagradavel para o maruá vae acontecer. Percebi, demais, o interesse que o felino demonstrava em attrahir o adversario para o capão e, por isso, desconfiei logo que algum plano de alta estrategia ia ser posto em pratica. A raposa velha agora vae divertir-me, pensava eu.

De facto: a fera, logo abandonado o furado, colloca-se atrás de um ipé, esperando a accommettida que não demora e os dois estão correndo em roda desse páu e em roda dos outros vizinhos; elle com a cabeça baixa e os olhos fincados no vulto que lhe está na frente e que nunca pôde alcançar; ella de cabeça erguida, passando propositalmente com desordem de uma arvore para outra, com o intuito de desorientar o adversario e pegal-o em algum movimento falso. Essas voltas improvisas ora á direita, ora á esquerda, cansam o perseguidor e ademais occupam-lhe toda a sua attenção; devido a este facto, o touro não vê, ou talvez não teve tempo de desviar uma raiz que sobresahia um palmo do terreno e tropeça nella levemente, mas sufficientemente para prejudicar o impeto da perseguição.

A fera não precisava mais do que isso. Ella que andava com toda cautela, aproveita o momento propicio, que se lhe offerece, e pula para cima do inimigo; mas o deus protector dos audazes intervem pela segunda vez em favor do maruá e o felino, ao cahir, tropeça num robusto cipó que do alto de uma arvore desce verticalmente até o chão. O leve contratempo é sufficiente ao maruá para dar-se conta do acontecido, mas não para evitar que o felino, numa dentada, lhe corte o rabo pelo meio.

Este incidente modifica mais uma vez o plano de batalha. O campo da lucta vae novamente deslocando-se para o furado primitivo. Recomeçam os ataques e as paradas de ambas as partes. De vez em quando a onça abandona momentaneamente o combate para correr, talvez empurrada pelo amor materno, para perto do filhote, como para tranquillizal-o, e logo volta mais enfurecida ao lugar de honra. Por fim, o avançar e retroceder acaba. Outro character toma agora o duello. A onça trata de pular ao lombo do valentão e para isso roda em torno d'elle, descrevendo semicirculos, na esperança de tomal-o de surpresa, de aproveitar o menor descuido; o maruá, que, por sua vez, comprehendeu demais esse jogo, essa tactica do inimigo, está com as mãos (patas dianteiras), fincadas no chão e, bufando como um fole, acompanha a manobra, protegido sempre por aquelle par de enormes chiffres que possui, enquanto que as pernas trazeiras, nesse vae e vem, deixam no chão infinitos rastros, que, no conjunto, formam uma faixa semicircular, a qual, ajuntando-se com a outra faixa feita pela onça, completa o circulo. As patas dianteiras, sem sahir do lugar, do buraco que ellas mesmas fizeram, apenas mexem-se o necessario para manter o equilibrio, para manter a força de estabilidade de que precisa, de modo que, de qualquer lado que ella estivesse, achava sempre diante de si as duas agudissimas pontas que a esperavam.

A excitação e o furor que dominavam o touro eram naquelle momento extremos.

O herro sempre mais rouco, sempre mais profundo, parecia que sacudia, fazia vibrar até as folhas das plantas visinhas. Baixava nervosamente a cabeça para levantál-a immediatamente com mais violencia ainda, dando cornadas no ar, o que me fez suppôr que tivesse até perdido a noção da distancia que o separava do inimigo: aquelles olhos que, continuamente, cravados na onça, mandavam raios de fogo, de certo não estavam

mais em condição de avaliar a distancia. Via-se que a sua paciência estava para esgotar-se. Já os seus ataques não obedeciam mais, como até então, ás mais elementares regras de prudencia, ás mais instinctivas precauções que por quanto bruto seja um touro, sempre toma no combate, e a intervallos baixava a cabeça para atacar a fundo o adversario descobrindo ora um flanco, ora o outro. O valente fremio todo; as mãos, por seu turno, agitavam-se sempre mais, e sempre mais longe atrás de si, atirava a terra que os seus pés cavavam. Abundante baba, misturada ao sangue que cada vez mais jorrava das feridas, sujava-lhe agora o corpo inteiro. Por fim, o maruá teve a infeliz ideia de lançar-se por cima do filhote que inadvertidamente ia approximando-se da mãe, não calculando que o amor materno, em casos como este, dobra a força, o vigor; por isso, mal tinha o touro, com seu meio rabo, levantado, dado os primeiros saltos no rumo do pequeno, a mãe, num pulo desesperado, num desses pulos felinos que muitos descrevem e poucos têm realmente visto, cae com as patas dianteiras agarradas ao pescoço do valente e com as trazeiras no lombo d'elle. Nesse salto poderoso de uns cinco metros, vi que a fera tinha recorrido ás suas reservas de força e de agilidade, e é logico isso, porque para que outras circumstancias de sua vida devia ella guardar estas suas reservas se naquelle momento estava luctando com o seu mais formidavel inimigo? Se estava em perigo a vida de seu pequeno e a della mesma? O que ella deu, não foi um pulo penoso, escasso que não se sabe se dará para agarrar-se, ou não, ao ponto preestabelecido: o desespero forneceu-lhe mais força e agilidade do que precisava; por isso que o salto della foi elegante, e a leve parabola deixava suppor que as suas reservas lhe teriam permittido chegar ainda um pouco mais além, se o caso o tivesse exigido.

Cahir e lacerar com as suas terriveis unhas e suas possantes presas, as carnes do subjugado foi uma coisa só, mas tambem foi uma coisa só lacerar as carnes e receber uma tremenda cornada: o valente, enfurecido, crava o seu chifre esquerdo no flanco do felino e derruba-o, podendo, este, ainda chamar-se feliz, porque a cornada lhe offendeu sómente uma parte secundaria do corpo.

No chão, a fera em dois penosos saltos, que trahiam o miseravel estado em que tinha sahido do combate, alcançou o pequeno, que já acudia a ella, e ambos sumiram-se numa ponta do matto sujo, no dominio delles, que não dava passo a vultos maiores. O maruá, que, a principio, os perseguia, vendo-se logo na impossibilidade de alcançal-os, voltou ao campo de batalha e embora lhe pingasse sangue por todos os lados, com a cabeça levantada, com aquella altivez propria dos victoriosos, acompanhava com o olhar a fuga vergonhosa.

Em quanto isso se dava, eu bem caladinho estava no meu observatorio, que me tinha permittido presenciar o duello em todas as suas terriveis phases, sem ser visto; só um rincho do cavallo teria podido trahir-me, mas o Rozilho sabe muito bem quando não deve rinchar. Resolvo immediatamente perseguir a onça afim de tirar-lhe o couro, e como o maruá está ainda com as orelhas levantadas e o sangue quente, assim, tomo a precaução de livrar-me de todos os objectos que poderiam atrapalhar-me numa corrida forçada, extra-programma. Suspendo, pois, a um galho a machina photographica, o sapicuá e todos os outros trens superfluos naquelle momento, ficando simplesmente com as armas, e saio atrás da fera. Beirando o matto, não me custou muito alcançal-a e fincar-lhe uma bala no coração.

Trato ligeiro de apoderar-me do filhote, mas o maruá, ouvindo o estampido do tiro, acode a toda velocidade, disposto a recommençar a lucta. Logo que me avista, pára immediatamente de surpresa: os nossos olhares, por demais expressivos, cruzam-se logo. Era mesmo bello o maruá naquelle instante de furia! Parecia symbolizar o demonio destruidor que tudo der-

rubra, que tudo quer aniquilar, que tudo quer pisar e ver immovel aos seus pés. Todas estas considerações que fiz não occuparam minha mente mais tempo do que os meus olhos gastaram para notar a causa que as provocava.

O meu primeiro pensamento, o impulso instinctivo que se me apresentou logo que chegaram aos meus ouvidos os primeiros passos do galope, foi de mandar-lhe uma bala na testa, mas com a mesma rapidez reflecti que não se mata á tã um valente desses; primeiro precisa excogitar, esgotar todos os recursos dos quaes se pode dispor e só chegar a esse extremo quando todos elles falharem, quando todos elles resultarem baldados. Porém, esta generosa resolução custou-me bastantes sacrificios. Nesse instante em que mentalmente faço estes raciocinios, o bicho parte como uma flecha para investir contra mim, sem aperceber-se, na sua colera ainda não apagada, que o verdadeiro inimigo d'elle está lá deitado no chão, agonizando. Não tinha, pois, outro remedio senão soltar as redeas ao Rozilho, já bastante nervoso, elle tambem, de tantos urros, de tantos berros: o que fiz, partindo elle como um raio com a crina ao vento, pelo cerrado que se abria á nossa frente. A fuga com relativa perseguição durou, talvez, no maxima uns dez minutos, mas quanto caminho devorámos nesse breve lapso! Raio e flecha comeram nessa corrida talvez uma legua. A sorte favorecia ao Rozilho, porque o cerrado ia clareando-se sempre mais e ligeiro transformou-se em campo limpo, o que lhe permitia lançar-se a um galope vertiginoso. As pequenas ondulações, as leves irregularidades do terreno, as grutas, os correios e todo obstaculo de pouca importancia os vencia com um simples salto. Por este motivo tinhamos tomado uma boa dianteira ao touro, que parecia ter esquecido o cansaço da luta.

Os dez minutos de corrida levaram-me á beira de um rio providencial, com uns quinhentos metros de vantagem sobre o perseguidor. Mal tinha apeiado, o Rozilho entra na agua, e eu, segurando com uma mão a carabina e com a outra o revolver e o cinturão das balas, jogo-me atrás d'elle.

O rio não tinha mais de uns 150 metros de largura e em menos de um minuto uns 50 metros de agua já me separavam da margem. Foi nesse momento que o valente surgiu no alto do barranco. Via o novo inimigo escapar-lhe tambem como o anterior, e por isso recomeçou a bufar, a raspar o terreno, jogando-o, com nervosas patadas de raiva, longe de si; sacudia a cabeça a pequenos intervallos, em resumo, demonstrava de sobra qual seria o tratamento que nos estava reservado se nos tivesse tido a um palmo de seus chifres.

Eu, nadando ventre para cima para não molhar as armas, não o perdia de vista um instante só. Bonito quadro mesmo e digno de ser reproduzido na tela: o Rozilho, cortando vigorosamente a corrente, pouco faltava-lhe agora para alcançar o barranco opposto, eu, bastante mais atrás d'elle, por faltar-me a liberdade nos movimentos, e o maruá, á beira do barranco, cujo perfil destacava-se nitidamente no firmamento que lhe servia de fundo, furioso e perplexo como de quem está para tomar uma resolução que demora em vir: "Vou ou não vou?"

Finalmente e felizmente a decisão veio. O bicho resolveu deixar-nos em paz, e foi bom assim, tanto para nós como para elle; digo mais, foi muito melhor para elle do que para nós, porque tal resolução foi a sua salvação. Acho que, do contrario, os meus escrúpulos não teriam ido mais longe.

O perigo imminente não me tinha permittido de tirar e pôr no sacco impermeavel os arreios antes de o cavallo jogar-se no rio, por isso, o resto daquelle dia o passámos num "dolce far niente", esperando que o sol enxugasse todos os trens, incluindo a minha roupa e as botas.

A manhã seguinte, cruzámos novamente o rio para ir em procura dos objectos deixados pendurados no matto. Com muita cautela acompanho os rastros da vespera e alcanço o campo de batalha; vou logo em procura da onça para tirar-lhe o couro e com não pouca surpresa constato que o touro, depois de ter abandonado a ideia de perseguir-me, tinha voltado a procurar o seu morto inimigo e despejado sobre elle todo o seu furor reprimido. Aquella pelle que eu queria levar estava completamente inutilizada; nem um palmo della que fosse isento de buracos. Pouco longe da mãe jazia o cadaver do filhote em peores condições ainda.

Logo depois, vou em procura dos objectos pendurados ao galho, mas uma surpresa esperava-me. Os bichinhos, tocados longe pelo barulho durante o duello, depois de toda a tarde e toda a noite de silencio animador, estavam agora retomando animo. Um coati, atraindo pelo cheiro das riquissimas vitualhas que levava no sapicuá, (um pouco de carne secca misturada com farinha de mandioca) matula com a qual o dono do maruá tinha-me presenteado na vespera, na hora da despedida, um coati, repito, trepando na arvore havia jogado no chão o sapicuá para poder com mais commodidade, introduzir nelle e o seu gentil focinho. Como o sapicuá estava amarrado á carona que eu tinha tirado ao Rozilho para facilitar-lhe a corrida, assim, ella tambem acabou ao pé da arvore. A minha chegada, acho o coati remexendo, procurando os ultimos pedacinhos de carne e dois catitús ao redor da carona: aquelle comendo e estes roendo. A machina photographica, porém, estava salva e do demais pouco me incommodei.

Arrumo logo os trens, monto novamente a cavallo, dou uma ultima olhada geral ao campo de batalha e, philosophicamente, continuo a viagem interrompida tão bruscamente.

S. Bernardo, Dezembro 1922.

FRANCISCO MONDINO





A MEDICINOPHOBIA DE MOLIÈRE.

IV

EM MONSIEUR DE POURCEAUGNAC

A outra peça em que Molière põe medicos em scena é a comedia "MONSIEUR DE POURCEAUGNAC, representada em 1669.

Na scena VIII do primeiro acto, entra um camponio para consultar o medico, para outra pessoa, e se estabelece este dialogo:

CAMPONIO. — Senhor, diz o doente que não póde mais, que sente na cabeça as maiores dôres do mundo.

MEDICO. — O doente é um idiota, tanto mais a molestia de que está atacado não é da cabeça, segundo Galeno, mas sim do baço, donde lhe vem o mal.

CAMPONIO. — Seja lá como fôr, senhor; ha seis mezes que além disso tem elle uma dysenteria.

MEDICO. — Bom! E' signal que o interior se desembaraça. Irei vel-o umas duas ou tres vezes por dia, si porém elle vier a fallecer antes disso, não deixeis de me vir dar communicação, porque não é da civilidade que um medico visite um defunto.

Fala uma camponeza:

— Meu pae, senhor, está cada vez mais doente.

— Não é por minha culpa: dei-lhe remedios. Por que não fica bom? Quantas vezes tem sido sangrado?

— Quinze vezes, em vinte dias.

— Sangrado quinze vezes?

— Sim, senhor.

— E não fica bom?

— Não, senhor.

— E' signal de que a molestia não está no sangue. Vamos tratar de purgal-o para ver si o mal está nos humores, e si não tirarmos resultado, então mandal-o-hemos aos banhos.

— Eis o fim da medicina, diz o boticario.

Na scena IX do mesmo acto, entra o personagem Erasto e dirige-se ao medico:

ERASTO. — Sou eu, senhor, que vos mandei falar ha dias, acerca de um parente que está um pouco perturbado das idéas e que desejo mandar para a vossa casa, para o fim de o curardes mais commodamente, resguardado das vistas curiosas.

MEDICO. — Sim, senhor; já dispuz tudo para isso e prometto de ter com elle todos os cuidados imaginaveis.

ERASTO. — Nem de proposito. Ell-o que chega.

MEDICO. — A circumstancia é favoravel, está aqui um dos meus antigos amigos e collegas, com o qual terei o prazer de consultar sobre a sua molestia.

Segue-se a scena X e Erasto diz a Porceaugnac:

ERASTO. — Um negocio emprevisto me obriga a deixar-vos (mostrando o medico), mas eis aqui uma pessoa com quem ides ficar e terá comvosco os cuidados que eu proprio teria e que vos tratará o melhor que fôr possivel.

Intervem o primeiro Medico e diz:

MEDICO. — O dever da minha profissão a isso me obriga, e basta me haverdes encarregado de seus cuidados.

POURCEAUGNAC. — (aparte) E' sem duvida o seu mordomo, e para isso é preciso que seja uma pessoa de importancia.

MEDICO. — (a Erasto) Sim. Asseguro-vos que tratarei do senhor methodicamente, com exacta observancia de todos os preceitos da nossa arte.

POURCEAUGNAC. — Meu Deus! Não são precisas tantas cerimoniaes. Não vim aqui para incomodar.

MEDICO. — Um tal encargo me dá o maior prazer.

ERASTO. — (ao medico) Aqui estão 10 pistolas adeantadamente, enquanto esperareis o promettido.

POURCEAUGNAC. — Não, por favor; não sei para que fazeis tal despesa, quando não vos pedi para fazer nenhuma compra para mim.

ERASTO. — Por Deus! Deixai-me fazel-a. Não é para o que pensaes.

POURCEAUGNAC. — Peço-vos tratar-me como a um amigo.

ERASTO. — E' o que desejo fazer. (baixo ao medico). Recomendando-vos, sobretudo, de não o deixar escapar-se de vossas mãos, porque, ás vezes, elle tenta escapulir-se.

MEDICO. — Não tenhaes o menor cuidado.

ERASTO. — (a Pourceaugnac) Peço-vos desculpas da incivildade que sou forçado a commetter.

POURCEAUGNAC. — Certamente graceja. E' muito favor que me dispensa.

ERASTO retira-se e deixa Pourceaugnac na presença dos medicos. Estabelece-se então um engraçado dialogo.

MEDICO. — E' para mim muita honra, senhor, ter sido escolhido para vos prestar os meus serviços.

POURCEAUGNAC. — Sou um vosso creado.

MEDICO. — Sentemo-nos. (sentam-se)

POURCEAUGNAC. — Vosso humilde creado. (os medicos tomam-lhe o pulso). Que quer isto dizer?

MEDICO. — Comeis bem?

POURCEAUGNAC. — Sim, e bebo melhor ainda.

MEDICO. — Tanto peor. Esse appetite do frio e do humido e uma indicação do calor e da seccura que tendes por dentro. Resomnaes quando dormis?

POURCEAUGNAC. — Sim, quando tenho jantado bem.

MEDICO. — Sonhaes?

POURCEAUGNAC. — A's vezes.

MEDICO. — De que natureza são os sonhos?

POURCEAUGNAC. — Da natureza de todos os sonhos (aparte). Que diabo de conversa tão exquisita.

MEDICO. — Vossas dejecções, que taes são?

POURCEAUGNAC. — Palavra que não percebo nada de tudo isto. Prefiro beber qualquer cousa.

MEDICO. — Tende um pouco de paciência. Vamos raciocinar sobre o vosso caso, deante de vós e em francez, para sermos mais intelligiveis.

POURCEAUGNAC. — Que grandes raciocinios serão precisos para se comer um pouco de qualquer cousa?

MEDICO. — Como acontece que não se póde curar uma molestia sem conhecel-a perfeitamente, e, para bem conhecel-a seja preciso estabelecer a idéa particular e a verdadeira especie, por seus indicios, diagnosticos e prognosticos, haveis de permittir, meu caro collega, de entrarmos em considerações sobre a molestia de que nos occupamos, antes de recorrer á therapeutica, aos remedios de que nos convenha lançar mão para obter uma perfeita cura. Digo, collega, com a vossa permissão, que o nosso doente aqui presente está infelizmente atacado, affectado, possuido, trabalhado dessa especie de loucura que nós com muita propriedade chamamos de melancolia hypocondriaca, especie de loucura muito caprichosa, e que reclama um Esculapio como vós, consumado na nossa arte, encanecido na profissão, e por cujas mãos têm passado tantos. Chamo de melancolia hypocondriaca, para distinguil-a das duas outras modalidades, porque o grande Galeno doutamente estabeleceu tres especies, dessa molestia que chamamos melancolia, assim chamada não sómente pelos latinos como tambem pelos gregos, o que é preciso se notar para o nosso caso. A primeira, que vêm do proprio vicio do cerebro; a segunda que vem de todo o sangue tornado atrabiliario; a terceira, chamada hypocondriaca, que é a nossa, procede do vicio de qualquer parte do baixo ventre e da região inferior, mais particularmente do baço, cujo calor e inflamação leva ao cerebro do nosso doente muitas e espessas fuligens, cujo vapor negro e maligno causa a depravação das funcções da faculdade primacial e produz a molestia que pelo nosso raciocinio attingimos convencidamente. Como quer que seja, pelo diagnostico incontestavel que acabo de fazer, nada mais tendes a considerar senão essa grande seriedade que observaes, essa tristeza acompanhada de temor e desconfiança, indicios pathognomonicos e individuaes dessa molestia tão bem notada pelo divino ancião Hippocrates: essa physionomia, esses olhos vermelhos e espantados, essa longa barba, esse corpo delgado, franzino, são signaes indicativos de uma grande affecção dessa molestia procedente do vicio dos hypocondrios, molestia que com o tempo se adeanta, envelhece, habitua-se, tomando conta do corpo, pode muito bem degenerar ou em monomania, em tysica, em apoplexia, ou mesmo em furor e frenesi. Tudo isto supposto, pois que uma molestia muito conhecida está semi-curada, porquanto *ignoti nulla est curatio morbi*, não vos

será difficil de convir nos remedios que devemos de ministrar a este senhor. Antes de tudo, para remediar a esta plethora obturante, e a esta cacochymia luxuriante por todo o corpo, sou de parecer que seja elle sangrado liberalmente, isto é, que as sangrias sejam frequentes e abundantes: primeiro a basilica, depois a cephalica, e si o mal fôr insistente, abrir-se a veia da fronte, e que essa abertura seja larga a fim de que o sangue jorre; e ao mesmo tempo deve-se purgar, desopilar, evacuar por meio de purgativos proprios e convenientes, isto é, por cholagogos e melanogogos, etc. E como a verdadeira fonte de todo o mal está em um humor sujo e feculento, ou um vapor negro e espesso, que escurece, infecta e suja os espiritos animaes, será conveniente que em seguida tome um banho de agua pura e limpida, com bastante soro de leite, para purificar por meio d'agua, feculencia do humor sujo, e clarear pelo leite a negridão desse vapor. Antes de tudo, porém, acho bom alegral-o por meio de jocosas palestras, contos e instrumentos musicaes, aos quaes não haverá nenhum inconveniente de se juntar dançarinos, a fim de que seus movimentos e agilidade possam excitar e despertar a preguiça de seu espirito entorpecido, o que occasiona a densidade do seu sangue, origem da molestia. Eis os remedios que imagino, aos quaes poder-se-ha juntar muitos outros melhores, pelo meu illustre collega, segundo as suas luzes, experiencia e julgamento, sufficientes e adquiridas na nossa arte. "Dixi".

2.º MEDICO. — A Deus não agrada, meu collega, que eu acrescento uma só palavra ao que acabaes de pronunciar. Haveis discorrido tão bem sobre todos os indicios, symptommas e causas da molestia aqui do cliente, as ponderações que fizestes são tão doudas e bellas, que é impossivel não seja o cliente um louco ou um melancolico hypocondriaco, e quando não o fôsse, era preciso que elle nisso se tornasse para gloria das lindas cousas que dissestes, e da justeza dos raciocinios que fizestes. Sim, collega, vós pintastes muito graphicamente "*graphice depinxisti*", tudo o que concerne com a molestia. Não póde haver nada mais doudamente, sabiamente, engenhosamente concebido, pensado, imaginado do que haveis pronunciado relativamente a esse mal, seja quanto á diagnose, quanto á prognose ou á therapia, e nada mais me resta a fazer senão felicitar-vos, caro cliente, por haverdes cahido em nossas mãos, e dizer-vos que ainda sois muito feliz em estar louco, para experimentar a efficacia e a doçura dos remedios que judiciosamente vos serão applicados. Eu os approvo a todos, "*manibus et pedibus descendo in tuam sententiam*". Apenas acrescentarei que as sangrias e os purgantes devem ser em numero impar, "*numero deus impare gaudet*", que deve tomar o leite antes do ba-

nho, e pôr na testa paninhos de agua com sal, porque o sal é o symbolo da sabedoria, que deve mandar cair as paredes de seu quarto, para dissipar as trevas de seu espirito, "*album est disgregativum visus*", e que deve agora mesmo tomar um clyster para servir de preludio e de introdução a estes judiciosos remedios, que si tiverem de curar produzirão allivio. Permitta o céu, senhor, que estes remedios façam bem ao doente, taes são os nossos votos.

POURCEAUGNAC. — Ha uma hora que vos escuto, senhores, e... estamos aqui representando uma comedia, não é?

1.º MEDICO. — Não, senhor, nós não representamos nada.

POURCEAUGNAC. — Então que é isto? Que quereis dizer com as vossas galimatias e as vossas tolices?

1.º MEDICO. — Bom! Dizer injurias! Eis ahi um diagnostico que nos faltava para a confirmação do vosso mal; e isso poderá tornar-se em mania.

POURCEAUGNAC. — (aparte) Para que diabo me trouxeram aqui? (escarra duas vezes).

1.º MEDICO. — Outro diagnostico: a exputação frequente.

POURCEAUGNAC. — Deixemos isto. Saíamos daqui.

1.º MEDICO. — Ainda um outro: a inquietação para mudar de logar.

POURCEAUGNAC. — Que negocio é este? Que quereis de mim?

1.º MEDICO. — Curar-vos, segundo as ordens que recebemos.

POURCEAUGNAC. — Curar-me?

1.º MEDICO. — Sim.

POURCEAUGNAC. — Bofê! Eu não estou doente.

1.º MEDICO. — Mau signal quando o doente não sente o seu mal.

POURCEAUGNAC. — Já vos disse que me sinto perfeitamente bem.

1.º MEDICO. — Nós sabemos melhor do que vós o que sentis; somos medicos e vemos claramente na vossa constituição.

POURCEAUGNAC. — Si sois medicos, não tenho necessidade dos vossos serviços, e esgarneo da medicina.

1.º MEDICO. — Oh! eis aqui um homem mais maluco do que pensavamos.

POURCEAUGNAC. — Meu pae e minha mãe jamais tomaram remedios, e ambos falleceram sem assistencia dos medicos.

1.º MEDICO. — Não me admiro que elles procurassem um filho insensato. (ao outro medico) Vamos! procedamos á cura, e pela doçura exhilarante da harmonia, adocemos, suavisemos, apaziguemos a agrura de seu espirito que sinto prestes a se inflamar.

POURCEAUGNAC. — Que diabo será isto? A gente desta terra parece-me idiota. Nunca vi disto e não comprehendo nada do que se passa.

Na primeira scena do segundo acto estabelece-se este dialogo entre o Primeiro Medico e o Sbringani;

1.º MEDICO. — O doente venceu todos os obstaculos que se offereceram e se recusou a todos os remedios que lhe quiz dar.

2.º MEDICO. — E' preciso ser muito inimigo de si mesmo, para recusar remedios tão salutaes como os vossos.

1.º MEDICO. — Não querer tratar-se é dar provas de ter um cerebro desarranjado, uma razão depravada.

2.º MEDICO. — Vós podieis tratal-o despoticamente.

1.º MEDICO. — Sem duvida, visto que elle tem uma complicação de doze molesias.

2.º MEDICO. — E assim deixaes de ganhar honradamente cincoenta pistolas...

1.º MEDICO. — Não me importa de perdê-las, o que eu queria era cural-o a despeito de tudo. Está elle ligado e obrigado aos meus remedios, e onde o encontrar vou mandar agarral-o como desertor da medicina e infractor de minhas receitas.

2.º MEDICO. — Tendes razão. Vossos remedios eram um tiro certo, e assim sois roubado do vosso dinheiro.

1.º MEDICO. — Onde poderei ter noticias delle?

2.º MEDICO. — Certamente em casa do excellente Oronte onde acaba de assignar a escriptura para casamento com a sua filha; mas Oronte nada sabendo da doença do futuro genro, talvez se apresse em concluir o casamento.

1.º MEDICO. — Vou procural-o immediatamente.

2.º MEDICO. — Fazeis bem.

1.º MEDICO. — Elle está preso ás minhas consultas e doente não brinca com um medico.

2.º MEDICO. — Dizeis muito bem. Eu no vosso caso não deixaria que elle se casasse sem que vos satisfizesse primeiramente.

1.º MEDICO. — E' o que vou fazer (sae).

Na 2.^a scena do segundo acto trava-se entre esse medico e Oronte, o seguinte dialogo:

MEDICO. — 'Tendes em vossa casa um tal snr. Pourceaugnac, que deve desposar vossa filha?

ORONTE. — Sim, espero-o de Limoges, e já deve ter chegado.

MEDICO. — Tambem o espero. Fugiu de minha casa, depois de lá ter sido deixado para tratar-se. Prohibo-vos, portanto, de parte da medicina, de effectuar esse casamento que já teve o seu começo de execução, sem que eu tenha tratado devidamente o noivo, pondo-o em condições de procrear filhos bem constituídos de corpo e de espirito.

ORONTE. — Como?

MEDICO. — Vosso futuro genro constituiu-se meu cliente, sua molestia que me deram para curar é um movel que me pertence e que conto entre os meus bens, declaro-vos que não permitto que elle se case sem que previamente satisfaça a medicina e tome os remedios que lhe receitei.

ORONTE. — Tem elle alguma doença?

MEDICO. — Sim.

ORONTE. — Qual é, podeis fazer o favor de dizer?

MEDICO. — Não vos mettaes nisso, não vale a pena.

ORONTE. — E' algum mal...

MEDICO. — Os medicos são obrigados a manter o segredo profissional. Basta que vos ordene, a vós e á vossa filha, de não celebrar absolutamente esse casamento sem o meu consentimento, sob pena de incorrer no desagrado da Faculdade, e ser atacado de todas as molesias que nos aprouver.

ORONTE. — Si assim é, não tenho garantias para effectuar o casamento.

MEDICO. — Entregaram-m'o em minhas mãos, e elle está na obrigação de ser meu doente.

ORONTE. — Opportunamente.

MEDICO. — Si fugir, condemnal-o-hei, debaixo de prisão, a ser tratado por mim.

ORONTE. — Consintirei.

MEDICO. — Sim, é preciso que elle arrebente ou que o cure.

ORONTE. — Consinto.

MEDICO. — E si o não encontrar, vos segurarei e curarei em
logar d'elle.

ORONTE. — Estou perfeitamente são. Não sinto nada.

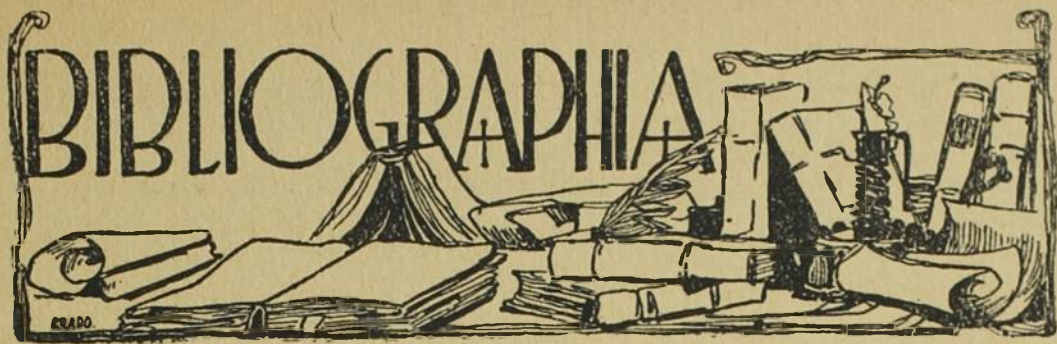
MEDICO. — Não importa; tenho necessidade de um doente, e
me serve o primeiro que puder apanhar.

ORONTE. — Pois apanhai lá quem quizerdes, não serei eu que
me preste. (aparte). Que bello argumento!...

MUCIO DA PAIXÃO.

(*Continúa*)





CAMPINAS E A INDEPENDENCIA, por B. Octavio. Linotypia da Casa Genoud, Campinas, 1922.

O distincto homem de letras, sr. B. Octavio, resumiu, numa elegante "plaquette", illustrada de nitidas gravuras, a historia de Campinas e tudo quanto se relaciona com aquella cidade tradicional. E' um trabalho meticoloso e de grande utilidade, realçado pelo estylo claro e correcto do autor.

MEDITAÇÕES, por A. Austregésilo, da Academia Brasileira de Letras. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1923.

Em geral, quando o homem de letras ingressa na Academia, põe um remate às suas ambições, cuidando que dahi em diante não precisa fazer mais nada. Poucos são os que trabalham. Entre esses destaca-se o sr. Austregésilo. A despeito da sua vasta clinica, que lhe rouba todo o tempo para outras actividades fóra della, ainda logra elle minutos escassos para compor os seus livros, que, diga-se de caminho, têm sempre algo interessante para toda classe de leitores, mesmo quando versam assumptos de sciencia. Toda a obra deste fecundo e brilhante escriptor já attinge tres dezenas de fartos volumes. Este ultimo trabalho, "Meditações", não trata de pesquisas scientificas. E' um livro de philosophia leve, muito optimista, de um optimismo intelligente e consolador. Faz pensar, suggerindo em quem o lê uma porção de idéas agradaveis. Cheio de observações e de conselhos, enriquece o espirito do leitor com pensamentos elevados, que têm o merito de sobrepor-se, pela habilidade suasoria com que são expressos, aos pensamentos máos e mesquinhos. Um livro consolador, destinado a tornar felizes os que o podiam ser, mas que o não são porque constroem a sua propria infelicidade pela vontade.

A' MARGEM DOS LIVROS, por José-Maria Bello. Edição do Anuario do Brasil, Rio de Janeiro, 1923.

Aos homens de letras, que, para prover a sua subsistencia, são forçados a labutar na imprensa, dóe-lhes ver perdidas muitas das suas idéas, expostas em artigos de jornal, condemnados, por mais fulguração que possuam, ao esquecimento. Ninguem lograria a perpetuidade do seu nome só com a publicidade do jornal. O mais bello artigo de idéas, de phantasia, ou de combate não tem senão uns curtos dias de duração, e por muito felizes se devem contar aquelles que, ainda ao cabo de uma semana, são lembrados

e commentados. O homem de letras, pois, tem quasi o dever de, de epoca em epoca, fazer uma devassa na sua producção jornalística, e escolher os artigos que, pela importancia do assumpto que versam, merecem ser reunidos em volume. Só dessa maneira é que pôde ser salvo do sossobro inevitavel muito trabalho util, escripto em momentos felizes de inspiração e calor. E' o que faz o sr. José-Maria Bello, mais avisado que muitos.

"A' margem dos livros" é uma collecção de artigos de jornal, publicados em diversas epocas, excluidos, já se vê, aquelles que versaram apenas os assumptos passageiros e de oportunidade. Resumiu sómente os de critica, e esses continuam a ser opportunos porque contêm idéas e conceitos dignos de ser meditados. O auctor é um brilhante jornalista, possui um finissimo senso critico, e tem ao serviço das suas idéas, sempre bem orientadas, um estylo claro e encantador.

SONETAÇOS, por Antonio Lavrador. Editores Monteiro Lobato e Comp., S. Paulo, 1923.

Aos que não conhecem Antonio Lavrador, diremos que é pseudonymo do sr. Raul de Freitas, fino cultor das letras e poeta humorista do melhor quilate. A elegante "plaquette", illustrada por Voltolino, a que deu o titulo de "Sonetaços", é uma galeria de retratos-charges de alguns dos nossos figurões mais representativos nas finanças, na politica, nas artes, na bohemia e no copo. Entre os quarenta e tantos sonetos, de que se compõe a collecção, alguns ha surprehendentes de graça e de uma factura muito acabada.

Veja-se este soneto onde o poeta canta as graças do sr. Gelasio Pimenta, o popular periodista:

Feio, não ha quem na feiura o vença;
Posto em concurso, todo premio ganha;
E' tão feio, que delle na presença
O falar na feiura nos acanha.

Quando surge na rua, a gente pensa,
Ao ver o seu perfil, que o céu arranha,
Que elle é um poste da Ligth em nossa imprensa,
Com um reclame de fabricas de banha.

Sua magreza de phantasma espanta;
Depois de meia noite elle afugenta
Toda "cigarra" que no espaço canta.

Em sua cara, angulosa e macilenta,
Como rubra papoula se alevanta
No logar do nariz uma "pimenta".

Engraçado, não acham?

ATTENTADO AO PUDOR, direito criminal, pelo advogado dr. Francisco Eugenio de Toledo. Empresa Editora Brasileira. S. Paulo, 1923.

A nossa literatura juridica é lamentavelmente pobre. Não nos faltam, por certo, espiritos bem orientados, competencias seguras; mas os competentes, que illustram o fôro brasileiro, ou porque estão sempre absorvidos pela

clientella ou por qualquer outro motivo, não recorrem nunca ao seu saber para compor uma obra afim de orientar os estudiosos, offerecendo-lhes na propria lingua aquillo que elles têm de ir buscar em lingua estrangeira. O direito criminal offerece um largo campo de indagações e pesquisas. O dr. Eugenio de Toledo, fazendo excepção á regra, acaba de reunir em volume os seus estudos e observações ácerca dessa materia, dando-nos uma obra utilissima, digna da leitura dos estudiosos. O autor não podia dizer mais, por certo, do que já disseram os mestres Brouardel, Lacassagne, Tardieu, Legendre de Saule e outros, mas atravez da obra ha muitos casos de observação e commento pessoaes em que o autor assignala a sua cultura — *Attentado ao Pudor* é uma obra excellente.

NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato. Empresa Editora Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Esta collecção de contos, publicada pela primeira vez ha pouco mais de dois annos, obteve, como era de esperar, tanto exito, que a edição se exgottou em poucos mezes. Esta edição já é a terceira e alcança o decimo quinto milheiro.

O sr. Monteiro Lobato, pois, é o escriptor mais lido do Brasil e Portugal, é o mais popular, é o mais commentado e discutido. Alguma razão haverá que explique o seu successo, e é, mais que tudo, o seu poder de evocação. Muitos novellistas ha, na hora actual, que são brilhantissimos e que possuem uma porção de qualidades que os fazem apreciaveis. Mas é tambem verdade que o prazer que despertam dura apenas o tempo que dura a leitura. Fechado o volume, o leitor perde de vista os personagens com quem conviveu no decurso da leitura, e tudo mais se lhe apaga da memoria, os episodios, a vida, o scenario. E' porque o que se faz é uma litteratura livresca, com bases sómente na imaginação e no estylo. O sr. Lobato não se contenta apenas de fazer estylo, e mergulha fundamente na vida. Cada uma das suas novellas deixa na memoria do leitor sulcos inapagaveis, e acabada a leitura, entra o leitor a conviver com os personagens, que se lhe tornam, desde então, intimos e familiares. E' esse o seu segredo. Não é propriamente segredo, porque não ha escriptor que não saiba disso. Sabe, mas não logra pol-o na obra. Para o conseguir são necessarias qualidades que só o sr. Lobato possui integralmente.

Desta encantadora collecção fazem parte "Negrinha", "As fitas da vida", "O drama da Geada", "O bugio moqueado", "O jardineiro Timotheo", "O imposto unico", "Os negros", "Barba azul", "O collocador de pronomes", "Uma historia de mil annos", e "O despique". Nesta edição entram novellas que não fazem parte das edições anteriores.

O trabalho typographico é magnifico.

OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes. Monteiro Lobato e Comp. Editores. S. Paulo, 1923.

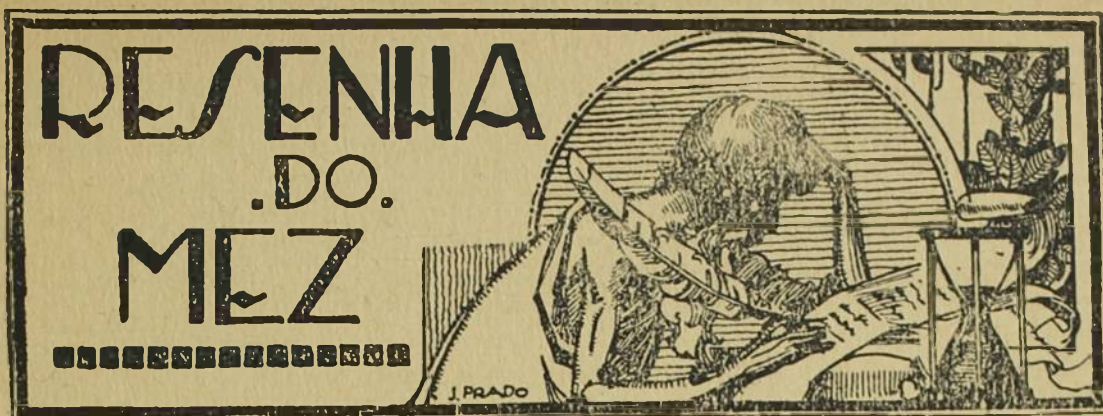
De uns annos a esta parte o verso humoristico entrou a ser cultivado largamente entre nós, tendo-se-lhe dedicado os melhores talentos da moderna geração. E' um genero muito ingrato, porque, a despeito do esforço que exige ao poeta, difficilmente lhe carêa reputação. Um grande poeta humorista occupa sempre um plano secundario. E' uma injustiça. Poetas, todos o são mais ou menos, desde que possuam algumas noções da lingua e saibam versificar. Ao humorista exige-se muito mais que isso, e sobretudo,

que tenha o imprevisto na graça, a maxima simplicidade e naturalidade e uma fôrma perfeita. Os versos humorísticos com homophonias, rimas pobres e forçadas, é o que pôde haver de detestavel.

O sr. Octacilio Gomes, no seu genero, occupa a primeira plana. A sua graça é sempre expontanea e imprevista e a sua fôrma é sempre trabalhada e apurada. Ha sonetos em "Os filhos da Candinha", que lembram alguns de Emilio de Menezes e Bastos Tigre, pela perfeição da fôrma, pela elegancia e pelo ineditismo da "piada".

A edição é um primor de factura typographica.





LUDUM PUERIS DARE

Em setembro do anno passado, viajando pela Allemanha, cheguei a uma cidade muito velha. Num instante me enamorei do lugar. Mentalmente já eu conhecia uma cidade como aquella — com aquelle ar acastellado, com aquelle arvoredo azul á beira do rio, com aquellas pontes em arco e aquellas torres gordas... Conhecia-a dos romances e das estampas a cor nos livros de historia da carochinha. Era noite e a gente da velha cidade allemã começava a recolher; dahi a pouco toda ella estaria a dormir sob a benção de Deus e o sorriso claro da dindinha Lua. E eu sahi a vagar pelas ruas á espera de que o relógio da cathedral batesse meia noite. A' meia noite — pensei com os meus botões — quando todos estes allemães gordos e roseos tiverem recolhido das cervejarias e acabado de fumar os seus cachimbos de louça e de comer, entre goles de cerveja, rodela de salame com fatias de pão, á meia noite, quando estiverem todos a dormir socegados, esta velha cidade se povoará como por encanto de fadas e beldades, de cavalleiros com as suas cotas de malha e de escudeiros a trote, de physicos caturras, com as suas seringas e as suas hervas, e de pagens louros... Mas veio meia noite e nenhum destes personagens de historia appareceu; apenas, no recuo duma viella, vi passar devagarinho um gato de bruxedo, com o pelo hirto... Creio que foi por causa da lua que a tal gente não appareceu; estava tudo tão claro que parecia dia. Mas o certo é que recolhi ao hotel desapontado.

No dia seguinte, era já manhã alta quando, depois de tomar meu chocolate, sahi á rua. Como me pareceu bonita a velha cidade rindo ao sol. Era o sol de outomno — o mais bello dos soes. Viam-se agora mais distinctos os encantos todos da paizagem medieval. Na agua parada, as casas da beira do rio projectavam sua imagem meio triste. A' distancia, torres de castello, dominando. Mas o que me foi chamando a attenção em particular foi, nas montras das lojas, a nota viva, brilhante e colorida de brinquedos — bonecos, bichos de madeira, caixas de soldadinhos, locomotivas de lata, blocos para fazer castellos e chalés...

Lembrei-me então de que estava em Nuremberg: celebre pelos dias do seu passado que vae aos dias do rei Carlos Magno, celebre pelo seu padroeiro São Sebaldo, celebre pela sua paizagem gothica, celebre pela sua industria tão poetica e tão util de fazer brinquedos. Nuremberg faz brinquedos para as creanças allemãs e para as de fóra. E' a cidade — papá Noel, a cidade — São Claus, a doce cidade-vôvô que passa as horas a recortar na madeira, na lata, no papelão os calungas, os bichos, as locomotivas, os carros, os brinquedos todos que fazem o encanto da meninice.

Zurich faz relógios; Buffalo faz sapatos; Amsterdam faz queijo e chocolate; Pesqueira, aqui perto, faz doces e geléas. Mas si fosse possível recolher os votos dos meninos sobre a cidade que mais os interessa, estou que todos elles, mesmo os gulosos, votariam na cidade que faz brin-

quedos. O menino infeliz não é aquelle a quem falta um relógio para ver as horas; ou o que não possui botinas ou sapatos para ir á escola; ou latas de geléa com que regalar-se á hora da merenda. O menino mais infeliz é aquelle a quem falta um brinquedo por mais humilde: um tosco navio de pau feito a canivete ou um simples Mané-gostoso de papelão.

O gosto pelo brinquedo é um gosto instinctivo a que os instinctos e impulsos instinctivos mais importantes do homem se acham ligados: o paternal, o domestico, o religioso, o gregario, o creador, o de aventuras, o artistico. E' um gosto que deve ser estimulado e desenvolvido. Ha paes — bem o sei — que o procuram reprimir e matar. Merecem semelhantes paes uma boa sóva. E' verdade que Mahomet prohibiu entre seus sequazes o fabrico de bonecos e, mais recentemente, na Russia, repetiu Lenine o gesto cruel do propheta. Ha que perdoal-os; elles não sabem o que fazem. Melhor fôra privar uma criança de sapatos ou de merenda ou mesmo de travesseiro em que repousar á noite a cabeça que privar a do brinquedo, por humilde que seja. Bem o comprehendem os japonezes: no Japão, quando nasce um nênezinho, com as suas mãosinhas papudas e seus olhinhos obliquos, os paes logo o presenteiam com uma collecção de bonecos representando o imperador e a imperatriz, deuses da mythologia nipponica, musicos...

Acerca do desenvolvimento da personalidade da creança por meio de brinquedos muito poderia dizer. O assumpto sempre me encantou e me interessou. Limite-me, nestas notas á ligeira, a apontar o valor educativo das bonecas entre as meninas. As bonecas são uma como iniciação nos futuros deveres domesticos da mulher. E' pela influencia da sua boneca de estimação que a menina começa a cortar e a coser, aproveitando figurinos e retalhos das costuras da gente grande; a bordar; a fazer remendos; a arranjar chapéus. Conta o senhor Afranio Peixoto — já não me lembra onde — que um seu amigo encontrou uma vez uma pequena da familia procurando amamentar a boneca. O dr. Gulick, medico americano que passou a vida a estudar a psychologia do brinquedo, affirma que suas filhas aprenderam a harmonizar as

côres dos vestidos com a apparencia pessoal, fazendo vestidos para bonecas lou-ras e morenas, gordas e esguias. Estou firmemente convencido de que o feminismo não será perigo sério enquanto as meninas bricarem com bonecas e, attingida a adolescencia, com bonecos. Discursos e theorias não conseguem o milagre de mudar a natureza das cousas e, muito menos, a nossa — mesmo quando estes discursos e estas theorias sahem da bocca de um J. J. Rousseau.

Quando eu era menino possui varias caixas de soldadinhos de chumbo. Eram o meu encanto. Não me envergonho de confessar que brinquei com os ditos até os treze annos — quando já era redactor-chefe do jornal do collegio. Devo aos taes soldadinhos muitas horas de alegria e, ao mesmo tempo, resultados educativos. Não brincava de batalhas; sem querer fazer gala de bom gosto posso affirmar que a vontade de ser general ou palhaço de circo jámais me empolgou. A maior parte dos soldadinhos, desmilitarisava-os por meio de sobrecasacas, fraques e paletós de papel. Individualizava-os também, dando a cada um nome e funcção, que ia, a principio, de rei a ordenança, passando depois de presidente de república a redactor de jornal opposicionista. Neste meu mundo, á maneira dum quasi-deus, eu promovia, conforme o humor do momento, banquetes, passeios em automoveis de caixas de phosphoros, revoluções (nas quaes, seja dito de passagem, meu prestigio de quasi-deus estava sempre ao lado do principio de autoridade e disciplina), paradas, terremotos, enterros, baptizados, casamentos... Era — eu vos asseguro — um mundo muito mais humano que o de certos romances e fitas de cinema.

O brinquedo data, segundo sizudas pesquisas de anthropologia, do homem primitivo. Não direi do primeiro homem, porque nosso pae Adão teve a infeliz originalidade de nascer homem feito — já prompto para o solemne papel de noivo de Eva.

Os bonecos mais primitivos de que ha conhecimento historico — sabeis de que eram feitos? de pedaços de osso. Conhecem-se também bonecos de espigas de milho, de flores, de palhas seccas.

Os antigos egypcios parecem ter sido

grandes apreciadores de bonecos. No Museu Metropolitano de New-York, cuja secção egypcia tive uma tarde o gosto de percorrer com um entendido na materia, o famoso poeta Vachel Lindsay, ha grande numero de bonecos encontrados no tumulto dum nobre de remota dynastia. Representam, soldados, padres, padeiros, canteiros, etc.

A rainha Mary, da Inglaterra, possui um grupo de bonecos muito interessantes, que se acham installados num palaciozinho feito pelo architecto Sir Edward Snydens, mobiliado, com piano, bibliotheca e até luz electrica. Entre estes bonecos, um representa o rei com sua corôa e seu manto, outro um jornalista de cartola e livro de notas na mão; terceiro, um gorro do cozinheiro... Ha ainda principes, almirantes, bispos, medicos. Mas todo esse luxo não vale o affecto que á sua boneca de panno, suja e em farrapos, dedica

qualquer meninazinha pobre do East Side.

Eu quizeria que os meninos meus compatriotas soubessem resistir á mania que aqui se tem de fazer das crianças homenzinhos o mais depressa possivel. Já basta o facto de ser este burgo, como os demais burgos do Brasil, uma triste cidade sem arcos de recreio para os pequenos, sem gramados onde elles possam correr, sem tanques onde elles possam brincar com navios de papel, sem cousa nenhuma que estimule nelles a alegria. E, ao contrario das crianças que a gente vê, em revoadas alegres, pela relva dos prados de Londres e de Berlim, nas Tulherias e nos *playgrounds* de qualquer cidade dos Estados Unidos e do Canadá, os meninos daqui são umas tristes creaturas, candidatos ao fraque e á calvicie precoce.

Gilberto FREYRE

(Diario de Pernambuco).

HOMENAGEM A RONALD DE CARVALHO

A festa em sua honra

Realizou-se, no Hotel Lido, do Leme, o chá que um numeroso grupo de intellectuaes offereceu ao sr. Ronald de Carvalho que, a convite do governo do Mexico, deve partir nesses dias para aquelle paiz, onde fará uma série de conferencias sobre assumptos brasileiros. A essa festa de despedida compareceram o sr. embaixador do Mexico e muitos amigos e admiradores do festejado escriptor e poeta, que foi alvo da mais carinhosa homenagem por parte de todos os presentes. Saudando-o, em primeiro lugar, o sr. Graça Aranha pronunciou o seguinte discurso:

"Foi um pensamento de poesia este de trazer á festa do poeta o entusiasmo do Mar e o deslumbramento do Sol. Em nenhum ambiente poderíamos situar melhor a figura de Ronald de Carvalho do que o desta praia exaltada e ardente. Elle provém eternamente 'estas livres e infinitas aguas e desta "luz gloriosa". Não é elle um raio de sol que se fez poesia, uma onda que se fez pensamento perpetuamente movel? E por isso a sua appareição entre nós teve o mysterioso encanto de

uma vibração do Universo. Quando a poesia brasileira se esterilizava no mais frio academismo, no estricto ritual formalista, e ora se affastava da natureza, dissimulando-a, ignorando-a, ora se comprazia na transplantação artificial de rythmos alheios, ora procurava exprimir a exterioridade da natureza e era uma poesia de possessos, um poeta surgia cantando com uma expressão nova, na magia da luz a inconsciencia universal e a consciencia humana, creadora do Universo. Esse puro espirito, este poeta fascinante, este Ariel, este Ronald de Carvalho exprimia no prisma da poesia o grande segredo da arte, que é o da victoria sobre a natureza.

E' preciso vencer o terror e a sua metaphysica, ser um com o Todo infinito, dominal-o e dar-lhe a sublime expressão. Ronald de Carvalho teve a magnifica predestinação de ser o libertador da poesia brasileira. Esta poesia de libertação, elle a realiza a cada instante nos seus poemas e nos seus pensamentos, que são actos de liberdade.

A libertação não está simplesmente na quebra dos moldes, nas mutações da forma. Está na substancia da intelligencia e do sentimento. E' a libertação total do es-

pirito e attinge ao transcendentalismo, em que a Unidade infinita do Universo se revela e é a razão do pensamento e da arte. A libertação não está naquelle velho pantheismo relativo, em que a natureza é uma personagem omnipresente, perturbadora da Unidade infinita. Seria antes o pantheismo emanente, o pantheismo independente da Natureza, livre desta, o pantheismo sem a natureza.

E' esta a sensação magica que nos comunica a poesia de Ronald de Carvalho, e desta poesia os "Epigrammas Ironicos e Sentimentaes" são a maravilha do artista. O libertador sente o Universo em si. Para elle tudo é imagem e a função essencial do espirito humano é a função esthetica. Este poder de transfigurar é a essencia da arte. Tudo se transfigura e em cada transfiguração ha uma imagem que muda. A imagem que passa chama a que ha de vir. Este perpetuo "fieri" de imagens é a suprema esthetica. O movimento é eterno. Nada é estatico e tudo é extase. O pantheismo é emanente e não transcendente. A transfiguração é a causa e o fim; é o universal inatingivel. Explicamos a nós mesmos e conserva o nosso perpetuo mysterio. E' uma divina allucinação. O abysmo está em cima, no alto, e o Ser sóbe, sóbe, perde-se, transfigura-se. Sente-se a Unidade absoluta; é a imagem. E' o maximo da ascensão. E' a beatitude, além da alegria. E' o extase, além da imagem. E' a transfiguração que se detém. Eternidade. Recomeça a descensão, e a imagem renasce. Multiplica-se a transfiguração, prodigam-se os extases, a vida define-se, o absoluto explica-se, a Unidade desune-se. E' a volta á ancía da fusão do ser no Todo infinito. A ascensão recomeça. Tudo se transfigura. Tudo é imagem. Transfiguração, perpetuo jogo esthetico do Universo, e que se transporta ao infinito espirital. A alma transporta-se, é o extase. O Homem imagina-se, é o Ideal. A Dor transfigura-se, é a Illusão. O Amor realiza-se, é a Magia. A Vida exalta-se, é a Alegria!

A poesia de Ronald de Carvalho é a da transfiguração. A sua liberdade subjectiva não se detem diante da deformação, signo da libertação imagetica que dá aos objectos e aos sentimentos a inversão reveladora da essencia transcendente dos seres.

Nesta libertação ha fatalmente uma construção e Ronald de Carvalho é um dos constructores espirituales do novo Brasil. Por elle e pelos seus companheiros se formará uma sensibilidade differente da que até agora animava a nossa terra. Deixará o Brasileiro de ser o lyrico da tristeza para ser o creador da perpetua alegria. Pelo genio desses poetas livres o Brasil cessará de ser o ambiente da elegia para inspirar os acordes do hymno dionysiacos á força, á belleza, á alegria de nascer, que aqui sorri na irreprimivel germinação da vida maravilhosa. Aquelles que teimam ver nas ardentes e luminosas poesias destes creadores a penumbra, são cegos de nascença eternamente abysmados nas trevas.

A renovação que accentuadamente se faz nestes ultimos mezes, é o facto mais curioso do nosso paiz. Ha alguma coisa de novo que transforma o espirito nacional e foi logico que a iniciativa coubesse á arte. E' pela arte, unida em todas as suas expressões, que começa a transfiguração da alma brasileira. E' a musica transcendente de Villa-Lobos, a escultura magnificente e vibrante de Brecheret, é a poesia livre e magica de Ronald de Carvalho, Mario de Andrade, Manoel Bandeira, Guilherme de Almeida, Sergio Milliet, Tacito de Almeida, Ribeiro Couto; a pintura audaz e real de Anita Malfatti, o romance hypersensível de Oswald de Andrade, o verbo febril de Menotti del Picchia, é ainda a arte no pensamento agudo de Renato de Almeida e Couto de Barros. Outros virão, outros terão o valor de despirem as vestes do passado e transfigurarem-se na luz do futuro. Compreenderão que o Futuro é o nosso creador. Serão homens do nosso tempo, e na palavra, no traço, na linha, no som procurarão exprimir livremente sensações ainda desconhecidas trazidas pela obscura e irreprimivel evolução das idéas. Esta é a metaphysica da Arte Moderna, e neste sentido ella é gloriosamente "futurista".

Seja qual fôr a sorte do movimento, a realidade é que a intelligencia brasileira tem de contar com elle para a sua ascensão. Ter sido um dos factores desta transformação esthetica do Brasil é a gloria social de Ronald de Carvalho, a par da que lhe veiu da pura arte, da maravilhosa poesia. A sua voz falará a outros povos das

aspirações e das realizações sentimentaes do novo Brasil. Hontem mesmo o "futurismo" brasileiro se fez ouvir na pasadista Sorbonne pela palavra de Oswald de Andrade. Em breve se fará ouvir pela palavra de Ronald de Carvalho no Mexico. Enquanto, aqui dentro, os "futuristas" sorridentes se divertem com os ataques dos seus desconsolados e bisonhos adversarios.

O nosso pensamento seguirá com enthusiasmo e confiança Ronald de Carvalho nesse Mexico paradoxal, que em tres actos, como nas peças de theatro, se impoz á nossa sympathia. Primeiro, quando nos trouxe esse esplendido monumento de liberdade, a "estatua verde" que parecendo nascer como um mytho da nossa propria selva é o symbolo da independencia das raças sempre primitivas do continente americano. Depois, quando no seu pavilhão da exposição nos deu uma demonstração surpreendente de arte moderna, de futurismo, no quadro da tradição de vida do passado e de arte antiga. E, finalmente, quando, num traço de grande finura intellectual, nos arrebatou por algum tempo esse que do nosso Cosmos luminoso, tragico e ardente é o vencedor, esse que de nossa alma livre, de nossa sensibilidade moderna, é o Poeta.

E Ronald de Carvalho parte, não envolto em nossa saudade, que é um sentimento passadista, mas exaltado pela mais profun-

da e transcendente emoção futurista, a Alegria!"

Falaram, em seguida, o sr. Renato de Almeida e sr. Jackson de Figueiredo, que salientou que, contrariamente ao conceito do sr. Graça Aranha, vê no sr. Ronald de Carvalho um carinhoso cultor das tradições brasileiras e da latinidade. O sr. Aggripi- no Grieco disse lindos versos.

A todas essas homenagens o sr. Ronald de Carvalho agradeceu em formoso discurso, lendo em seguida um trecho de uma das conferencias que pronunciará no Mexico. Ali elle estuda o homem brasileiro, distinguindo o sertanejo e o praieiro, com as suas características dominantes. Refere-se depois á luta do homem contra a terra e descreve o phenomeno amazonico da "terra caída".

E', sem favor, uma pagina admiravel de estylo brilhante e conciso e de observação aguda e segura, cujos periodos rivalizam em belleza com os d'"Os sertões", citados pelo autor.

Por ultimo, o sr. embaixador do Mexico explicou a missão do sr. Ronald de Carvalho naquella paiz, salientando que o seu governo, ao convidal-o, teve em vista que essa missão fosse confiada a um dos mais legitimos representantes da moderna intellectualidade brasileira.

("O Jornal," Rio)

LIVROS PARA RAPAZES

Estou quasi a apostar, que falando de — livros para rapazes — vão todos crer que me refiro a livros obscenos.

Não, meus senhores.

Quero falar de livros proprios de idade juvenil, e é o que não temos. Só quem sabe o francês ou outra lingua culta está no caso de ler livros taes, delicados e suaves, na idade decisiva.

Não temos literatura da infancia nem da juventude. E é grande mal essa lacuna, que nos deixa perplexos quando queremos dar um livro a pessoa querida.

Ha entre allemães, inglêses e francezes, romances talvez fastidiosos para barbaços, livros que chamamos com grosso desdém de "literatura barata".

Em verdade, tudo entre nós é caro.

Um dos numeros da "Kamerad-Bibliothek", feita para leitores ingenuos, tem por objecto o incognito oeste brasileiro.

O romance allemão se intitula — "Através da floresta virgem e do sertão" (*Durch Urwald und Sertão*) — e o seu auctor, Reinhard Rohle.

O intuito desse livro é vulgarizar os poucos e escassos conhecimentos geographicos que ha da região do extremo-oeste brasileiro.

Todos os que se dedicam á geographia nacional reconhecem os serviços devidos ao sabio ethnographo que determinou as fontes do Xingu', conviveu com os Bakairis, estudou-lhes a lingua e os costumes e assignalou a importancia dessa tribu

primitiva na classificação dos grupos ethnicos da nossa gente aborigene.

Referimo-nos a Von den Stein.

Pois o romance allemão escripto para rapazes não é mais que uma fantasia urdida sobre as viagens e observações daquelle ethnologo.

Os moços sentiriam difficuldade ou preguiça de ler os livros de Von der Stein; o romance abre-lhes agora o appetite e transforma em idealidade amavel a gélida aspereza das leituras de sciencia. E, se não ficam sabendo muito, grangeam o bastante para encobrir a ignorancia.

O proprio romance faz notar (pag. 12), que o Xingu' constitue um pequeno privilegio da sciencia allemã. O primeiro homem que viajou e descreveu a região entre o Amazonas e o Xingu' foi um jesuita allemão. O padre Hundertpfund — que nome abracadabrante! — pelos annos de 1750 realizou essa façanha que não pode levar além do 4.º grão de latitude sul, impedido pelas cachoeiras e pela hostilidade dos incolas bravios. Quasi um seculo depois, lembra ainda o romancista, o principe Adalberto da Prussia continuou essa interpreza, subindo o rio até onde lhe foi possível, e não foi muito.

E' o romance (isto é, Von den Stein) que nos vae dar a chave do enigma.

Quando teremos o romance da Rondonia?

Um dia de inverno em Berlim. No seu gabinete de estudo, o professor Sturmfels olha através de larga janella as arvores desfolhadas e tristes. Sobre a mesa estendem-se mappas, cartas e livros que transbordam em pilhas para duas cadeiras proximas.

E' assim que começa o livro, que logo nos introduz outras personagens, o Dr. Kruger e um joven artista, Fritz, que ousadamente se aggrega á expedição á terra incognita.

Feitas as malas, não se demoram a partir.

Tomam o "Rapido", vapor fluvial que os leva de Assumpção, no Paraguay, a Corumbá, e depois o "Coxipó", de menor calado, que através de tortuosos meandros,

vae deixar os expedicionarios em Cuyabá.

Essa viagem pelo rio, pittoresca e cheia de incidentes, faz-nos conhecidos alguns passageiros: o general Monte, o marechal John Pinkerton que não se conforma com o inacreditavel desinteresse dos pioneiros. Não lhe parece digno de fé o proposito esteril de descobrir as fontes do Xingú. Para esse pratico yankee, o fim da expedição é achar algumas minas de ouro.

Comtudo, Pinkerton, sempre homem pratico, aproveita a companhia para melhorar a sua grammatica allemã, e interrompe uma phrase para questionar:

— "Verlassen auf mir, oder mich".

— "Auf mich" (corrigiu o jovem artista).

Vê-se que o pedantismo grammatical é tambem o do autor que escreve para rapazes de quinze annos...

Em Cuyabá conhecem a arte sensual de dormir em rédes, pois só a gente rica e de polpa tem leitos de enxergão.

Seria coisa prolixa entrar aqui em pormenores do livro. Os viajantes galgam, enfim, o planalto até as fontes do Tapajós e dahi orientando-se para leste buscam as cabeceiras desconhecidas do Xingú.

O governo recommenda a expedição, fazendo-a acompanhar de um official e alguns soldados. No intercurso, o professor Sturmfels relata com segura informação a historia dos primitivos bandeirantes paulistas que se encaminharam para aquelle deserto á procura de ouro e diamantes e conta a lenda do Anhanguêra.

Agora ha companheiros novos. Daniel, o arrieiro, Affonso, Antonio, o caboclo trugimão; e todos sabem tratar os animaes, construir canôas e falar com indios. A elles se ajunta um bakairi, de nome Tamayava.

Saudam-se ritualmente:

— "Ama caraiba!" (tu, estrangeiro branco).

— "Ama bakairi" (tu, bacairi)".

E' o que basta, entre esse povo ingenuo, para serem amigos.

Afinal, attingem os dois braços que formam o Xingú: o Coliseu e Coluene, o mais longo.

E' o fim ambicionado dessas aventuras.

Para rapazes, os livros de Julio Verne ou de Wells (como este de Roehle) são sempre mais amenos e agradáveis que um compendio triste, árido, fatigante.

Só a gente ou as coisas vivas dão alma ao deserto; e um livro escolar é um Sahara funebre, sem caravana e sem oasis.

Nós outros, quando saímos do livro didactico caímos no livro erotico.

Resta-nos a consolação de dizer e accrescentar aquillo que o autor allemão ainda ignora, e é que o primeiro levantamento do rio Coluene, fonte principal, por 400 kilometros, não foi feito por allemão nenhum, mas pelo nosso capitão Ramiro Noronha.

— Tome lá pr'a seu tabaco!

João Ribeiro.

("Gazeta de Noticias", Rio).

LITERATURA MALSÁ

A "Garçonne" veio exasperar, em Paris, e um pouco por toda a Europa, a interminavel discussão em torno da éthica sexual na literatura e na arte e acerca dos direitos da censura. Veio exasperar apenas, e não resuscitar, porque na verdade essa questão está sempre de pé, e os adversarios, espalhados entre os meios intellectuaes, politicos e burguezes, nunca cessam de se metralhar a distancia ou de se bater, aqui, e ali, corpo a corpo.

Em Paris, apesar da concepção que geralmente se faz pelo mundo da leviandade de seus filhos e da soltura de seus costumes, sempre existiu, e continua e existir, tendo tido mesmo sensível revigoreamento depois da guerra, uma permanente e automatica reacção, contra todos os excessos, que offendem o bom senso e a decencia, passando de certos limites. A *Garçonne*, defendida por alguns, atacada por muitos, valeu ao seu autor um colossal successo de livraria, mas também lhe valeu as mais rudes reprovações — bastando citar o incidente da Legião de Honra — e toda uma saraivada de criticas á sua maneira elastica de entender a probidade literaria, mediante a qual parece sobrepôr o exito de venda e popularidade ao triumpho junto das almas de eleição e das intelligencias de escôl.

Até pequenos periodicos de literatura marota crivaram o illustre academico de frechas agudas e leves — de permeio com algumas pedradas menos graciosas. E a maior parte dos homens de letras, embora manifestando-se, em principio, favoraveis á liberdade literaria e contrarios a qualquer especie de censura ou sanção

que não a do publico, nem por isso teve a coragem de preconizar a licença e de entoar lóas aos beneficios de uma abundante pornographia.

*

Dir-se-ha, como já lá se tem dito, que em todo esse movimento de hostilidade anda muito de hypocrisia, além de um bocado de despeito contra o escriptor aureolado pelo successo. De pleno acôrdo.

Não ha duvidar de que muitos dos criticos, mais inflados de dignidade sobressaltada não fazem outra coisa, no fundo, que dar vasão, pelo canal de um opportuno pretexto, ás suas decepções e amargores de prisioneiros da penumbra. E pôde-se affirmar que, se a obra de Margueritte fosse uma pura flôr de castidade serena, mas alcançasse exito igual ou semelhante, seria da mesma fórma alvejada pelas irreverencias de alguns criticos, á agora como producto de um tartufismo ainda mais nocivo do que a desenvoltura elegante...

Isto, porém, não quer dizer, como somos demasiado propensos a decidir, que a hypocrisia domine o quadro da reacção moralista. Ha um visível excesso de simplismo na sentença que, se costuma proferir com desdem ou com enfado, sem exame nem ponderação, a cada protesto que surge contra os desmanchos dos costumes ou as licenciosidades da literatura.

Declarando-se que tudo são *hypocrisias*, dá-se o assumpto por liquidado. Apenas, de quando em quando, se encarreiram dois ou tres argumentos, cuja incapacidade de renovação já parece provada atravez de

varios seculos de uso constante. Ora, evidentemente, é de uma bem fraca psychologia essa maneira rigida de capitular impulsos varios e contradictorios, como são sempre os que se cruzam nas dissidencias e lutas humanas.

A dóse de hypocrisia que ha no moralizante equivale, na realidade a que ha no licenciado. Tartufo tem um infinito poder de adaptação aos mais variados meios ethicos em que lhe succede mergulhar. O relevo de cada um de seus atavios só depende da permeabilidade do sujeito ás influencias ambientes da fraqueza ou ausencia de personalidade.

O simulador de religião ou de virtude tem o seu *pendant* exacto no ostentador de descrença ou de esperteza. Um e outro não buscam senão tomar as côres do meio especial onde lhes convem viver confundidos. Um e outro são titeres da vaidade e do interesse, numa sêde perpetua de approvações, de solidariedade e de connivencias.

Não ha quem ignore que uma infinidade de individuos, por medo de parecerem ingenuos, se esforçam tenazmente por alardear finuras e perversões que não possuem, ou que pelo receio de serem havidos como atrasados seguem de pé leve no tropel de todas as novidades. Esse trabalho de accommodação não se faz frequentemente, sem dolorosas fadigas e terriveis repugnancias. Que o digam tantos moços bem nascidos e bem criados, se quizerem confessar a memoria de suas intimas aventuras de iniciandos atravez de alcoices, de botequins e de tavolagens. Que o digam tantos Homais que raivam contra a *padraria* e atiram punhadas ao céu, mas sentem agonicos estremeções lá por dentro quando pensam na morte e nos peccados. Que o digam tantos que formam nos coros libertarios, mas guardam no sigillo os mais alentados appetites capitalisticos e despoticos...

Quanto ao terreno particular das divergencias que nos occupam, a simulação opera largamente de um e de outro lado das trincheiras. Se ha o santarrão que se alarma com os excessos de licencioidade, mas cultiva amorosamente as flores do mal, no recato de sua vida privada, ha, ao lado delle, o destemeroso amoralista que, malabarizando idéas libertinas e perigosas na ponta de sua penna, está

sempre burguezmente disposto a partir a cara de quem lhe falte com o mais minimo signal de respeito á exma. familia. Os escriptores pequeninos e frascarios que são excellentes paes de bemaventurada prole, sabendo preservar a cuidadosamente de todo enxovalho impudico, não são menos numerosos talvez do que os autores que assumem resolutas attitudes de decuriões inflexiveis, fazendo enorme consumo de catonismo... para uso externo.

Em summa, calmamente vistas e ponderadas as cousas, parece indubitavel que, na producção litteraria de hoje, se ha uma generalizada influencia do factor hypocrisia, este não tende decididamente ao predominio das attitudes austeras. Muito pelo contrario. O *moralismo* que se mostra é infinitamente menor do que aquelle que de facto existe. A coragem das opiniões não é o seu forte.

Afaste-se, pois, das discussões esse thema irritante. O que se passa no mundo interior das consciencias é, pelo menos, demasiadamente complicado para que se lhe possa meter a mão com tanta confiança; e o que importa considerar é que, no fundo da reacção desdenhosamente qualificada "moralista", sejam quaes forem os seus verdadeiros moveis, ha um jogo de forças necessario ao equilibrio da vida.

Todas as tendencias de que é capaz a alma humana, ainda as mais aladas e puras, necessitam de contrariedade de attricto, quando menos para que não percam o sentido das coisas terrenas e não se desvirtuem nas monstruosidades da extravagancia e do delirio, sempre temiveis. Que dizer então de penhores cuja procedencia e cujo objectivo estão longe de parecer tão innocentes?

O velho argumento de que a literatura não só não pode prejudicar aos já prejudicados, não passa de uma surrada "boutade", indigna de qualquer polemista medianamente sincero. A verdade é que, se já não existem almas ingenuas, ha de conceder-se que ainda restam muitas almas dotadas de pudor, e o peor effeito da pornographia triumphante e laureada consiste em aluir essa ultima barreira dos instinctos.

Será ainda uma hypocrisia, o pudor? Talvez. Conforme o clasterio que se dê ás palavras, tudo, nas manifestações humanas, se pode denominar do mesmo modo. Mas, se o pudor é uma hypocrisia, força é confessar que já conquistou largos titulos de nobreza. Sua ancianidade veneranda remonta ao dia em que os nossos ancestraes pelludos e bravios descobriram a conveniencia de usar uma tanga... Uma hypocrisia assim millenaria já tem no minimo, solidas apparencias de virtude.

E o mais serio é que a literatura fescennina, dando-se ares de inimiga da hy-

pocrisia (o que é ainda um modo de fazer moral), na realidade não consegue senão alentar e robustecer a adversaria. Corrompendo o pudor natural e singelo de muitos leitores jovens, ella não obtem outro resultado que suscitar na maioria delles um novo e refalsado pudor, todo externo, que é uma nova modalidade de hypocrisia genuina...

Não ha, de certo, vantagem alguma em substituir a pelle de um rosto por uma mascara de cera.

Amadeu Amaral.

("Gazeta de Noticias", Rio).

ANTI-GRAMMATICA

A questão da grammatica é, no Brasil, tão importante como a questão do café.

E' inutil fingir que uma ou outra não tem importancia, e só interessa a meia duzia de curiosos.

Quem não está informado de algumas pequices grammaticaes, fica inteiramente esmagado em suas ambições literarias.

Não podemos conceber a existencia de um bom escriptor ou mesmo de escriptor aceitavel se não se justifica pela urbanidade da linguagem.

O conceito, porém, dessa urbanidade é algo variavel. Escrever bem não é escrever como o fazem os portugueses de hoje, pois confessam que ás vezes escrevem mal, e até accrescentam que já se escreve melhor no Brasil que na antiga metropole.

Muito menos é escrever bem, rabiscar grammaticalmente.

Seriam masi exactos se dissessem que nós estudamos mais intensamente e com maior assiduidade as questões de linguagem.

Os portugueses, todavia, ainda conservam a primazia nos estudos de erudição glottologica, da phonetica e da morphologia historica, e, pelo copia de documentos que possuem, da lingua ante-classica.

Nós outros, porém, cultivamos a lingua classica, versamos com maior frequencia os quinhentistas e seiscentistas e nestes (que representam a flor da literatura), achamos o aroma da vernaculidade e da pureza do idioma.

Essa nossa tendencia arcaizante acha na lingua nacional um substracto poderoso: a lingua que falamos é realmente mais antiga que a portuguesa, os brasileirismos que não vieram de povos estranhos, são vozes portuguesas antigas que entraram para o nosso patrimonio, em outras eras, desde o seculo do descobrimento.

Eis aqui uma serie de proposições verdadeiras e irrefutaveis... a não ser nas mãos dos proprios grammaticos, raça de refutadores incondicionaes.

O grammatico, o verdadeiro grammatico, caturra, "ranzinza", não admite verdades de outra boca; é elle o Chrysostomo, de cujos labios descem as ondas de ouro dos conceitos definitivos.

E se não é assim, está desacreditado aos seus proprios olhos.

Não é, pois, estranhavel que excitem a critica e o epigramma, como succedeu a um grande e excellente commentador dos textos classicos da latinidade.

Orelli, com grave cabedal de sciencia e erudição, parafusou e desparafusou as obras de Virgilio, Horacio e outras.

Mas, causava riso a sua vaidade. Toda vez que se lhe antolhava um passo obscuro ou difficil, punha todo o cuidado em declarar que ninguem havia compreendido o sentimento do texto, elle, porém, ia dizer a ultima palavra.

Ficaram famosas as formulas habituaes com que naquellas emergencias iniciava a anotação:

— "Omnes frustra, sed ego"...

Todos desacertaram; eu, porém...

Por isso é que o grammatico (falamos o genuino), é desagradavel, por ser pe-remptorio, dogmatico, categorico e o unico que realmente sabe o que diz e o que os outros dizem.

Essa situação e attitude, tradicionalmente privilegiada, faz mal aos nervos do homem de letras.

Este, quando não se sente seguro, começa por abominar os grammaticos, seus inimigos provaveis. E ainda sob essa sigla de grammaticos, reúnem arbitrariamente todos os pesquisadores de varia erudição.

São, em sentido inverso, outros Orellis que substituem a audacia do commentador pelo menor esforço da resignação aterrizada.

Estava eu a ler uns interessantes artigos do Sr. Candido Jucá Filho, saídos a lume numa das nossas folhas diarias, com o titulo um pouco arrevezado de "Synclitismo".

Tratava o autor da grande questão nacional (que comparei á do café), a questão dos pronomes.

Chega, depois de muito divagar, a essa conclusão verdadeira:

— A collocação dos pronomes atonos é toda phonetica; está immediatamente ligada á prosodia.

— Não tendo nós outros brasileiros a prosodia lusitana, não podemos ter as razões nem os motivos que teem os portugueses de observancia da collocação dita grammatical ou correcta. Creio que transcrevo neste resumo, com inteira fidelidade, as opiniões do jovem autor.

As coisas estariam bem neste pé, como estavam entre portugueses que nunca se lembraram de examinar a questão, para elle, até ha vinte annos, desconhecida e inutil.

Entre nós, porém, essa divergencia de mera topologia começou a chamar a attenção; e a este proposito diz o autor:

"Infelizmente, o dedo do grammatico, esse ente parasitario que vive á margem do idioma, entrou no assumpto a fazer regras, a estabelecer mandamentos, a imaginar theorias, onde apenas havia de observar e reflectir".

O Sr. Jucá Filho fala verdade e ver-

dade preciosa. Os nossos grammaticos, que foram os primeiros a examinar e a estudar a questão, foram excessivos, instituíram algumas regras que não existem nos classicos, que a toda a hora as desmentem, e ao lado de algumas conclusões verdadeiras, admittiram certos exclusivismos da hora actual dos portugueses.

Estes, habitualmente escrevem: — deve dizer-se" — ao passo que os brasileiros escrevem ou falam: "deve se dizer" — e estão conformes nisso com os classicos e até com os grandes escriptores de qualquer epoca da lingua commum que, todos elles, empregam uma ou outra syntaxe indifferentemente.

O nosso ponto de referencia literaria deve ser a linguagem classica e não a linguagem contemporanea dos lisboetas.

Nada temos que ver com as alterações hodiernas de além mar. E se assim não for, a escravização é completa: a nossa evolução se fará fora de nós mesmos e teremos de aceitar a lingua como um genero de importação continua e variavel.

Eis o que sempre me pareceu absurdo.

A questão do pronome é toda prosodica, e desse character prosodico é que deriva a construcção syntactica.

Temos horror cada vez mais progressivo contra os esdruxulos (me diga — e não diga-me), na composição da frase e até nos vocabulos (— chysantêmo e não — chrysântemo), e esse era o teor da lingua antiga que reduziu a graves a maior parte das palavras dactylicas.

E se a posição pronominal é prosodica como diz o nosso autor e já o havia dito o nosso mestre Silva Ramos, neste caso devemos estar satisfeitos, porque em muitas coisas temos a prosodia camoniana, e já não a teem os portugueses de hoje.

Camões e nenhum poeta do seu tempo pronunciava "tãe", "bãe", em vez de "tem" e "bem", como o fazemos e elles o fizeram.

Não somente isso. O proprio Gonçalves Vianna, de immensa autoridade, na materia, mostrou que muitos dos versos de Camões estão hoje errados, na prosodia portuguesa, mas para nós continuam certissimos, na prosodia brasileira.

O grande phonetista dá o exemplo de um verso de famoso soneto:

E se vires que pode merecer-te
correcto ainda hoje na prosodia brasileira, e insustentavel na prosodia actual dos portugueses.

E se vir que pode mercer-te

Os exemplos podiam multiplicar-se á vontade.

Consequentemente, a nossa prosodia mais arcaica, da boa epoca, do quinhentismo, impõe igualmente a syntaxe mais propria sem os excessos abusivos que nos querem impingir os grammaticos que repetem:

— “Omnes frustra, sed ego”...

Temos visto continuamente notar-se de errada a construcção:

— O livro se intitula — “Paginas escolhidas”.

Salta o grammatico e impõe gravemente o modo correcto:

— O livro intitula-se...

Entretanto, as duas construcções referidas são classicas, abonadas, e genuinas. Ha innumerous exemplos de bom cunho, antigo e moderno, de uma e outra especie.

Destarte é que os pronomes fazem dormir aos mais tranquillos e trazem despertos, nervosos e vigilantes os mais timidos.

Espero que tenham dormido a somno alto os leitores; mas, despertem, que já acabei. Felizmente.

João Ribeiro.

(“Gazeta de Noticias”, Rio).

REFLEXÕES DE UM “ESPELHO”

Meu caro Ronald de Carvalho — “O Espelho de Ariel”, de que já conhecia fragmentos, dá-me, simultaneamente, dois prazeres: o da leitura de paginas que qualifico de admiraveis, sem favor, e o de fixar, á margem da sua projecção mental, as impressões que me deixa o movimento de “renovação” literaria que se está erguendo no paiz contra o “passadismo”.

Travei relações de intelligencia com você desde os *Poemas e Sonetos*. Não conhecia o livro. Em palestra com Celso Vieira, teve este, sobre o milagre espiritual da sua adolescencia, palavras de transbordante entusiasmo, em que não é prodigo, pelas naturaes exigencias do senso critico o artista lapidar de *Endymião*.

Duas leituras successivas dos *Poemas e Sonetos* deixaram-me a certeza de termos em você um poeta culminante. A esse tempo a poesia mantinha-se entre o sentimento e a indagação. Era espontanea e inquieta. Soffria e meditava. Você, que não tinha por que soffrer, no esplendor saudavel de uma soberba alvorada de juventude, traduziu nos seus primeiros versos o sentimento de que era capaz uma alma feliz, sem contacto ainda com a tragedia comica e a comedia tragica da vida; era pouco; mas você também sentiu para além do sentimento pessoal, susceptivel,

não raro, de convenção e artificio; você sentiu, como em uma sorte de lucidez divinatoria, as ancias, os impossiveis as luminosas e torturantes apparencias da illusão que, cavalgada incoherente e incoercivel do Sonho pelo Aperfeiçoamento, formam as unicas realidades positivas a que nos é dado aspirar neste breve periplo de amargal delicia, que é o viver.

De modo que você, aos 20 annos, sentindo e meditando, mostrava uma tão harmoniosa integração na dupla ambiencia do que a vida reflecte e do que a vida exige (tão certo é o indefinido do que supomos, a realidade imperfeita do infinito do que supomos a perfeição irreal) — que a sua communicação com o publico possibilitou, desde logo, a convicção unanime de termos, entre muito poucos, como eu disse, um poeta culminante.

Você estava na corrente dos que sentiam com espontaneidade e meditavam com elevação. Não fazia uma arte exclusiva, não creava uma tendencia esthetica, não reformava, não renovava. Mas, francamente, não era *commun*. Precisamente eu via ahí, com o publico, a sua superioridade. Não estando, evidentemente no poder de um individuo, por mais lucida que lhe seja a vontade, exuberante o talento e profunda a cultura, crear valores

mentaes capazes de refazer e impor uma esthetica, por isso que esta resulta, preferencialmente, de um "pluralismo de incidencias sensoriaes e até mesmo mesologicas" (a phrase não é minha), desde que um poeta, sem se afastar do circulo que confina o sentimento e o pensamento de tantos outros, sente, pensa e expressa de um modo que o consenso unanime considera *melhor*, a sua superioridade é indiscutivel, e os que assim a comprehendem e admiram ficam a seguir-lhe o sulco invulgar, avidos de quanto produza o seu espirito, no desdobramento cyclico da sua irradiação mental.

Assim fiquei em seguida aos *Poemas e Sonetos*. Mas eis que se começa a falar em futurismo, corrente esthetica escudada — se possivel — na penumbra. O movimento esboçou-se, desenvolveu-se, tomou fôrma nitidamente aggressiva contra o "passadismo".

Houve, desde logo, reacções estrepitosas. Fez-se, em torno da penumbra, uma accessa campanha de sarcasmo. E teria eu ficado em displicente expectativa se não houvesse lido nas folhas que você, magnifico Ronald, tão finamente academico, se convertera em adhesista, senão se tornara chefe, no Rio, da cohorte que parecia vir combater com a meia sombra a grande luz dominante, exactamente aquella a que você havia trazido, pouco antes, a contribuição inestimavel de alguns clarões de belleza e de elegancia.

Metti-me, então, a inquirir das razões e dos objectivos do movimento.

Que seria, que havia de querer o futurismo-penumbismo? E que representava, na realidade, o passadismo? Li, reli, considere, examinei todo o mal e todo o bem que se dizia da nova "escola". Puz vigilante attenção no que se fazia em S. Paulo, a Mecca do novo crêdo. Policieei severamente a literatura de Menotti del Picchia, com o direito que me dava uma admiração constante por esse verdadeiramente prodigioso perdulario da idéa e da fôrma. Consumi dois annos a pesquisar, a investigar, com paciencia, com indulgencia com tenacidade e bom humor.

E confesso a você esta coisa possivelmente escandalosa: não descobri penumbismo senão na intenção de uma ou de outra extravagancia ousada. Claro é que não ponho em duvida a existencia da cor-

rente "renovadora", porque assim se afirma na "Klaxon" e através de alguns prefacios e de algumas chronicas de matiz revolucionario.

Apenas, nada verifiquei, nada descobri, e lealmente attribuo este insuccesso á extensão sem raios da minha obtusidade. Não me enfileiro entre os que reagem contra a "renovação", não só porque empreza de tamanho vulto seria sempre defesa á innocuidade de um "blagueur" quotidiano do jornal, como porque, estando ainda a "escola" em meia treva, é de crer que, em chegando á plenitude do espectro solar, das suas manifestações se apurem o que promettem — e ainda vão fazer — os iniciados.

Reputo absurdo, inconveniente e injusto tentar-se entravar o surto a qualquer iniciativa, a pretexto de se descer, antecipadamente, dos seus bons resultados. Ao meu ver, os futuristas são perfeitamente logicos, começando da periphéria da treva para o centro da luz. Todas as grandes reformas da sociedade humana assim começaram.

Como todo inicio da reforma é, necessariamente, conspiração contra a ordem de coisas estabelecida, os reformistas naturalmente receiam os furores da reacção e occultam-se. Já hoje se sabe que o velho, Budha, apostolava o Nirvana no fundo das cavernas, a salvo dos brahmanes. O christianismo emplumou-se nas catacumbas. Tendo tido a audacia de lançar os fundamentos do islamismo ao ar livre, Mahomet suscitou a revolução e teve que fugir. Que é a "ligeira" sendo uma penumbra na clara ascendencia do Phopheta, sobre o rebanho fanatico?

Abstenho-me de mais exemplos. Toda reforma de character espirital participa do mysticismo religioso. O prestigio de toda reforma advem, nas suas origens, ou da illusão, ou da mystificação, e só com o tempo os symbolos de que se utiliza para arrebatat, deslumbrar ou persuadir — porque os reformistas são sempre perfeitos psychologos, que sabem admiravelmente "par où prendre le bétail humain" (consoante o evangelista Apollinaire se desfazem da névoa que os tornam apparentemente indecifreveis).

Não assiste razão, portanto, aos assomados adversarios do penumbismo-futurismo, quando o condemnam pelo motivo

exposto. Admittindo que a "escola" exista, mistér se torna esperar que ella, semente magica, vingue, cresça, ramalhe, frutifique. Quem sabe se todos, em pouco tempo, não colheremos com avidez os seus pomos maravilhosos?

Mas, caro Ronald, tenho ainda a fazer-lhe outra confissão. Inculcaram-me os *Epigrammas* como *chef d'œuvre* de penumbismo, uma especie de biblia para os officiantes e para os christãos-novos. Devorei-os meditadamente. Onde penumbra? Onde os symbolos enigmaticos e embaraçantes? Onde a necessidade da sciencia de Maspero para penetral-os e apprehendel-os? Achei tudo tão subtil, tão harmonioso, tão accessivel, que fechei o volume bradando, diante do Corcovado, meu vizinho, testemunha dos meus extases e dos meus transportes: — "Não! Não ha aqui sombra, meias tintas, lusco-fusco, penumbra! Domina, ao contrario, a luminosidade translucida do "meu" Ronald, daquelle Ronald que, desde 1919, talvez antes, desde a *Luz gloriosa*, não cessou de ser claro, limpido e simples!" — E agora mesmo, perante estas paginas magistraes, authenticamente magistraes, de *O espelho de Ariel* (de que o "Annunciario do Brasil" dá aos seus admiradores uma edição irreprochavel) a mesma clareza, a mesma limpidez, a mesma simplicidade marcam a altitude rutila da idéa, a severa systematização da cultura, a transparencia hellenica da fórma.

Certamente, encontro nos *Epigrammas* versos sem metrica e sem rimas — mas, então, o futurismo consistirá em um capricho? Será futurismo o que é apenas um desvio plastico ou euphonico dos modelos em uso?

A mesma decepção infligia-me Menotti com *O homem e a morte*. Por certo que ha entre os dois escriptores uma differenciação typica. Menotti é um cerebral fagulhante; você é um espiritual regido

por evidente disciplina humanistica. Ambos crearam, mas aquelle, em um tumulto idealistico e em uma verbiagem trepidante; você, com o mesmo potencial imagetico, embora na harmonia, na serenidade e na elegancia de um atticismo que affirma a sua negatividade para a inversão vandallica dos velhos canones do *passadismo*...

No entanto, a despeito do esplendor e do estrepito do tumulto, não ha em Menotti um talento revolucionario; talvez até elle proprio se equivoque com esterioridades morphicas, suppondo-se um demolidor, quando é, na realidade, um creador; e lá estão no seu livro, com as restricções que faço a extravagancias escusadas, as provas flagrantes de uma concepção rigorosamente dentro da esthetica e que já agora é preciso considerar — classica.

Quanto ao seu pendor revolucionario para que existisse Ronald, fôra indispensavel recusar-lhe os finos attributos de sobriedade e equilibrio que exornam a delicadeza da sua arte.

Surge, porém, aqui, uma questão: — a reforma é coercitivamente revolucionaria? Neste caso, mesmo sem ser — como não é — penumbista ou futurista, voce é um renovador?

Abstenho-me de responder a estes quesitos impertinentes. Tenho o maximo respeito pela paciencia do publico e reparo que transpuz a medida da chronica.

Além do que, a resposta aos taes quesitos nada adiantaria aquillo que realmente me interessa — a admiração inalteravel pelo seu alto espirito, esplendendo em uma juventude séria, estudiosa e energica, padrão de trabalho, modelo de elevação — exemplo de sabedoria e de fé ás novas intelligencias que se levantam para agir e vencer.

Alves de Souza.

("O Paiz," Rio).

PROFANAÇÃO?

Ha mais de tres mil annos morreu no Egypto o rei Tutanhamen, ou Tu-anh-Amen.

Naquelle tempo, parece, estractificava-se nos reis a historia viva dos povos e dos reinos.

Mortos e sepultados, com elles descia ao

pó, morta e sepultada, a historia dos seus reinos e dos seus povos.

Ha tres mil annos, a civilização rutilava no Oriente. A Europa era barbara. Mas os seculos rolaram, o Oriente decahiu a Europa illuminou-se.

Vai d'ahi, a civilização occidental trepidou de curiosidade. Como teriam vivido os gregos? Como teriam vivido os egypcios? Dos gregos remanesciam tradições oraes, escriptos, monumentos a flor da terra. Facil foi á curiosidade da civilização restaural-os, da Fabula, da idade heroica, á decadencia, á absorpção humana.

Dos egypcios, o que ficara visivel era escasso e assás indecifrável. Dos flancos da civilização curiosa nasceu uma sciencia irreverente e indagadora, armada de enxadões e alviões; e parallelamente, para ajudal-a, sobreveiu a arte de decifração hieroglifica.

O Egypto dos grandes tempos jazia na base das pyramides, ou sob as areias, ou no amago das rochas, dezenas de metros sob o solo. A archeologia atacava, brechava o granito; a egyptologia mergulhava no saibro, revolvía as entranhas das pyramides, desventrava a rocha, e decifrava.

Longuissimos annos proseguíu a furia incursiva. Champollion venceu, por primeiro, a obscuridade reluctante do enigma. Maspero encontrou facilitada a penetração do mysterio.

A civilização occidental conheceu os deuses, os costumes, a opulencia das dynastias milenarias, familiarizou-se com a moda, o perfume, o gosto das mulheres; com a arte, a sciencia, a bella-cidade, o fausto do povo; viu no chacal o symbolo de Anubis, de Nephtys e de Horus, que aguardavam a divindade de Osiris; admirou no Apis sagrado, de busto cynocephalo, a animalidade divinizada.

Mas... era pouco. Pairava muita sombra ainda sobre o Egypto pharaonico. Indicios auspiciosos localizavam no valle dos reis, embalsamados religiosamente havia trinta seculos entre os contrafortes arabicos e lybicos, o segredo supremo da civilização que Memphis não revelara.

Contaram-se chronologicamente e politicamente as dynastias reinantes antes dos persas. Vinte hypogeus reaes foram expugnados, devassados, pilhados com absoluto rigor scientifico. Entretanto, um grande magnata faltava.

Era Tutanhamem. Então, a Archeologia encarniçou-se em perseguição. A indagação gauleza de Champollion e Maspero eclipsou-se, transferiu-se para o lado opposto da Mancha. Da implacavel persistencia

bretã de lord Carnavon e Carter ia resultar a aurora definitiva, aclarando a espessa tenebra tumular, que projectava na historia lacunas e incertezas.

Os inglezes, apoiados em milhões de esterlinos, largaram-se á caça do monarcha. O que havia intacto, em areia e pedra, no solo e no sub-solo do valle régio, foi revolido e esburacado. Emfim! Em novembro ultimo, os alviões demoliam as grossas lapides que marcavam o carcere augusto de Tutanhamen. E a Civilização occidental, sequiosa de civilização egypcia, atirou-se ao saque archeologico mais entusiastico de que ha memoria no deslumbramento das excavações monumentaes...

Tutanhamen foi agarrado com frenetico delirio, no meio das suas pomposas opulencias funebres.

O Anubis e o Apis, esculpturados ou pintados, nas camaras mortuarias, receberam, sem protesto, a violação do seu ambiente de reliquias symbolicas, com 3.000 annos de poeira e somno. E a Archeologia, cupida e avida, alvorotada e insatisfeita, ao mesmo tempo que proclamava os direitos historicos e sociaes da Civilização do occidente, arrolando o sceptro, o manto, as joias, as louças, os idolos que guarnece o hypogeu, os tecidos que acolchoam o leito, as iguarias e os moveis destinados á eterna viagem de Tutanhamen, reduz utilitariamente ao calculo de milhões de libras e dollars aquellas faustosas maravilhas e hesita em trasladar para o museu do Cairo ou para o museu de Londres a carcassa do pharaó.

Entretanto, um problema reponta. Em nome da sciencia, da curiosidade, do utilitarismo, seja do que fôr, a civilização tem o direito de invadir o tumulto dos reis, desbaratar as riquezas que os decoram, retirar arbitrariamente os seus despojos? Não é isso uma profanação pura e simples?

Esse problema acaba de nascer de um protesto energico de Rider Haggard, o illustre romancista inglez de quem primeiro nos aproximou Eça de Queiroz, traduzindo as deliciosas paginas d'*As Minas de Salomão*.

Leio na imprensa de Paris que Rider Haggard condemna terminantemente as pesquisas de lord Carnavon e, interpretando os escrúpulos de seus compatriotas, sugere, como attenuante para a pilhagem

archeologica, que a mumia de Tutanhamen seja reposta no coração da grande pyramide.

Eis o problema grave que surge entre o respeito sentimental pelos mortos, contemporaneos ou milenarios, e a curiosidade scientifica, accionando a sapa insaciavel em nome da civilização e da historia.

Que diria, porém, o romancista de *She*, se soubesse que o fruto opimo das excavações de Luqsor já estimula identica violação contra o provavel sepulchro de David? Com effeito, annuncia-se que nestes proximos mezes será atacada pela sanha archeologica a collina de Ophel, uma daquellas sobre as quaes se erguia a Jerusalém de Israel. Acredita-se ahi estarem soterrados o templo e o tumulo do sabio rei. Mas as indagações continuarão, á caça das tumbas dos successores de David, que durante 200 annos reinaram na Judéa. E, se Rider Haggard não achou os thesouros de Salomão, é possivel que lhe encontrem o jazigo os necrophilos da gloria archeologica...

Em compensação, talvez, não se irrite o escriptor inglez com o sabio hungaro Blas-covitch, que annuncia haver descoberto o sitio exacto onde jaz soterrada a cidade de Etzelburgo, fundada por Attila e que figura na lenda nos Niebelungem, cujo templo se espera descobrir ao cabo das pesquisas. E' a noticia que corre a Europa e faz vibrar de jubilo as entranhas da Archeologia.

Mas... terá razão Rider Haggard? Seria absurdo admittir que os antigos presertiram o deslocamento da marcha humana e, mettendo a seguro abrigo os seus soberanos, ungidos por todos os balsamos da divindade e apparelhados de todos os attributos representativos da cultura nacional, objectivaram preservar do olvido e, pois, legar ao apreço da posteridade a sua propria civilização?

Se os pharaós houvessem sido sepultados como qualquer dos nossos quitandei-

ros, em covas rasas, ou mal defendida, que saberíamos hoje, com ampla segurança, do velho Egypto?

Quando somos, ou nos reputamos importantes, erigimo-nos mausoléos vistosos, para que os annos, e possivelmente os seculos, não tenham trabalho em conhecer a nossa importancia, problematica ou não. E' isso prova de não termos grande confiança — ou nenhuma — no valor irradiante das nossa prendas perennes.

Os antigos, não. A sua importancia real para o futuro era ciosamente resguardada e defendida, sem que, provavelmente, importasse esse resguardo em designio de perpetua inviolabilidade.

E', pelo menos, uma explicação fantasta, mas concebivel, para um mysterio que talvez não se fundasse apenas em motivos supersticiosos, ou, melhor, em tradições cultuaes. Porque, senhores meus, custa um pouco admittir que os tumulos dos pharaós se atulhassem de toda a sorte de apetrechos sumptuarios, e até de comida, só pelo intuito de não sentirem desconforto e soffrerem fome no decurso da viagem interminavel...

Não. Os antigos tinham tambem vaidade, tinham orgulho. Não queriam perecer sob o areal do deserto.

Foi por isso que edificaram as pyramides e encerraram nos fundamentos graniticos, com os seus reis, mais do que os seus reis — a civilização. E as civilizações sómente são bem guardadas, para serem bem mostradas.

Hesito, por isso, em acceitar os escrúpulos do romancista inglez — assás incoherente, por se ter dado tambem á curiosidade archeologica — e prefiro ficar na duvida interrogativa: direito da sciencia, ou profanação?

Seria excellente que um medium chamasse a falas o proprio Tutanhamem...

Alves de Souza.

("O Paiz".)



DEBATES E PESQUIZAS

MEIA IDÉA

Quadrumano durante incontáveis milênios, sem um órgão offensivo, teve o homem de erguer-se a todo o instante para, espiando os outros carnívoros, lhes escapar á devoradora mastigação. Na util pratica dessa manobra ascensional, que não só o transformou no bípede que é, mas também lhe ensinou a cogitar do futuro, acautelando-o contra males prováveis, naturalmente os executores, que mais se distinguíam pela rapidez e pela oportunidade dos resultados obtidos, chamavam a atenção, captavam o respeito, a obediência e a inveja dos seus semelhantes. Criaram autoridade.

Se assim foi, assim continua a ser, assim é e será. Mais manda quem mais vale e mais vale quem mais vê.

Ainda agora — em pleno século XX e em plena vertigem de progresso: em vésperas de aproveitamento de raios solares e do peso das marés como forças motoras, e da canalisação do ar como therapeutica; triumphantes na aspiração universal a paz perpetua, a unidade da moeda, a liberdade de locomoção e a capitação do imposto; desdobradíssima em todos os sentidos a evolução dos organismos vivos nesta bola de lama que nos transporta e obriga a encher tempo no espaço — ainda hoje, agora

ainda, a redigida opinião. “Elle vê longe” designa individuo superior, fadado ás eminências sociaes, enquanto a phrase contrária “Elle não vê muito longe” designa invariavelmente pessoa de pouco valor, creatura insignificante ou insignificada, assim uma especie de primo a quem se envia como presente de anniversario natalicio, um binoculo de preço regular.

Glorioso e perenne phenomeno o de a inferioridade, combatida pela persistencia e contornada pelo esforço, produzir a superioridade!

Quadrumano ao refugiar-se na caverna cuja entrada — com a destra a despedir a pedra ou a manejar a lasca de arvore, predecessoras muito atavicas da artilharia e da lança, e com a sinistra resguardando de golpes mortaes o coração e a cabeça — tinha de vedar aos invasores esfaimados, della o homem se retirou bípede erecto associado, agrupado, conhecedor do fogo que corrige o frio e afugenta o inimigo.

Alli entrára quando o mais fraco, sabia o mais forte. Da direcção do olhar recebera o imperio na crosta do planeta.

E logicamente, extensíssimos que tenham sido os periodos prehistoricos; prolongadas que fossem as discutíveis civilisações da

Lemuria e da Atlantida; uteis ou inuteis as phases do maya e do inca; complicadas que estejam as sociedades oriundas da descida migratoria do Pamir: firme, de pé como o seu inventor, persiste a primitiva fórmula: mais manda quem mais vê.

Filha da necessidade de o fraco se defender do forte; effeito longinquo, muito e muito, dum caso repetidamente material, essa fórmula, victoriosa em todas as alternativas, permanente em todas as vicissitudes, invadiu todas as provincias da actividade humana! Na politica, por exemplo. . .

Na politica os estrabicos, porque olhando ao mesmo tempo de lado e de frente augmentam sobremaneira o campo visual, proporcionam aso á afirmativa de que, "quanto mais vesgo, mais politico". Explicavel e accitavel esse modo de pensar. Torto de olhos, não dirige o zarolho os seus raios visuaes a um ponto só, porém a dous pelo menos. Póde, consequentemente, partilhada a attenção, providenciar a respeito de mais dum assumpto. Olha em duplicata e, certo, dous olhares valem mais do que um.

Presta-se a media todos raciocinios, e tanto a filiações biologicas como as escavações historicas e observações politicas, o thema do estrabismo.

Ninguem, em qualquer ramo scientifico ou literario, em qualquer serviço ou deserviço federal, estadual ou municipal, se salientou pela vesguice; desde que o mundo é mundo, porém, não ha noticia de vesgo notorio pela estupidez. Pelo contrario: em favor do merito desses defeituosos relativos, em homenagem ao seu descortino, não faltam depoimentos na historia e na legenda.

Ultra vesgo era Horacio Cocles, e porque da cabeça da ponte enxergava e signalava ao mesmo tempo mais dum adversario, duplicando as cutiladas pela duplicação do olhar, repelliou os assaltos de Por-senna e salvou do desastre a incipiente civilisação romana.

Sartorio, aquelle general letrado e esquinado que durante oito annos sustentou na Hespanha os destroços do partido popular de Caio Mario, foi tão alto espirito que, com um pouco de boa vontade e graças ao seu desejo "de retirar-se para as ilhas Afortunadas e olhar para a outra parte do glo-

bo", póde ser incluído no numero dos pre-visores da America.

Modernamente, o maior zanaga entre os estadistas do seculo XIX, Léon Gambetta, foi evidentemente quem mais longe viu na politica occidental quando, em 1875, aterrorizada a França pela ameaça duma nova guerra com a Allemanha, lançou elle os fundamentos dessa alliança russa que, quarenta annos mais tarde, restituiria á sua patria a tranquillidade pela victoria.

No Brasil o problema do estrabismo tem sido descurado. Urge, porém, agora que a proxima reabertura dos trabalhos legislativos tende a integrar no seu funcionamento os tres poderes constitucionaes, inclui-lo na lista das preocupações patrioticas, pondo-o mesmo, se possivel, á frente dos debates na tribuna e na imprensa. Qualquer demora será um erro; contraindicam-na as nossas condições financeiras e outras.

Descendente americano de Portugal, o Brasil é comparavel a menor, herdeiro com propensões luxuosas, mais occupado na roleta á noite do que no trabalho de dia; gastando por conta das "nossas possibilidades", olha e caminha elle em estrada recta da despesa para a pobreza. Sacar sobre o futuro, porém, não é regimen definitivo; na vida a propria esperanza tem um termo. Gastar sem ter é não ver longe, é não ser vesgo.

A ancia do contribuinte e a justa fiscalisação do credor exigem paradeiro a tamanho descalabro. Alfaiates duma nação quasi nua, devem os nossos estadistas tomar as necessarias medidas para vestir-a de roupa limpa e nova. Nova, sobretudo.

Nada de velhos expedientes. Falharam, falharam todos. Desde 1808 estamos a murmurar que "os negocios do paiz vão mal", e a bradar que o "Brasil está á borda do abysmo". Pois retiremo-lo dahi. Sondemos vesgamente o abysmo e deixemo-lo para todo o sempre. Na vesguice reside a desejada salvação.

Com resultados não elogiaveis decretámos e cultuámos o absolutismo, o parlamentarismo, o republicanismo, o presidencialismo, o olygarchismo e o sitiismo: nem uma dessas mezinhas diminuiu as graves enfermidades da patria. Porque não tentar o estrabismo?

Trará a direcção dos que mais veem:

terá o concurso intelligente dos que olham de esguelha. Tão facil, tão á mão a experiencia! Aconselho-a como um programma a praticar. E ao riso descrente dos que mal o receberem leccionarei, com Stuart Mill confirmado por Léon Donnat, que *não deve ser condemnado um systema que não foi experimentado.*

Nem um mal resultará, piamente o acredito, da entrega dos negocios publicos aos estrabicos. Se elles olham para a gente mais do que os outros, mais do que os outros olharão para os interesses nacionaes.

E' uma meia idéa o que estou a offerecer: que, no terreno das realidades, têm as idéas duas partes desiguaes: pensamento e execução. Dou o pensamento; complete-o, execute-o quem puder.

Dou-o, todavia, com um agradável receio: o de chegar tarde com a meia idéa. Muita gente acredita que a direcção dos vesgos já esteja funcionando.

Tanto melhor! Tanto melhor!

Martim Francisco

São Paulo — 1923.

(Jornal do Brasil, Rio).

O ESPIRITO DE RUY BARBOSA

Antes do corpo perecer ha dous homens no nosso individuo: um interno, outro externo. O interno parte, o externo fica no tumulto. E' lei, da qual não escapa nenhum mortal.

Parte, porém, para onde?

Já vimos, em um artigo publicado nestas mesmas columnas, que o espirito não é uma simples nuvem ou qualquer cousa amorpha que se desprende do corpo e vae pairar, inconsciente e solitaria, em algum espaço, indesvendavel aos nossos olhos. Se assim fôra, os padres não diziam missa por alma de fulano ou beltrano. Esse acto catholico suppõe haver qualquer occorrença, fôra dos sentidos externos, assignalando a resurreição da alma, em outro mundo que não este.

De facto, a alma é um corpo. Não ha differença nenhuma entre ella e o corpo physico.

Nesta ha fibras, nervos, musculos. sangue, órgãos. No espiritual, do mesmo modo.

A unica distincção a notar-se é a divergencia de substancias, mas isto, não, essencialmente, mas nas condições especiaes em que se encontram.

As substancias naturaes são mais grosseiras, accessiveis á vista normal; as espirituas mais delicadas, proprias para serem vistas, apalpadas por outras mãos, ouvidas por outros ouvidos.

Ao deixar o espirito o corpo, não sãe com a facilidade que se suppõe. Ha difficuldades naturaes, oriundas das adherencias suscitadas pela juxtaposição de su-

bstancias materiaes e espirituas. De modo que, quando o corpo tomba, fulminado, pela morte, a falta de vida physica determina um phenomeno correlato na ordem physiologica, dependente da harmonia ou synergia dos órgãos physicos. Tal hiato ou solução de continuidade, deixa o espirito na impossibilidade de se manter no equilibrio precedente. Associado como estava á materia; saturado, senão integrado nella, fibra a fibra, nervo a nervo, musculo a musculo, órgão a órgão, ao romperem-se os vinculos que o retinham ao corpo não pôde furtar-se inteiramente áquella dependencia temporaria. O resultado é perder tambem a vida e permanecer ao lado do cadaver.

Se a emancipação é completa; se foi um homem justo, caridoso e dedicado a certa ordem de estudos, o amor pelo seu proximo, a comprehensão do mundo que está fôra dos nossos olhos materiaes, dar-lhes-ão forças para separar-se da materia, sem grande esforço. Se não se tiver dado isto; se os nossos conhecimentos forem todos baseados em factos, palpaveis, circumscriptos á ordem material; ou se houvermos feito taboa rasa dos preceitos insertos no Decalogo, principios ampliados e reduzidos a actos por Jesus, a lucta será grande, o soffrimento atroz, a operação emancipadora de difficil consecução.

Ora, no caso vertente, trata-se de um espirito superior, que trouxe á terra uma missão, difficil de ser desempenhada.

Pleitear pela justiça e pelo direito numa terra como esta; ser o porta-vós de

todos os ideaes de liberdade, de amor ao proximo, de egualdade humana, em summa, em um paiz que jaz ainda na mais profunda incoherencia nos elementos basicos da sua formação moral, é, sem duvida, um trabalho de Hercules. Leiam as obras de Ruy Barbosa, acompanhem-o desde os seus primordios e vejam se não está alli uma capacidade a exceder de muito a craveira commum.

Os seus enthusiasmos, as suas energias, a sua inacessibilidade ás seducções mundanas; o seu planar constante em uma esphera muito superior á nossa; os seus triumphos e, mesmo, as suas derrotas, inculcam uma cathegoria já, a attingir um plano de verdades relativas, que ultrapassam á normalidade dos phenomenos puramente naturaes. Tratando-se, pois, de um espirito de elevados dotes intellectuaes e moraes, com um tal acervo de serviços á humanidade, e, ainda mais, voltado sempre para Deus, licito não fôra deixal-o soffrer as consequencias immediatas da desencarnação, sempre incommoda, afflictiva e dolorosa. Suas altas faculdades, porém, o não immunisavam de certos sofrimentos. Faltava-lhe a orientação clara e positiva da vida nas espheras superiores.

Suas aptidões philosophicas admiraveis, sem duvida, o não isentavam, todavia, de difficuldades proprias á uma má direcção do seu pensamento. Desta arte, ficaria suspenso, hesitante, entre o que é natural e o que é espiritual, em um estado de confusão que lhe não daria aso a promover, por si mesmo, os meios de orientar-se em um mundo, muito diverso do nosso, não por falta de analogia, mas pelo character menos precario das suas formações. Um cerebro espiritual não é o mesmo que um cerebro material. Por isso, segregado da massa cerebral physica, fica impossibilitado de pensar como pensava, de apprehender relações como apprehendia, de ser, em summa, uma machina de pensamentos, como havia sido. A esse estado etheroplastico, senão cahotico, seguem-se outros que perturbam ainda mais a consciencia, determinando as impressões, concorrendo, portanto, para creações sem nenhuma coherencia ou conformidade com os elementos actuaes, sobre os quaes hajam de assentar as idéas.

A este estado, verdadeiramente anormal, chamam os espiritas — perturbação. Como, porém, permittir que um tão grande cultor do direito e um tão conspicuo servidor da justiça se esteriliasse em uma vida de obscuridades e incongruências?

Não era justo. Seu mandato terminára na terra.

Mas não é só ella que precisa desses cerebros privilegiados, para se erguer da sua ignorancia e indisciplina moral. Ha mundos por ahi além, que, não participando da natureza, são, comtudo, alvos da attenção do Senhor.

Na successão dos planos que têm por supedaneo esse planeta, as intelligencias e os corações tambem são preparados para o bem e para a verdade. E não são outros os encarregados de levar luzes aos que ainda se acham soterrados em trevas.

Rompidos, pois, os vinculos que prendiam o espirito de Ruy Barbosa ao corpo, a separação se déra radicalmente. Não tanto, porém, que lhe permitisse viver livremente, sem um auxilio qualquer que o orientasse, arrancando os restos de materia que naturalmente perturbariam o surto mental do novo habitante do mundo espiritual.

Fazendo-se justiça aos seus grandes serviços prestados á patria e á humanidade, não se o accordou.

Pouco havia a tirar, em verdade, ao corpo espiritual, em contacto com o physico, durante tanto tempo. Foi-lhe concedida esta homenagem. Livre dos empecos que a maior parte dos homens na passagem de um mundo para outro, poderia condemnar melhor as suas idéas e viver como vivera na terra. A operação de desopprimil-o do fundo material que resistira ao naufragio, está sendo feita com regularidade e com cautelas, proprias de um acto difficil, pois não se tira materia de um órgão espiritual, sem que o paciente soffra, sujeito a despertar de um momento para outro.

Assim, quem viu no leito em que estivera inanimado seu corpo physico, outra imagem em tudo semelhante a que nos acostumaramos a ver nas grandes crises da nossa vida politica, não se enganou: viu o verdadeiro Ruy Barbosa. O falso, o provisorio, o contingente, esse não nos interessa; vae desaparecer como qual-

quer outro animal, mesmo de ordem inferior, na alchimia das decomposições factas e necessarias. Pouco ha ainda a tirar áquelles órgãos que, gradativamente, vão reassumindo o seu lugar na hierarchia dos que souberam elevar bem alto o nome de Deus e assentar a sua palavra em dogmas immortaes.

Pouco falta. Dentro de poucos dias deixará o leito onde agonizou o seu corpo, o grande espirito, a quem tanto admirei por saber que as suas victorias e os seus revezes tinham uma explicação que não eram, de certo, as que os seus admiradores e adversarios acertavam em propalar, com os excessos admirativos ou as irreverencias, tão proprias, aliás, de espiritos acanhados e victimas de sentimentos tacanhos e inferiores.

Esse facto, como o da permanencia do espirito de um homem como Ruy Barbosa, no proprio leito onde agonizou e se extinguiu o instrumento de que se elle servira para a pratica da caridade, no sentido da sociologia e da moral, attrahira a attenção dos sabios e quanta luz não derramaria sobre essa espessa camada de ignorancia e proselitismo que forma, por assim dizer, o exterior da nossa sociedade. O plano illuminado da consciencia superior descera á terra para espancar as trevas do seu captiveiro mental.

Entretanto, ninguém se movera aquella electricidade imprevista propria para despertar cadaveres.

Isto quer dizer, infelizmente, que não ha vida nos órgãos da nossa patria: ha morte. Morte de seus sonhos e de suas aspirações; morte de suas tradições; das suas glorias esquecidas, dos fastos que a revelaram perante o mundo, e a tornaram capaz de defrontar-se com os mais arduos problemas, que já agitaram a consciencia de um povo. Não; que se

cumpra a vontade de quem sabe porque faz soffrer certos povos, ao mesmo passo que exalça e torna grandes outros.

As nações, como os individuos, têm o seu destino, as suas provações, os seus sucessos e os seus revezes. Quem vem para soffrer não pôde achar no seu caminho quem o livre da sua sorte: ha de pungir e gemer, ha de verter lagrimas, quando não derramar sangue.

Que conseguiu o grande homem que nos deixou para sempre?

Muito pouco, talvez. Seus olhos fecharam-se com dôr; sua consciencia foi tranquilla, mas seu espirito, não.

Viu, de certo, que trabalhara demais para um povo de indifferentes. A attitudo assumida por elle em diversos momentos da nossa vida politica nem sempre foi tomada como a expressão da justiça; nem sempre pareceu aos ignorantes e energúmenos a imagem da imparcialidade. Seja como fôr, cumpriu o seu dever; elevou-se a alturas extraordinarias, e de lá fallou aos povos. E agora, como ultima prova do seu amor aos seus concidadãos, lá está a ensinar, ainda, o caminho de outro porto onde todos havemos de desembarcar, uns, com o corpo limpo de culpas, outros, porém, com a sua bagagem de crimes e de peccados, com o seu orgulho e a sua hedionda incredulidade.

Mestre querido, não vos affasteis das nossas vistas, antes que outra manifestação do poder divino se nos imponha para mostrar que a religião paira em uma esphera muito mais elevada. Que o pharo! não se apague, e continue a guiar-nos, com uma luz ainda mais intensa e um poder verdadeiramente sobrehumano.

Luis MURAT

(Jornal do Brasil, Rio).

NOMENCLATURA ZOOLOGICA E BOTANICA

E' muito interessante ler os capitulos que os escriptores coloniaes e os visitantes estrangeiros do Brasil consagram á nossa flora e á nossa fauna, a esta, sobretudo, desde as noticias anchietanas e as de Gabriel Soares, no seculo XVI até ás das relações de viagem de fins do secu-

lo XVIII. Percorrendo uma terra povoada de animaes desconhecidos na Europa, nada mais curial do que houvessem desejado escriptores e viajantes descrever esta bicharada nova ao publico a quem se dirigiam. Dahi a razão de ser destas curiosas descrições de animaes que lemos

em João de Lery e Hans Staden, antecessores destituídos do critério científico do illustre Marcgraff, primeiro naturalista das terras americanas.

Eis um estudo pittoresco e curioso que bem caberia a um espirito como o de Arthur Neiva realizar, esse da zoologia phantastica do Brasil com os seus "Hay" animal que vivia de ar, "simia-vulpina", meio macaco e meio raposa que pulava como um Kangurú, o monstro de S. Vicente o hippupiará de que Gandavo assombrado nos fala, a immensa cobra "Schuleyba-tuescha" que Schmidel encontrou no sertão de São Paulo, minhocão pasmoso, o modesto e vulgarissimo "tattú" descripto por Staden, demonstração quinhentista da tendencia bem germanica da troca do d pelo t, e assim por diante.

E ninguém melhor que Neiva para semelhante encargo. A fundo conhece a nossa bibliographia zoologica e botanica; pratica, como raros entre nós, essa qualidade essencial do escriptor: não enfadar ao leitor! Assim, attendendo a esta suggestão, possa pôr mãos á obra, roubando algumas diarias (o assumpto é extenso) aos seus bellos estudos de entomologia e ao accrescimento de seu notavel cabedal científico para nos dar em grande, sobre a zoologia brasileira, o que em pequeno realizou para a ornithologia americana agradavel escriptor argentino o sr. Anibal Cardoso em diversos numeros da interessante revista ornithologica platina "El Hornero".

Mas como diziamos, quasi não ha escriptor ou viajante do Brasil antigo que não consagre algumas paginas á nossa natureza.

Intelligente e instruido como era Dampier, reservou nada menos de dezeseis da sua viagem ás terras autraes para um apanhado da flora e fauna bahianas.

Sómente grapha nomes de plantas e animaes por vezes de modo impagavel e irreconhecivel. Ouvindo-os em portuguez com um ouvido mal habituado, quiz dar-lhes, como era natural, a equivalencia das vozes britannicas.

Assim vemos citados entre os specimens característicos da flora da Bahia: a "Sepierra", o "Vermiatico" o "Comesserie", o "Serrie", o "Fustick", e a "Guittaba", madeiras de lei. A "Sepiera" optima para canoas. O "comesserie" e a

"guittaba", obras navaes, tão apreciadas quanto o carvalho na Inglaterra e mais duro que roble; o "serrie" muito semelhante ao olmo. O "vermiatico" do illustre marítimo deve ser o nosso vinhatico; não ha muita perspicacia em adivinhá-lo, mas os outros lenhos é "que são ellas" identifical-os. Muito interessante o que se conta da fibra da copa de um coqueiro, preto e semelhante á crina dos cavallos: fortissima, imputrescivel e a que os portuguezes chamavam "tressabo" (sic) Por esta transformação da nossa piassava avalie-se o que vae pelos outros nomes, coisa de "surmenagear" aos mais resistentes cerebros de etymologistas, destes que conseguem affiliar "alfana a equus" segundo a conhecida pilheria franceza. Falando dos algodoeiros do Brasil refere Dampier uma especie nova, que attingia dimensões colossaes dando uma pennugem admiravel para almofadas e travesseiros. Infelizmente tão curta a fibra que era intecivel, se nos permitem os leitores este neologismo quiçá necessario. A' paina, não pôde ser outra, não attribue Dampier nome portuguez.

Falando das boas fructas do Brasil, lembra as laranjas, deliciosas (as de uma qualidade, então, maravilhosas as limas e limões doces, romãs, ameixas (na Bahia chamada "Muncherons") as uvas selvagens, as mangas, importadas da India, as nozes verdadeiras de cacão, as "bananas", "guavas", os "mamuns", "arisás", "petangos" e "mericasás", fruto delicioso de gosto picante e muito saudavel, "pitumbos", "mungarús", "musterans de ova", "otis", "inguas", "muquixós", "dendis", "mendibis" (sic, sic, sic!) e outras frutas a que ainda annexa até a mamona, ali chamada "carrepat"!

Destas diversas frutas (!) fala-nos o navegante com alguma pormenorização; gaba a doçura do caldo dos "cachirús", o gosto picante dos "junipepós", o sabor agradavel dos "arisás"; o paladar excellentes dos "pitangos", a rudeza dos "pitambós". Os "Mungarús" (?) grandes como as cerejas, vermelhos e brancos não os provou, mas os muquixós (?), (muckisaw), do tamanho das maçãs selvagens, estes tinham bom gosto.

Da "ingua" (?) (talvez ingá) nada refere a não ser que provinha de grandes

árvores. O "oti" passava por muito bom.

Quanto ao "musteran-de-ova", redondo, do tamanho de uma avelã, negrusco, comia-se inteiro. Refere aliás o nosso viajante que descrevia taes frutas sob informações de um irlandez, residente na Bahia.

Do "dendic" se fazia azeite; achou-o desagradavel este elemento primordial da cozinha vatapasica; quanto aos mendibis comiam-se torrados, assim como as sementes de mamona!

Muita hortaliça e boa encontrou na Bahia, e drogas como a 'raiz de cobra'. Tomou a precaução de trazer dentro de livros muitas folhas seccas da flora brasileira.

Tendo feito excursões no Reconcavo verificou o nosso viajante quanto a terra lhe pareceu fertil com os seus prados admiravelmente vestidos e as suas plantações de canna, algodão, fumo, anil, milho, tuberculos comestiveis, de permeio com a opulencia dos pomares.

Passando a tratar da fauna bahiana lembra Dampier a grande quantidade de aves selvagens as "yemmas", os "macaws" (araras) ali chamadas jacús (sic), grandes papagaios mais raros que os demais, os "cogrecos", "jeneties", "boubys", "noddys", "galdens", "currecons", "currecos", "maokeras" e os "só bico" (o nosso tucano). É difficil a identificação destes passaros de nomes com aspectos tão pouco lusitanos. E tudo isto além de uma infinidade de pombos, cegonhas, patos, gallinaceos, pernaltas de beira mar, etc. Avestruzes só ao sul da Bahia e sobretudo na extremidade meridional da America do Sul. Como aves domesticas havia duas especies de gallinhas: os exemplares de uma dellas levavam muito tempo a emplumar-se e attingiam grande desenvolvimento, ao dobro do volume de uma gallinha européa. Apreciadissimas, vinham do campo esqueleticas, para serem engordadas na cidade, valendo até 30 a 36 vintens cada uma, preço enorme.

Como mamíferos, lembra Dampier, "os cavallos, gado grande e pequeno, cabras, coelhos, porcos". "Do bichinho pouco amado de Moysés e Mafona passa ao leopardo (continuando pelos tigres, raposas, macacos, javalis, (chamados "picas" (sic), tatús, crocodilos, "guanos" (chamados no

Brasil "quittis") lagartos, cobras, sapos e rãs, "além de uma especie de creatura amphibia a que os portuguezes davam o nome esturdio e sem significação, "de cachorra de agua" (sic) ao passo que os inglezes, muito mais intelligentes, singles e apropriadamente appellidavam "cachorro d'agua" (water-dog)! prova incontestavel da superioridade cultural britannica, diria de si para si o nosso navegante.

Tigres e leopardos, grandes e muito bravios, não chegavam mais á costa, rechazados que haviam sido para o interior das terras. Macacos havia-os, muito grandes uns, minusculos outros, estes horrendos e fedorentos. Muita cobra venenosa como a cascavel e uma, muito perigosa, pequena serpe verde de 18 pollegadas de comprido, a "cipó", calumniada, aliás, como outra tambem, a que chamavam os portuguezes "cobra de duas cabeças", animal vivendo á moda das toupeiras e de mordedura incuravel!

Falando da "serpente d'agua", a nossa sucury, bicho com 30 pés de comprido, refere Dampier um processo curiosissimo de apprehensão das presas pelo gigantesco ophidio.

Eis uma nota a ser conservada pelos zoologos que tão pouca coisa ainda conhecem da biologia da monstruosa "eunectes".

No dizer do nosso informante, mergulhava a sucury a cabeça apenas via apparecer á superficie das aguas alguma refeição por perspectiva, homens ou animaes, pois tinha o monstro uma capacidade formidavel de deglutição. Escondida a cabeça, punha o bicharoco dez a doze pés de cauda fóra da tona, e zurzia-a horizontalmente varrendo a superficie das aguas e a margem dos alagadiços com tanta violencia que nada lhe resistia. A presa agarrada era suffocada no funda dagua. Era o caso de se perguntar se Archimedes, na defesa de Syracusa, com o seu famoso cabo ou calabrote mecanico que derubava os pelotões romanos não se inspirara nessa manobra, quiçá conhecida sua, de algum minhocão africano congenere do nosso e parente da famosa serpe immensa que se bateu com o exercito de Regulo, segundo Tito Livio.

"Ha pessoas dignas de fé, conta-nos

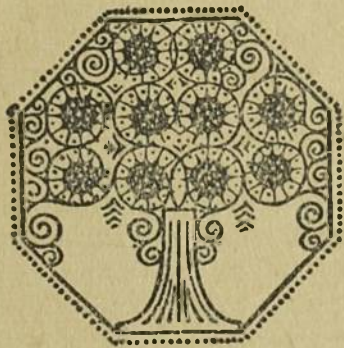
Dampier, que affirmam projectarem taes cobras a cauda na direcção em que percebem a sombra de um homem ou animal sobre a agua, conseguindo os seus intentos frequentemente. As pessoas que precisam approximar-se de seus esconderijos disparam as espingardas de vez em quando para as assustarem. Assim se escondem aterrorizadas. Um irlandez relatou-me que, uns dias antes de minha chegada, quasi fôra seu sogro enlaçado pela cauda de um destes animaes que errara o bote de uma ou duas varas", operação esta que causara enorme pavor ao redivivo velhote, o que se comprehende sem difficuldades, aliás. "Diz-se que taes cobras

têm uma cabeça grande e bons dentes do comprimento de seis pollegadas".

Com receio de que o accusassem de contar casos dignos do famoso barão germanico, resalva o navegante: "Não vi aliás á mór parte destas creaturas de que acabo de falar, mas, de pessoas de bom senso e dignas de fé, habitantes da Bahia e entre ellas algumas comprehendiam o inglez, tive estas informações".

E ainda para que não se duvidasse da authenticidade da graphia de tantos nomes exóticos que acabára de traçar ajuntou: "E' bom avisar que eu escrevo todos estes nomes estrangeiros segundo o modo pelo qual a gente da terra os pronuncia!"

Affonso de E. Taunay.





CURIOSIDADES

PHENOMENOS ESPIRITAS

O jornal catholico inglez "The Universe", de Londres, absolutamente insuspeito de affeições ou tendencias espiritistas, publicou, o mez passado, interessante nota transmittida por um seu correspondente americano, que a transcreveu de um jornal catholico allemão de Chicago, o "Katholischer Wochenblatt".

Trata-se, nada mais nada menos, que da sorprendente narrativa de aparições do espirito corporizado do Papa Pio X, fallecido, como se sabe, ha 8 annos, realisando-se essas aparições, não em sessões ou experiencias de espiritismo, em taes ou quaes centros ou simples salas dessa doutrina, mas no proprio palacio do Vaticano, a sacerdotes illustrados e até mesmo ao proprio actual pontifice, Pio XI.

Essas aparições são coisa realmente possivel?

São. Têm-se registrado numerosas outras, de figuras communs ou notaveis, divergindo apenas, as explicações que sobre ellas bordam scientistas e crentes.

Os scientistas, que estudam esses phenomenos por multiplos aspectos, em regra geral, afastam-se deliberadamente de qualquer idéa ou preocu-

pações religiosas, e procuram explical-os de mil formas, tendendo, a mór parte delles, a attribuil-os a suggestões, allucinações, etc.: affirmam que a apparição reside, apenas, na illusão do visionario, que julga vêr e realmente "vê", figuras de entes mortos, longa ou recentemente, sem que entretanto, essas visões traduzam qualquer facto real ou positivo.

No caso occorrido no Vaticano essa explicação não parece cabivel. Porque o fallecido Papa teria, por exemplo, além de outras vezes, apparecido numa das ante-salas do palacio, "simultaneamente a dez pessoas", padres allemães e austriacos, que alli esperavam o momento de serem recebidos em audiencia pelo Pontifice actualmente reinante.

A illusão, a ser essa uma illusão, teria assim se produzido ao mesmo tempo no espirito de dez pessoas absolutamente não espiritas, nem suggestionadas, e pelo contrario fundamentalmente contrarias e adversas ao Espiritismo, porque sacerdotes catholicos.

Mas, ha mais: pouco depois da apparição de Pio X a esses sacerdotes naquella sala, foram elles introduzidos

à presença de Pio XI e como é natural, contaram-lhe o que haviam visto e ouvido poucos minutos antes, pois ao invés de os dissuadir, de lhes dizer que haviam sido victimas de uma illusão, de um sonho accordado, o Papa respondeu de forma a fazer crer não só que acreditava na apparição, como que já havia ella se manifestado de outra ou outras vezes em palacio.

Assim, Pio X, morto ha já oito annos, teria sido visto no Vaticano pelo Papa actual e por outras pessoas de responsabilidades e de criterio insuspeitavel, como são, por exemplo, os sacerdotes a que se refere a local do "Katholischer Wochenblatt", de Chicago, escripta por um delles, membro da Companhia de Jesus.

Os espiritas, naturalmente, nenhuma objecção farão a essa narrativa.

Haverão explical-a como de seu credo.

Mas, os catholicos, como a explicarão?

Elles combatem formal e intransigentemente o Espiritismo. Sabe-se isso. Convem, no entanto, frizar que o combatem como religião e como pratica, entre outros motivos, porque a doutrina de que a Igreja — guarda, prohibe, terminantemente, a evocação das almas dos defuntos para que se manifestem em commercio com os vivos, em materializações, em signaes materiaes, por batimentos ou pancadas de mesas ou quaesquer outros objectos, ou sequer por interferencia de "mediums" em que se encarnariam e pela bocca ou escripta dos quaes falassem.

Prohibindo e condemnando sob as mais severas penas quantos se entregam às praticas espiritas, a Igreja mesmo quando attribue certos phenomenos espiritas a manifestações diabolicas, não nega, de facto, a possibilidade das apparições de almas eleitas; e mesmo registram-se muitas, reconhecendo que as apparições dessas almas eleitas estão no plano divino. A Historia Sagrada, do Antigo e do Novo Testamento, está cheia dessas apparições, que as Escripturas testemunham veridicas.

Reconhece a Igreja tambem comprovadamente veridicas as apparições de

santos a pessoas tambem santamente virtuosas; e sobre todas registra e commemora nas solemnidades de seus templos as maravilhosas apparições de Maria Santissima á pastorinha Bernadette Soubiroux, em Londres.

Muito diversas são essas apparições das que os espiritas registram nos annaes de seu credo, porque se produziram miraculosamente, por vontade divina, e não obedientes á imposição da vontade humana, como no caso das evocações.

Admittido isso, os catholicos não poderão negar possibilidades do phenomeno que o "Katholischer Wochenblatt" refere occorrido no Vaticano. Maximé quando a narrativa, sobre ser publicada num jornal catholico de responsabilidade, e reproduzida em outro de responsabilidade não menor, como "The Universe", de Londres, é divulgada por um sacerdote da respeitavel e austera Companhia de Jesus.

Passamos, porém, a transcrever a interessante nota, que desejariamos ver commentada por nossos collegas de imprensa catholica.

Reproduzimos-a da versão de The Universe, de Londres, edição de 2 de Fevereiro recem-findo.

Para mais frizar a responsabilidade da fonte em que o colhemos, basta frizar que The Universe vae já no 62.º anno de publicação, e o autor da nota do Katholischer Wochenblatt, de Chicago, é o R. Padre Luiz G. Bonvin, S. J.:

"Extranho caso de uma apparição do Papa Pio X no Vaticano" é narrado por um jesuita de Buffalo, em um jornal catholico allemão de Chicago.

O padre Luiz G. Bonvin, S. J., de S. Miguel, Buffalo N. Y., escrevendo ao Katholischer Wochenblatt, narra o seguinte:

— "A irmã M. Edith, que até recentemente exercia sua actividade aqui, em Buffalo e proximidades, escreveu as suas superiores a 22 de outubro de 1922, de Remagen, Alemanha:

"Hontem esteve aqui um irmão

oblata, e falámos sobre o lamentavel tempo que curtimos.

Elle, então, contou-me um caso de data recente, que ouviu do bispo auxiliar de Trèves, o qual por sua vez ouvira-o de um de seus padres que delle fora testemunha occular.

Dez sacerdotes allemães e austriacos achavam-se recentemente em Roma, e aguardavam ser recebidos em audiencia pelo papa Pio XI.

Emquanto esperavam na ante-sala, a porta abriu-se e surgiu deante delles o fallecido para Pio X, que morrera havia oito annos.

Os padres ficaram estupefactos, porque reconheceram-n'o no mesmo instante.

O papa se voltou para elles, e dirigindo-lhes a palavra, disse-lhes:

— “Estes desgraçados tempos serão outros dentro de dois annos”.

E desapareceu.

Emquanto se achavam sob o effeito da apparição, os padres foram chamados para relatar o occorrido ao pontifice reinante, que lhes notou a perturbação e perguntou-lhes o motivo. Um dos padres relatou o occorrido ao papa e este respondeu simplesmente:

— Assim, ahi está elle de novo...

O padre Bovin commenta então o

caso lembrando, que, não ha duvida, não se deve julgar superficial e irreflectidamente os casos de “aparições sobrenaturaes”, maximé quando se produzem ellas assim, com testemunhas de vista. Não temos agora de opinar sobre simples boatos ou rumores sem base, mas sobre narrativas de conhecidos religiosos que, na mesma carta, referem o fato e affirmam que a fonte das informações que prestam é absolutamente veraz.

Ainda a verdade das informações é comprovada com o testemunho de um bispo soberaneamente conhecido.

Os dez padres que presenciaram essa apparição não podem ser suspeitados de se ter deixado cahir victimas de uma illusão, porque elles eram varios e não apenas um, e principalmente porque as palavras proferidas pelo papa actualmente reinante provam indubitavelmente o facto de já se haver reproduzido pelo menos outra apparição do fallecido pontifice no Vaticano.

E conclue a nota do “The Universe”, com a seguinte observação:

— “A apparição do fallecido papa Pio X e as palavras por elle pronunciadas devem ser consideradas como um consolo para os afflictos paizes da Europa Central?”

A QUESTÃO DA IDENTIDADE DE SHAKESPEARE

Estaremos em vespas de uma solução definitiva da sempiterna questão shakespeareana? Pergunta um chronista. O “Mercure de France” publica um estudo que se refere ás recentes descobertas do Consul Fabian chefe do serviço cryptographico do exercito americano. Taes descobertas revelar-nos-hiam nada menos que a vida de Francisco Bacon, escripta por elle proprio em linguagem secreta e da qual se depreheende que Bacon não é apenas o verdadeiro autor das obras de Shakespeare, como tambem que escreveu sob o nome de Spencer, de Roberto Green e de Marloe. Tal asserção baseia-se sobre o seguinte facto: Bacon descreveu numa das suas obras um processo crypto-

graphico, que utilizava não signaes convencionaes, mas sim fórmulas differentes de letras maiusculas ou minusculas, direitas ou italicas. Ora, examinando a inscripção sepulcral original de Shakespeare, na igreja de Stratford, datada de 1616, notam-se tres fórmulas de letras, e do mesmo modo se observam diversas fórmulas de letras na inscripção que se encontra por baixo do supposto retrato de Shakespeare, e no frontespicio da edição das suas obras, datada de 1623; interpretando estas diversas fórmulas segundo o processo baconiano, obtem-se precisamente o nome de Francisco Bacon de Verulaniro. O investigador americano não ficou por aqui, mas estendeu as suas investiga-

ções a todas as obras impressas naquelle tempo, em que o emprego de diversas letras podia fazer suppor um texto cryptographico, e com esse meio affirma haver chegado a constituir a verdadeira vida de Bacon. Segundo o estudo a que se entregou o coronel americano, Francisco Bacon teria nascido dos amores de Elisabeth de Inglaterra, a Rainha Donzella ("The Maiden Queen") e do Conde de Leicester. A mãe odiava, porém, o filho e tel-o-ia mandado matar, se Lady Bacon não o tivesse adoptado. Depois de adulto, Bacon teve sempre de lutar contra a inimizade da mãe que lhe preferia outro filho, que tambem tivera do conde de Leicester, Roberto Conde de Essex. Estabeleceu-se uma terrivel rivalidade entre os dois irmãos. Para esquecer as suas desventuras, Bacon entregou-se então a trabalhos scientificos e artisticos; oc-

cultou, porém, a paternidade destes ultimos, porque as obras dramaticas escriptas por elle eram submettidas á mais severa censura e uma unica palavra que pudesse ser allusiva a sua mãe ter-lhe-ia custado uma morte terrivel. O Coronel americano descobriu toda essa historia nos livros do tempo contendo paginas, ás quaes applicou, segundo elle pretende, o systema cryptographico baconiano. Podem, porém, fazer-se algumas objecções. Bacon deveria ter sido o editor de todas estas para lhes poder applicar o seu systema. Ora, algumas dellas apresentam uma data posterior de uns dez annos á da morte de Bacon, que corresponde geralmente á data de 9 de Abril de 1626. A não ser que se haja tambem falsificado a data da morte desta curiosa personagem, que se acha envolvida em tão romanesco mysterio.

QUAL A ILHA DE ROBINSON CRUSOE?

A ilha de Robinson Crusoe de que falla Daniel De Foe existe realmente ou não passa de uma phantasia forjada pelo autor inglez?

E' um ponto que a critica, que tudo explora e analisa, não deixou de estudar, fornecendo, como de costume, numerosos argumentos. Desde 1719, anno em que foi publicado o celebre romance de De Foe, os criticos inglezes têm feito varias tentativas para identificar a famosa ilha deserta. Alguns affirmam que foi a famosa ilha de Juan Fernandez, perdida no Oceano Pacifico, em frente á costa chilena, que Robinson Crusoe foi atirado pela tempestade. Mas essa hypothese prova uma ignorancia total do romance, pois Robinson embarca no Brasil para ir á costa da Africa comprar escravos e é durante a travessia do Atlantico que o seu navio sossobra. Houve, entretanto, um homem que viveu só mais de quatro annos na ilha de Juan Fernandez: o marinheiro escossez Alexandre Selkirk, cujas aventuras foram conhecidas de todo o Reino Unido, nos primeiros annos do seculo XVIII.

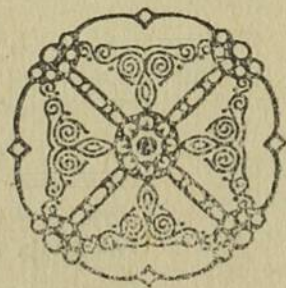
Outros criticos, mais logicos e mais verosimeis, adoptaram a pequena ilha de Tobago, nas Antilhas. Elles pretendem que a costa longinqua que Robinson Crusoe avistava nas brumas do horizonte maritimo é a Ilha da Trindade. Certos geographos como Vivien de Saint Martin, no seu "Novo Dictionario de Geographia Universal" (VI, 289) e Elysée Reclus, no seu livro "L'Amérique du Sud" (I, 72) manifestam-se da mesma opinião. O governador de Tobago, orgulhoso desta honra conferida á sua pequena ilha, quiz, á sua vez, fornecer provas mais cabaes, indo até a affirmar, em um artigo publicado pelo "Times", de 2 de Fevereiro de 1901, que tinha descoberto a caverna de Robinson, e, cavando o sólo, achado o esqueleto do bóde que o famoso solitario enterrára, não hesitando em accrescentar que tinha "encontrado numa praia de Tobago algumas pisadas de Sexta-feira..." Semelhantes disparates longe de desconsiderar o governador despertaram um certo interesse, o famoso esqueleto sendo mesino

exposto na Exposição Universal de Chicago em 1893. Ha poucos annos, dous criticos inglezes, A. Hyatt Verrill e Chifford Howard, resumiram em artigos de revista as principaes hypotheses em presença, e, impressionados pelas provas materiaes que acabamos de assignalar, concluíram sem hesitação a favor de Tobago. ("Mercure de France", Maio e Junho de 1922).

Das alturas em que elle se acha, Daniel De Foe deve sorrir dessas hypotheses e dessas discussões. O illustre escriptor tinha por costume mystificar os seus leitores, publicando falsas memorias que apresentava como authenticas. Robinson e Sexta Feira nasceram na imaginação de De Foe, assim como o bode de que tanto se fallou. A historia do marujo escossez da ilha de Juan Fernandez forneceu-lhe talvez a idéa central de seu celebre romance. Para identificar com certeza no mappa do globo a ilha onde Robinson passou 28 annos, 2 mezes e 19 dias basta lêr com attenção as duas primeiras par-

tes do romance. O proprio titulo da obra é bastante significativo: "Vida e Aventuras Extranhas e Surprehendentes de Robinson Crusoe, nativo de York, marinheiro, que viveu 28 annos só em uma ilha deserta da costa da America, "perto da embocadura do rio Orenoco". Ora, em setembro de 1659, data do naufragio, a ilha de Tobago não era deserta; havia 20 annos que os holandezes tinham formado alli um pequeno nucleo de habitantes. Basta este facto e a situação de Tobago, muito distante do Orenoco, para arruinar esta these, baseada sobre frageis raciocinios.

Daniel De Foe conhecia bastante a geographia da America do Sul para não indicar mais claramente a ilha de Tobago, se quizesse que fosse ella o theatro das aventuras de Robinson, e, na realidade, a ilha do solitario é uma simples imaginação do autor, em que elle poudé, em toda liberdade, fazer viver o seu immortal herói.



AS CARICACTURAS DO MEZ

PELOS CABELLOS



- Porque voltou a andar de cabelo cortado á *gigolette*?
- Porque acho muito *páo*, de cabelleira.

(“D. Quixote” — Rio)

AS "MENAGES" MODERNAS



- E' calúnia. Pois então agora é que eu ia arranjar um amante?
— E então? Não estás em vésperas de casar?

(*"D. Quixote" — Rio*)

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

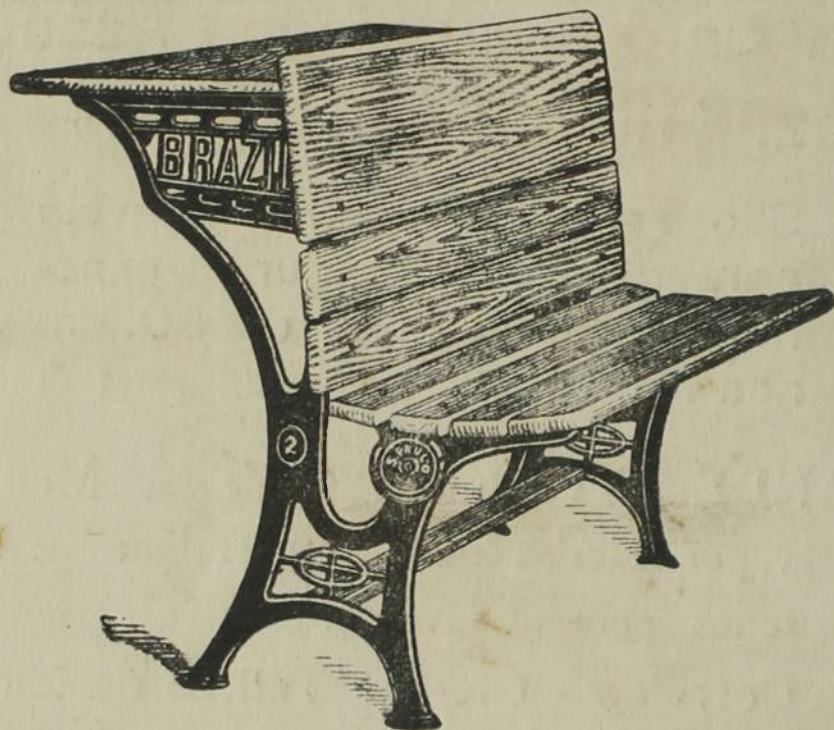
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua Florencio de Abreu, 112 - S. Paulo

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Tel. Cid. 1216

SÃO PAULO